

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Marcio Edovilson Arcas

SOMOS IGUAIS A VOCÊ (!?):

Sobre fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon em Santa Fé do Sul/SP

Paranaíba/MS

2022

Marcio Edovilson Arcas

SOMOS IGUAIS A VOCÊ (!?)

Sobre fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon em Santa Fé do Sul/SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, Linguagem e Sociedade, vinculada à Linha de Pesquisa História, Sociedade e Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes

Paranaíba/MS

2022

A698s Arcas, Marcio Edovilson

Somos iguais a você (!?) : sobre fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon em Santa Fé do Sul/SP / Marcio Edovilson Arcas. – Paranaíba, MS: UEMS, 2022. 127 p.

Dissertação (Mestrado) – Educação – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes.

1. Ciganos Calon 2. Identidade 3. Discriminações I. Paes, Ademilson Batista II. Título

CDD 23. ed. - 305.9

MARCIO EDOVILSON ARCAS

SOMOS IGUAIS A VOCÊ (!?)

Sobre fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon em Santa Fé do Sul/SP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 13/04/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes (Orientador)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Carlos Eduardo França

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Participação por videoconferência

Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - Participação por videoconferência

Dedico este trabalho à minha esposa, parceira e amiga, sem ela não sou nada, e ao meu filho, para quem luto por um mundo melhor.

Dedico, ainda, a todos os rom, para que no futuro escrevam sobre suas lutas e vitórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colaboradores Mike, Sebastião e Oscar e seus familiares, Dona Vera, Jociara, João e Comandante, pelos momentos em que estive com eles, pois me ensinaram muito mais do que consegui transpor neste trabalho.

Ao Cleone, por sua amizade e seu exemplo de superação.

Às doutoras Lhuba e Miriam, que me atenderam de forma magnífica e me forneceram documentos sem os quais não teria conseguido nem começar este trabalho.

Aos meus amigos de mestrado, Prof. José Renato Sessiano, Prof. Carlos Waidemam, Prof^a. Josélia Aparecida Pires Vicente e Prof. Diego Silva, pois me auxiliaram de diversas maneiras, cada um do seu jeito e ao seu modo, com valores inestimáveis.

Aos professores que participaram da minha banca de qualificação, pois com suas contribuições deram “a liga” que faltava para o meu texto final.

Ao Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, pois graças às suas aulas sou um professor melhor, graças aos seus conselhos e advertências sou um pesquisador em início de carreira.

À CAPES, pela bolsa que junto com o Programa forneceu os recursos financeiros necessários.

Não me vejo feito fera
Muito menos anjo
Eu quem faço meu destino
Traço os meus planos
Sei que meu sexto sentido
Não vai me trair
(...)
As leis dos meus olhos
São feitas por mim
Até na mesma mão
Os dedos não são iguais

(Zé Ramalho - Corações Animais)

ARCAS, Marcio E. SOMOS IGUAIS A VOCÊ (!?): Sobre fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon em Santa Fé do Sul/SP. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2021.

RESUMO

A presente dissertação está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação Brasileira e à linha de pesquisa História, Sociedade e Educação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Trata sobre a fixação, alteridade e escolarização dos rom (ciganos) calon, estabelecidos em Santa Fé do Sul/SP em um processo que teve início na década de 1950, os calon, um dos sete grupos rom (ciganos), passaram por diversas transformações devido à alteridade. Nesse tempo, houve mudanças nos hábitos, na espiritualidade e nas formas com que as novas gerações se relacionam com os phurê (mais velhos). Além disso, mesmo com tanto tempo fixados na cidade eles continuam passando despercebidos pelo poder público, inomináveis, invisíveis, são considerados indesejados em muitos lugares e muitas vezes tratados como monstros. Este trabalho se propõe a explicar o processo de fixação do grupo na cidade e suas consequências, discutindo o papel que a escolarização tem desempenhado na vida destas pessoas. Para cumprir tais objetivos, foi utilizada a História Cultural com aportes da História Oral. Dessa forma, foram entrevistados sujeitos do grupo, convidados a responder questões relacionadas à sua cultura, ao choque cultural, às discriminações que sofreram e por que a escolha desta cidade para morar.

Palavras-chave: Ciganos Calon. Identidade. Discriminações.

ABSTRACT

This dissertation is linked to the Study and Research Group in History and Historiography of Brazilian Education and to the History, Society and Education research line of the Stricto Sensu Graduate Program in Education at the State University of Mato Grosso do Sul. fixation, alterity and schooling of the rom (gypsies) calon, established in Santa Fé do Sul/SP in a process that began in the 1950s, the calon, one of the seven rom (gypsies) groups, underwent several transformations due to alterity . At that time, there were changes in habits, spirituality and in the ways in which the new generations relate to the phurê (older people). In addition, even with so much time fixed in the city, they continue to go unnoticed by the public power, nameless, invisible, they are considered unwanted in many places and often treated as monsters. This work proposes to explain the process of fixing the group in the city and its consequences, discussing the role that schooling has played in the lives of these people. To fulfill these objectives, Cultural History was used with contributions from Oral History. In this way, subjects of the group were interviewed, invited to answer questions related to their culture, cultural shock, discrimination they suffered and why they chose this city to live.

Keywords: Gypsies Calon, Identity, Discrimination.

LISTA DE IMAGENS

LISTA DE IMAGENS	8
IMAGEM 1: Barô Romanô (chefe Cigano).	30
IMAGEM 2 – Senhor Oscar	32
IMAGEM 4 - documentos apresentados pelo senhor Sebastião	50
IMAGEM 6 - CARTA: Abial romanô (Casamento Cigano)	62
IMAGEM 8- Sara Kali	65
IMAGEM 9 - CARTA: Chau Le Dieuleske (Filho de Deus).	67
IMAGEM 10 - CARTA: Thechul Romanô - (Cruz de Ouro perto de você, que Deus te leve).	68
IMAGEM 11 - CARTA: Glate Romaní (Crianças Ciganas)	69
IMAGEM 12 - CARTA: Kumpania Romaí (Sociedade Cigana)	70
IMAGEM 13 - CARTA: Thiera Romaí (Barraca Cigana).	71
IMAGEM 14 - CARTA: Rubia Thieumitz (Prisão).	72
IMAGEM 15 - CARTA: Arakaimôs Le Romengo (Surgimento dos Ciganos).	76
IMAGEM 16 - Deusa do Tempo, Criação, Destruição e Poder Membro dos Dez Mahavidyas.	77
IMAGEM 17– DEBRET – Família de ciganos.	83
Interior de uma Casa de Ciganos – 1823 - de Jean-Baptiste Debret.	83
IMAGEM 18 - Esmeralda dando água a Quasimodo.	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
ESTRUTURA DA PESQUISA	14
HISTÓRIA CULTURAL E APORTES DA HISTÓRIA ORAL	18
1	25
1.1	30
1.1.1	31
1.1.2	40
1.1.3	44
1.1.4 Como os calon definem sua identidade	47
1.2 CULTURA CALON – REPRESENTAÇÕES – AS MULHERES (CALIN)	55
1.2.1 A Cajin	61
1.3 BREVE ANÁLISE SOBRE AS CARTAS CIGANAS	65
2	73
2.1	73
2.2 COMO OS CIGANOS SE TORNARAM BRASILEIROS	81
3	988
3.1	999
3.2 SOMOS TÃO DIFERENTES? POR QUE ELE SE TORNOU UM MONSTRO?	103
3.3 CURRÍCULO EXCLUDENTE - A ESCOLA QUE FORMA (NA FORMA)	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICE A - NOTAS SOBRE SANTA SARA	126
APÊNDICE B - GRUPOS ROM	128

INTRODUÇÃO

A boca só se cala quando o tiro acerta
 Eu sou o sangue e o defunto no chão da favela
 A oração da tia sem comida
 O mendigo com a perna cheia de ferida
 Eu rimo o ladrão que mata o playboy
 O viciado que toma tiro do gambé do GOE
 O detento que corta o pescoço do refém
 O alcoólatra no bar bebendo 51 também
 Canto a história do traficante
 Do ladrão no banco bebendo seu sangue
 Do moleque com a testa no muro da Febem
 Do nordestino tomando sopa na cetem
 Canto do corpo que boia decomposto no rio (...)
 Minha voz está no ar.
 (FACÇÃO CENTRAL)

Minha história de vida está estritamente ligada aos rom¹, nasci em Santa Fé do Sul-SP no bairro São Francisco, região escolhida para fixação de famílias do grupo calon. Meu avô, o sargento Antônio Arcas, era amigo de vários ciganos, a casa que pertencia à minha família havia sido adquirida do Sr. Vanderlei Cigano. Na época (entre os anos 1980 e 1990), poucas casas possuíam telefone fixo, logo, os ciganos usavam o telefone dos meus avós para ligar para seus parentes de outras cidades, quando meu avô começou a sofrer os primeiros sintomas da ‘úlceras nervosa’, foram os calon Mike e seu irmão Tatau que o levaram de carro até um médico especialista em São Paulo à 600 km de distância.

A primeira casa que meus pais alugaram logo que passaram a morar juntos era do Mike, uma pequena casa ao lado de seu sobrado. Meus pais são padrinhos de batismo do filho mais velho do Tatau, o Glenda. Minha mãe enquanto me amamentava foi mãe de leite de um cigano, o Robson. Assim, as relações são várias e mesmo sendo tão próximos, os ciganos sempre foram tratados como o outro, mas essa reflexão só foi possível após minhas pesquisas para o mestrado.

Minha relação com eles não para nesses laços de vizinhança, fui aluno da escola do bairro São Francisco, portanto, convivi com vários alunos ciganos. Logo que concluí o Ensino Médio e, depois, cursava a faculdade de História em Fernandópolis-SP quando fui secretário de três escolas municipais que atendiam ciganos. Na E. M. Cirley Volpe Lopes, situada na Cohab Beira Rio, ‘Neto’ e ‘Natanael’ eram companhias constantes na minha sala, quando não

¹ Rom, segundo a cigana Miriam Stanescon (2007a), é o equivalente ao substantivo cigano na Língua Romani (língua dos rom).

gostavam da disciplina me procuravam para ensiná-los a ler e escrever ou para jogar conversa fora (como eles diziam).

Depois, como professor de humanidades, trabalhei em várias escolas da cidade de Santa Fé do Sul-SP e região e sempre tive rom nas fileiras de carteiras.

Fiquei praticamente todo o ano de 2016 e parte de 2017 morando em Cascais, Portugal, lá tive contato com ciganos. Notava a diferença deles com os ciganos do Brasil e até comentei com Raul, um rom que trabalhava como empacotador em um mercado da Rede Pingo Doce na região do Baixo Chiado, algumas diferenças nos vestuários, dialeto e físico (alguns ciganos que moravam em Portugal eram extremamente altos). Naquele momento, eu desconhecia a complexa rede de grupos substanciados como ciganos, pensava que todos os ciganos preservavam uma única cultura.

Nunca pensei em escrever sobre os rom e mesmo antes das pesquisas usava somente o substantivo cigano que, como veremos, está sendo substituído. Sinceramente, demorei em entender a riqueza de sua cultura, o preconceito e a comodidade com a invisibilidade e camuflagem a eles destinada, pois a maneira tradicional de enxergar a história (e a sociedade) tapou meus olhos por um bom tempo.

Situação que começou a mudar a partir do meu ingresso como aluno do Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Em um primeiro momento eu havia indicado um trabalho de pesquisa que visava à elaboração de metodologias de ensino baseadas no modelo de ‘sala de aula invertida’, mas por sorte meu orientador, professor doutor Ademilson Batista Paes, perguntou se não tinha interesse em trabalhar com outras perspectivas.

O professor me informou sobre sua trajetória de trabalhos no campo da História Cultural e da História Oral, então, mencionei os ciganos santa-fé-sulenses e de imediato fui encorajado a iniciar uma pesquisa. Como nos ensina a Professora Tania Regina de Luca (2020, p. 64) em *Práticas de Pesquisa em História*: “Noutros termos, pode-se aprender a gostar ou se interessar por aquilo que se tem à disposição. Assim, a nossa atenção também é atraída pelo que nos é apresentado [...]”. No meu caso, o objeto fazia parte da minha história e, por isso, estudar os calon e sua fixação tem sido uma busca por explicações diretamente ligadas ao meu mundo.

Foram as pesquisas no Portal de Periódicos e no Portal de Teses e Dissertações Defendidas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que me apresentaram um universo cultural no qual mesmo eu estando muito perto, sempre estive muito distante.

As primeiras leituras me serviram de base para conversas com um aluno do nono ano, de origem calon, que se mostrava curioso para questões sobre seu povo. Conforme eu descobria peculiaridades sobre os rom, contava para ele e, em nossas conversas, incentivava-o a ser um historiador cigano, algo que torço para que um dia se concretize.

Pesquisei em teses, artigos e livros que tivessem ciganos por objeto de estudo por volta de dez meses e quando discutia com meu orientador a estrutura do meu projeto veio a confirmação da chegada da Covid-19 no Brasil, seguido do distanciamento social e todas as medidas sanitárias necessárias (março de 2020). A partir disso, todo meu trabalho se tornou uma incógnita, como realizar entrevistas com idosos em um período pandêmico?

Um dos meus principais contatos, o Urbano, faleceu em 12 de março de 2021; ele era meu elo com integrantes mais velhos da comunidade. Infelizmente ele não foi o único em 2020, outros também foram vitimados pelo vírus que até o momento já ceifou a vida de mais de 645 mil brasileiros (fevereiro de 2022).

A incerteza sobre a possível realização das entrevistas chegou a me levar a cogitar em abandonar o objeto e propor algum tipo de pesquisa que não tivesse contato com pessoas. As entrevistas com o grupo foram o maior desafio, as questões relacionadas à pandemia pensaram muito me obrigando por várias vezes a desmarcar encontros. Nos momentos seguintes algumas pessoas morreram, por isso, esta pesquisa tem sido redigida tendo o luto como cotidiano.

No dia 27 de setembro de 2020, fui atendido por horas pela rom do clã Kalderesh, Lhuba Batuli, advogada e filha da senhora Miriam Stanescon, militante dos direitos ciganos e fundadora da Fundação Santa Sara Kali. Tive uma verdadeira aula sobre a visão de mundo que elas têm e recebi um livro e um jogo de cartas ciganas. Este contato foi um divisor de águas na minha pesquisa, percebi o quanto alguns pesquisadores não levaram em consideração a perspectiva dos rom sobre suas histórias, por esse motivo, pretendo, conforme meus limites, contribuir para que a visão deles possa ser contemplada.

Desde então, aprofundi meus estudos sobre a História Cultural e as mudanças que dela se originaram na produção em História e, principalmente, busquei autores e teóricos da História Oral para entender o método e planejar como se dariam as entrevistas e não só isso, mas qual seria o peso destas no meu trabalho.

Busquei ainda respostas em órgãos públicos e instituições do município e região que atendem os membros do clã para propor discussões sobre como tem sido a fixação dos ciganos na região.

Com o que foi levantado, posso afirmar que os ciganos do grupo pesquisado não fogem dos mesmos processos discriminatórios encontrados em diversas regiões do mundo, que a

fixação mudou profundamente várias características culturais do grupo, mas ainda existem traços dessa cultura que são presentes.

Estas rupturas e permanências foram abordadas no decorrer deste texto, assim como discussões acerca da origem dos ciganos, os diversos grupos que têm sido nomeados como ciganos, como migraram para o Brasil e, por conseguinte, para a região noroeste do Estado de São Paulo e, por fim, aspectos de sua tradição oral, memória e como a escolarização tem influenciado este grupo específico.

Nas entrevistas, procurei entender como os membros do grupo se definem, por quais motivos escolheram a cidade para morar e quais rupturas com suas tradições são acusadas por eles. Durante as entrevistas, os impactos do coronavírus não puderam ser evitados, o distanciamento dos membros do clã foi necessário e isso é visto por eles como algo grave, uma vez que ser cigano é viver entre os ciganos, estar no grupo tem implicações diretas na formação dos sujeitos e das estruturas do grupo.

Em Santa Fé do Sul-SP é muito fácil encontrar algum rom do clã calon, no bairro São Francisco residiam os mais velhos (phurê) do grupo. Fixados na cidade há décadas, muitos membros do clã mesclaram os hábitos calon com cultura do gadje (não-cigano) santa-fé-sulense. Encontramos ciganos nos cursos superiores das faculdades locais, ciganos funcionários públicos, com empreendimentos comerciais, trabalhando como autônomos, embora muitos ainda mantenham “as viagens” comerciais como principal fonte de renda.

Várias escolas da cidade e região recebem alunos ciganos e, diferente de outras culturas (japoneses, espanhóis, italianos, portugueses, alemães) não há atividades culturais específicas voltadas ou que façam menção aos ciganos. Dentre as diversas práticas pedagógicas possíveis, não há esforço algum em atender de forma especial as crianças de famílias calon cujos pais ainda desenvolvem algum tipo de comércio que os façam se ausentar da cidade. Pelo contrário, no município, o único requisito para as reprovações escolares são as faltas e evasões, com isso, entre os alunos ‘repetentes’ há várias crianças e jovens calon na lista.

Em matéria publicada no portal Uol, Ingrid Matuoka (2018) fez várias considerações referentes ao processo de escolarização. Entre elas, enfatiza o descaso das autoridades em cumprir direitos conquistados pelos ciganos, como o de não terem que comprovar endereço para a matrícula escolar e de receberem atenção especial devido ao estilo nômade da cultura.

Conhecidos pelo estilo de vida diferente, roupas coloridas, maquiagens fortes, pinta (tatuagem) no rosto, dialeto próprio e sotaques (oriundos no romani), também são marcados pelos tipos de comércios que desenvolvem e pelo ambiente violento do qual estão cercados. Uma breve pesquisa com a palavra ciganos nos jornais locais acusa várias menções nas páginas

policiais. Fiz uma análise destas matérias jornalísticas com base nas entrevistas orais feitas com membros do clã.

Assim como outras histórias encobertas, a chegada dos ciganos não é mencionada nas inúmeras obras de arte espalhadas pela cidade (monumentos que têm a pretensão de mostrar como diversas famílias tiveram participação importante na sua fundação) e tampouco há algum tipo de esforço para entendimento e/ou preservação de sua cultura.

Na cidade, percebemos que quando algum cigano consegue algum tipo de ascensão social precisa tomar algumas decisões muito difíceis, ele “rompe com a sua cultura”, procura camuflar suas origens ou lida com o preconceito que o coloca em desvantagem em relação aos profissionais gadje, como indicam autores que estudam grupos ciganos (MATUOKA, 2018; ARISTICTH, 1995; MOONEN, 2011). Os que procuram preservar seus traços culturais sofrem muito preconceito, tais como a dentista cigana, o advogado cigano, o engenheiro cigano, demonstrando que a sua origem é usada como fator para menosprezar sua capacidade técnica.

ESTRUTURA DA PESQUISA

Conversar com os calon não foi empecilho em nenhum momento desta pesquisa, pelo contrário, sempre se mostraram atenciosos e dispostos a conversar sobre quaisquer assuntos, situação que não foi compartilhada nos órgãos públicos quando percebem que o objeto da pesquisa são os ciganos.

Um dos museus da cidade não conseguiu encontrar fotos antigas cedidas pelo senhor Oscar cigano há anos, nas Secretarias de Educação das cidades da região são invisibilizados, passa-se até a impressão de que não frequentam as escolas, o mesmo serve para a Assistência Social de Santa Fé do Sul-SP. Neste órgão, enquanto procurava pelo responsável na sala de espera estavam duas mães calin com seus filhos buscando apoio, mas como não há nenhum tipo de política pública voltada para os calon, não existem registros que possam ser materializados em documentos.

Para que políticas assertivas sejam implantadas, faz-se necessário que sejam práticas direcionadas desde a triagem para conseguirem mapear os problemas do grupo e, principalmente, especialização dos servidores públicos, já que os calon assim como demais rom têm especificidades culturais que precisam ser levadas em consideração para que de fato seus direitos sejam garantidos.

Na busca de conceitos e definições sobre o objeto pesquisado foi realizada pesquisa em busca de outros trabalhos semelhantes, que apresentassem discussões acerca da identidade, memória, escolarização, tradição oral, tradição corporal, moral e costumes, entre outros.

Como não há nada específico sobre o tema, foi possível utilizar o traçado das origens dos ciganos, suas lendas e mitos fundadores e como os não-ciganos (gadje) criaram outros mitos e lendas que, no decorrer dos séculos, serviram como pretexto para as perseguições vivenciadas pelos diversos grupos identificados como ciganos (rom).

Para tal, utilizei as ferramentas de pesquisa virtuais disponibilizadas pela Capes e pelos institutos que atendem ciganos no Brasil, Portugal e Espanha. Com vários materiais coletados comecei a definir os conceitos e principalmente a aprofundar em várias discussões que os autores levantados apresentavam.

Destas fontes destaco, em especial, a noção que os rom têm sobre o Estado e as Leis (Ferrari, 2011), a tradição corporal e a cultura ágrafa dos ciganos (Hilkner, 2008), as migrações ciganas (Aristich, 1995), a presença cigana na Península Ibérica (Fraser, 1995; Miceli, 2008; Aguirre, 2006), a chegada dos ciganos no Brasil (Donavan, 1992; Pieroni, 2006), as perseguições e migrações dos ciganos no território brasileiro (Teixeira, 2008), a presença cigana no Brasil (Cairus, 2006), questões culturais e perseguições sofridas por ciganos (Andrade Júnior, 2013; Ferrari, 2006), políticas públicas e presença cigana nas escolas (Casa-Nova, 2014; Bastos, 2012).

Procurei entrar em contato com produções de rom, logo, os trabalhos da senhora Miriam Stanescon (2007a, 2007b), o rom francês Jean Biarnès (1970), Jordana Aristich (1995) e sites de diversos grupos de clãs rom no Brasil, Portugal e Espanha, serviram-me de aporte teórico sobre a visão dos ciganos.

No decorrer do trabalho apresento o resultado das entrevistas com membros do grupo objetivado, observo que há uma resistência das mulheres idosas para participar formalmente de uma entrevista, o que já é rompido com mulheres mais novas do grupo. No mais, que este trabalho sirva de registro e incentivo tendo em vista que o grupo é muito aberto ao diálogo, quando respeitados tratam os demais com toda cordialidade e hospitalidade, em todos os momentos em que estive com essas pessoas, em suas casas ou em outros espaços, fui bem tratado.

Para propor uma cartografia sobre a presença do cigano no Brasil desde sua chegada, fixação e novas rotas estabelecidas a partir de Santa Fé do Sul-SP tive acesso a outras pesquisas que abordavam discussões sobre a origem dos ciganos, a divisão dos ciganos em grupos (clãs), diversas violências vivenciadas pelos ciganos na história (anticiganismo), como os ciganos têm

sido representados nas artes em específico na literatura e, por fim, as rotas comerciais dos ciganos no Brasil.

Fica latente nesta parte que os grupos nomeados como ciganos são fortemente marcados pela itinerância e o estilo de vida nômade, resultados de perseguições, habilidades comerciais e princípios morais norteados pela noção de liberdade dos ciganos. Estas perseguições ocorreram em diversas partes do mundo, em diferentes períodos e momentos históricos, seus vestígios podem ser encontrados em documentos, elaborações de leis, decretos e punições, sendo também mencionados na forma pejorativa que têm sido relatados nas artes e literatura.

Todo o ódio aos ciganos (anticiganismo) e suas rotas comerciais contribuíram para que aportassem no Brasil e aqui se espalhassem por várias regiões, tendo em Santa Fé do Sul-SP, dado o seu posicionamento geográfico, congruência dos estados de Mato Grosso do Sul (MS), Goiás (GO), Minas Gerais (MG) e São Paulo (SP) e a necessidade de fixação, os ingredientes para fixação de parte do grupo.

Além disso, procuro discutir sobre a presença do cigano na formação da cidade de Santa Fé do Sul. Apresento aspectos culturais do bairro que contou com maior parte do grupo cigano na cidade, trato da relação que eles desenvolveram com os demais moradores, como a negligência da história local camufla a história dos calon e demais momentos históricos vivenciados por moradores do local, e, ainda, como o preconceito e estigma do cigano trouxe consequência direta para todos os moradores do bairro.

Para tanto, busquei fontes em estabelecimentos de ensino, cartórios, delegacias, jornais locais, assistência social e demais instituições que atendem ciganos na região para conseguir estabelecer relação entre os relatos orais com a História Oficial que é construída na cidade. No entanto, esbarrei na burocracia e na ineficiência do Estado, ao ponto que a Secretária da Cultura extraviou fotos da família do Senhor Oscar (um dos entrevistados) as quais foram entregues há alguns anos para funcionários públicos para um projeto do então prefeito Itamar Borges. Na Secretária de Educação deixaram bem claro que não há nenhum tipo de registro específico sobre ciganos, o mesmo argumento é utilizado pela Assistência Social e em ambos os casos, acusam as antigas administrações por não terem feito nada sobre, no entanto, também não estão dispostos a agir de forma diferente.

Procurei aprofundar aspectos culturais dos ciganos calon, como se relacionam com o Estado e as Leis, como é a moral cigana em relação ao emprego, casamento, educação dos filhos e comércio com os não-ciganos. Abordando estes pontos, em dado momento, levanto a discussão sobre os riscos que a tradição oral cigana, bem como a corporal, assim como outros traços de sua oralidade têm de se perder com o tempo, seja pela fixação que resulta em maior

contato com o universo gadje, seja pelo acesso dos mais jovens à educação e as novas práticas sociais resultantes do uso da internet e suas redes sociais *online* (o que com a pandemia obrigou a toda comunidade de algum modo a ficar limitada ao contato por redes sociais).

Com a pergunta de corte² foi possível estabelecer como estes membros explicam sua fixação na cidade (em meados do final da década de 1950, os primeiros acampamentos até meados do fim dos anos 1980, com a aquisição das casas mais antigas). A partir disso, são direcionados para os seguintes levantamentos: o que é ser cigano, como se relacionam com os demais moradores da cidade, e quais aspectos de sua cultura percebem que se perderam e estão se perdendo no tempo (aqui procuro entender quais rupturas e permanências são percebidas por estes membros). Uma vez que o grupo não é heterogêneo, pois se trata de pessoas com idades diferentes, do mesmo grupo, mas de famílias diferentes, com diferentes *status-quo* dentro do clã, de gêneros diferentes e, com a fixação, de ‘religiões’ diferentes.

As conversas foram direcionadas para aspectos morais dos ciganos e como estes, na visão dos colaboradores, influenciam na relação com os não-ciganos e com ciganos que têm abandonado aspectos fundamentais de sua cultura. Nesse ponto, foram levantadas discussões sobre seu estilo de vida itinerante/nômade, a relação com o Estado e as Leis, como driblam situações conflitantes com agentes do Estado, como ocorrem as relações comerciais e o que é o comércio para estes e, por fim, qual a relação da família calon com a educação e qual o valor dado a ela.

Com este conjunto de entrevistas poderão ser levantados aspectos sobre a situação dos idosos ciganos, como estes enxergam o mundo e lidam com a intolerância e discriminação, ainda, se pretendem mudar a relação com os não-ciganos e até estruturas de suas culturas. Todos estes apontamentos pode(rão) ser colocado(s) em perspectiva de diálogo com a historiografia (MEYHY, SEAWRIGHT, 2020).

Assim, esta pesquisa tem como objetivo principal contribuir para a história da presença cigana (Calon) em Santa Fé do Sul-SP. Objetivos específicos: entender os fatores que contribuíram para a sedentarização (fixação); detectar os indicadores de escolarização do grupo de ciganos da cidade, observando se estes sofreram algum avanço com políticas educacionais adotadas no Brasil nos últimos anos; estabelecer um banco de dados a partir da memória de velhos para possibilitar novas pesquisas sobre as características das migrações rom; levantar fatores que apontem o descaso público, os porquês da vulnerabilidade que resultam em uma

² Por que os ciganos escolheram Santa Fé do Sul-SP para se fixarem?

escolarização inadequada; investigar os fatores que contribuem para a perda da memória do grupo, entre tantos outros que possam ser levantados.

As entrevistas tiveram que ser adiadas devido às questões sanitárias impostas pela pandemia, o planejamento inicial era que fossem feitas em meados de agosto de 2020, mas somente com a vacinação dos idosos elas puderam ser realizadas, em julho de 2021. Infelizmente, por atraso e uma política genocida de contaminação em massa provocada pelo governo de Bolsonaro, muito foi perdido. Cada vida ceifada pela Covid-19, cada minuto que perdemos pelos atrasos, sem sombra de dúvida, custarão muito caro para a humanidade.

HISTÓRIA CULTURAL E APORTES DA HISTÓRIA ORAL

Como este trabalho aborda uma cultura ágrafa, a oralidade, junto com a tradição oral que preserva parte das memórias do coletivo, faz-se necessário a busca pelo “simbólico e sua interpretação”, colocando esta pesquisa dentro do que Peter Burke (2008, p. 11 e 32) chamou de “terreno comum dos historiadores culturais”. Burke (2008, p. 88) afirma também que cabe ao historiador cultural criticar os porquês das fontes existirem, tendo em consideração que “[...] esquemas ajudam a perpetuar memórias, sob custo, porém, de sua distorção”.

As considerações de Tania Regina de Luca (2020, p. 29) sobre como as diferentes gerações releem o que foi produzido, atribuindo “outros sentidos e significados”, impossibilitando, assim, que qualquer trabalho cumpra o sentido de buscar uma verdade absoluta, “o passado também comporta múltiplas possibilidades” (p. 30). Assim, não há a visão de uma História como “mestra da vida”, mas sim um discurso marcado pela historicidade.

Carlo Ginzburg (1989) apresentou um novo paradigma nas ciências, reflexo da obra de Giovanni Morelli, um estudioso de pinturas que desenvolveu um método, segundo ele, capaz de diferenciar pinturas falsas e verdadeiras, além de concluir o autor das obras. Influenciando diretamente na criação do personagem Sherlock Holmes de Doyle e nas reflexões iniciais de Freud sobre a psicanálise. O método de Morelli, ao contrário do que era praticado, propunha que os dados ‘marginais’, ou seja, ‘sem importância’, ‘triviais’ eram os que continham as informações necessárias para as conclusões sobre a arte. Tanto Doyle no personagem de Holmes, quanto Freud na metodologia da psicanálise, propõem que os detalhes são relevantes. Trazendo todos estes personagens à tona, Ginzburg (1989) revela o caráter investigativo do historiador.

Em “O queijo e os vermes - O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição”, Ginzburg (2006) tem por objeto um sujeito tido como simples e insignificante pelo positivismo, mas que possuía uma narrativa cosmológica carregada de significados, mostrando que nos detalhes é possível encontrar vários fios distintos que conduziram/construíram aquele sujeito e suas vivências, como propõe o subtítulo.

Portanto, buscar os detalhes é o cerne da pesquisa cultural, na mesma linha, Giovani Levi (2014) aponta características essenciais ao trabalho do historiador: a pesquisa, o resumo e a comunicação.

Uma segunda característica do trabalho dos historiadores é que este se faz em três momentos diferentes. Não é o mesmo momento. O primeiro é investigar. É possível passar anos nos arquivos como muitos de vocês estão fazendo, buscando coisas, desordenadamente, porque a documentação não é organizada pelos historiadores. Para o historiador, é uma quantidade de notas e informações com muitos problemas. Depois, deve-se transformar isso em algo comunicável, que possa ser informado ao leitor. E, antes, é preciso resumir milhares de páginas de anotações, feitas em arquivos, a 200, 250 páginas. São três tarefas: pesquisar, resumir e comunicar (LEVI, 2014, p. 02).

De acordo com Levi (2014) a comunicação é algo crucial para o trabalho, pois a linguagem pode condicionar o público que terá acesso reduzindo o alcance esperado pela pesquisa. Tais preocupações foram aprofundadas por Carlos Sebe (Kamensky; Ribeiro, 2018). Para o autor, a História é pública, desta forma, devemos perguntar sobre a produção: como, de quem, para quem. Sobre a História Oral acrescenta que “[...] a transcrição não é um conceito, mas um processo de transformação de um a outro estado da linguagem”, deixando clara sua preocupação com o tipo de trabalho que será entregue para o público.

Todo trabalho demanda tempo e no caso da pesquisa a escassez de tempo para a produção limita seu alcance, suas conclusões. Sobre estas preocupações Ferreira, Bezerra e Luca (2008, p. 11 e 16) consideram “[...] não é fácil tratar da situação do historiador no tempo em que vivemos cuja marca principal é a rapidez e a intensidade da ruptura”. O tempo para pesquisa fica escasso, prazos com instituições e agências de fomento pressionam, ainda, cada objeto tem suas particularidades que dificultam (ou não) o acesso às fontes, “surge assim um paradoxo: como tratar do tempo – categoria central da reflexão histórica – sem tempo?”.

A questão do tempo, para este trabalho, sofreu com transformações drásticas em sua dinâmica, já que de início, conforme proposta apresentada para a Instituição de Ensino, o mesmo teria suas entrevistas sendo realizadas a partir de agosto de 2020.

Com a Pandemia, as entrevistas foram adiadas, o que não contribuiu como ampliação do tempo, pois o fato de o adiamento e das incertezas relacionadas aos impactos e efeitos do

vírus causaram dúvidas quanto ao procedimento do trabalho que, por depender das entrevistas, teve sua produção, no que tange aos aspectos relacionados à História Oral, estado em estágio de ociosidade. Devido a isso, procurei aprofundar as discussões sobre aspectos culturais do grupo³ e ampliação nas representações dos rom no Ocidente, em especial, com maior interesse pela Literatura Clássica, nacional e internacional.

Todos esses pontos demonstrados são uma construção recente das características e realidades do historiador. O papel de investigador de ‘traços irrelevantes’, preocupado com o público que irá receber o trabalho e com o tempo escasso para o desenvolvimento de todos os passos da pesquisa não era a realidade da historiografia e do historiador do passado.

(...) A história, em particular, era assunto de interesse do segmento seletivo de homens letrados que formavam a elite política e cultural. O resultado do trabalho do historiador não se traduzia em rentabilidade econômica e, sim, simbólica, que significava, especialmente, a consagração entre os pares (FERREIRA; BEZERRA; LUCA, 2008, p. 22).

Hoje, convivemos com paradigmas e conceitos não imagináveis há pouco tempo (nos parâmetros históricos), uma vez que até o conceito de memória, atributo primordial para a história, ganhou novos significados na atualidade.

Desde o rompimento com o modelo de História ‘clássica’ que reproduzia grandes feitos heroicos baseados em fontes oficiais, vemos uma ressignificação da memória e da necessidade dela, na substituição do herói pela história de populares⁴, ou pela busca em entender a mentalidade⁵.

No âmbito mnemônico, contribuições de outras áreas do conhecimento (psiquiatria, psicologia, biologia) influenciam como entendemos o campo da memória.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento ora em transbordamento (LE GOFF, 2013, p. 368).

³ Neste ponto, em específico, procurei entender como se dá a representação do cigano pelo gadje e como os calões entrevistados lidam com esses estigmas.

⁴ Em 1966, *History of Below* (História Vista de Baixo), Edward Palmer Thompson (2001) deu atenção a sujeitos e culturas que até então não faziam parte das discussões. A partir disso, vários outros proeminentes pesquisadores passaram a ‘contar’ outras histórias, visando aos excluídos e derrotados, aqueles que não tinham voz ativa na história tradicional.

⁵ “Certa vez, Michel Foucault criticou os historiadores pelo que chamou de sua “ideia empobrecida do real”, que não deixava lugar para o que é imaginado” (BURKE, 2008, p. 83).

Analisar a memória de um grupo de indivíduos historicamente ‘esquecidos’ consiste em entender quais os interesses por trás desta tentativa de camuflagem e, ainda, mostrar quando esta deu visibilidade para quem não a desejava⁶. Parte desta análise ganha peso com pesquisas sobre ciganos que demonstraram como a literatura e demais artes os apresenta de forma caricata e pejorativa (FAZITO, 2006; FERRARI, 2006). Além do esforço (nada velado) de aniquilá-los em nome de um bem maior (bons costumes, moral cristã, eugenia)⁷.

Para alcançar os objetivos expostos nesta pesquisa, foi utilizada a História Oral como aporte teórico. Sobre este método e sua importância, Portelli (1997a) define:

[...] é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição impossível sem ele. O significado e a ética dos contatos humanos diretos, na experiência do trabalho de campo, são imprescindíveis ao significado e à ética no exercício de nossa profissão. A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças.

Para Portelli (1997a), as fontes orais têm uma credibilidade diferente, pois tratam sobre a memória e esta nem sempre está em sintonia com o discurso oficial; muitas vezes representa uma ‘verdade pessoal’, podendo coincidir com a ‘imaginação’ compartilhada ou não.

Nesse tipo de pesquisa não há imparcialidade, pelo contrário, o entrevistador torna-se parte da narrativa, dele depende o controle do discurso histórico por meio de perguntas, pela seleção do que será ou não transmitido.

Assim, na História Oral não há a figura do sujeito unificado, é escrita em primeira pessoa, como a memória de um indivíduo não pode ser reproduzida em sua totalidade e tampouco verificada em fontes escritas, o trabalho é inconcluso (por diversos fatores).

⁶ No terceiro capítulo foram abordados aspectos deste estranhamento entre o cigano, outro e o morador da cidade, o aluno da escola; a análise dessa alteridade e o choque cultural por ela causado terão por base as contribuições de SKLIAR (2003).

⁷ Neste sentido de discutir sobre o lugar de fala dos excluídos, tive acesso às contribuições da indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010) em “Pode o subalterno falar?” O que ampliou meu sentimento de incômodo em saber que as definições sobre os ciganos e suas culturas não partiram de contribuições de sujeitos dos grupos rom, mas de pesquisadores, bem intencionados ou não, de ações de governos com fins eugenistas e, ainda, por descrições em literaturas e outras formas de artes que em nenhum momento procuraram ser literais.

Na transcrição perde-se muito e cabe ao escritor detalhar, por exemplo, alterações na velocidade da narração que possam determinar a intenção do narrador em camuflar ou escancarar algo, expressões corporais e relatos sobre o ambiente. Esta análise rítmica, de tom e altura de voz, de ambiente, deve procurar entender quais implicações psicológicas aquele momento reflete na narrativa e demonstrar isso no texto é uma das missões do entrevistador.

A História Oral, possível graças aos gravadores, que se popularizam a partir de meados do século passado, ao que se acresceu, mais recentemente, o registro em vídeo, deu fôlego a toda uma gama de pesquisas, na qual o historiador participa da própria produção da fonte (LUCA, 2020, p. 55).

Suzana Lopes Salgado Ribeiro e Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky (2018), entrevistaram o professor Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy em: “Gostaria de ouvir todas as histórias que puder. Todas”. Sebe faz várias ponderações quanto ao método, se as entrevistas devem ser únicas ou múltiplas (a cada entrevista o indivíduo se porta de forma diferente) e aponta três perguntas importantes quanto à pesquisa: Como? De quem? Para quem?

Segundo o professor, a História Oral tem papel de História Pública, o público também deve ser pensado e faz uma reflexão sobre a linguagem utilizada, pois na História Oral o entrevistador é inserido no contexto, e a linguagem por possuir caráter público deve fugir da linguagem acadêmica como ‘correção dessa rota’.

Os calon foram esquecidos, marginalizados, houve inúmeras tentativas de exterminá-los ou condicioná-los a uma cultura aceita, enquanto subalternos não tiveram espaço e se levamos em consideração que esta pesquisa se desenvolve dentro de um programa acadêmico, produzida por alguém que não faz parte do grupo, ainda nos encontramos perdidos na pergunta de SPIVAK (2010): “Pode o subalterno falar?”⁸. Esperamos que eles possam, será de grande prazer e orgulho pessoal que surjam historiadores(as) e pesquisadores(as) entre as comunidades rom, e que possam ter maior espaço garantido nos meios de debate.

Procuramos, então, romper com a História Tradicional e mudar o eixo do enfoque, permitindo que os calon, pelo menos nas entrevistas, contem sua história, que sejam protagonistas desta narrativa e não mais personagens decorativas ou negligenciadas dentro de uma postura colonial da cultura cristã europeia.

No decorrer das entrevistas, por várias vezes, as perguntas tiveram que ser reformuladas para alcançar a compreensão do entrevistado. No momento da escrita do resultado foi preciso

⁸ A autora indiana questiona se o subalterno pode falar, no sentido de ter permissão para falar e ainda se tem a capacidade de falar; levanta esta pergunta expondo como o conhecimento de grupos minoritários é concebido, sem a participação destes, sendo no máximo, objetos de estudos.

levar em consideração questões do dialeto, do sotaque, do ambiente. O que foi feito, além de todas as implicações acadêmicas, principalmente para que o grupo objetivado possa no futuro poder usufruir deste material.

Logicamente isso não exclui a existência de uma linguagem acadêmica fundamentada em pressupostos epistemológicos, porém, almeja-se a flexibilização de modos de recepção ampla. De outro modo, não há dúvidas quanto à possibilidade de acatamento de uma produção intelectual que se expresse em linguagem acessível. Em termos filosóficos, o que se preza é que além dos emissores se pense de maneira mais sensível e articulada nos receptores, no público. Há outros ângulos a serem considerados nesse esquema, pois o público deve ser respeitado em seus níveis de entendimentos (RIBEIRO; KAMENSKY, 2018, p. 230).

A História Oral busca ser acessível, tanto para aqueles que não são ouvidos pelos métodos tradicionais como pelo público que irá ‘consumir’ a produção. Surge um novo questionamento: como as entrevistas devem ser transcritas?

Não cabe dizer que não se advoga “dar voz aos vencidos”, mas sim transformar os meios de produção de saber em mecanismos de pertencimento. Um dos exercícios mais preciosos neste processo remete a transformação do oral no escrito. Porque se valoriza o fim social acima dos alcances disciplinares, leva-se em conta a finalidade da boa redação como filtro para a ampliação do consumo dos produtos intelectuais. A transcrição não é um conceito, mas um processo de transformação de um a outro estado de linguagem (RIBEIRO, KAMENSKY, 2018, p. 231).

A busca por palavras-chave em sites específicos de produção acadêmica e os materiais obtidos nas fundações e instituições que trabalham com o público-objeto foi de grande importância, ao ponto que hoje não afirmo, como fiz no início da pesquisa, que havia insuficiência de trabalhos sobre ciganos. A porcentagem, se comparado a outras minorias (gays, mulheres, negros, indígenas) é insignificante, porém, contemplar tudo o que foi produzido gera a reação de Carlos Ginzburg (1989), citado por Tania Regina de Luca (2020, p. 58): “[...] ao refletir sobre o uso do catálogo eletrônico de uma universidade norte-americana, declarou ‘encontrar aquilo que não estou de fato procurando, e mesmo aquilo de cuja existência nem mesmo suspeito’”. Para cada discussão levantada no texto tive que deixar outras dezenas, caso contrário, não contemplaria meus objetivos.

Por fim, a escolha do título desta dissertação⁹, ocorreu a partir de uma entrevista com o Senhor Oscar, um dos colaboradores entrevistados, que em dado momento comentando sobre

⁹ No período inicial do Programa de Mestrado em Educação da UEMS, Unidade de Paranaíba, o título provisório era: OS CIGANOS CALON EM SANTA FÉ DO SUL (SP): MEMÓRIAS DA MIGRAÇÃO, FIXAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO.

uma das inúmeras abordagens policiais, relatou um diálogo com um delegado no qual eles se defendem: “nóis somos nascido no Brasil, nós somos igual a vocês brasileiros”. Em momento oportuno, quando forem abordados aspectos relacionados à identidade, alteridade, choque cultural e o condicionamento do cigano como o “outro indesejado”, iremos retomar esta frase utilizando as reflexões de Carlos Skliar, Gayatri C. Spivak, Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward.

1 O QUE É SER CIGANO?

Como um cigano eu saio por aí
 Cantando eu vou por esse meu país
 Um dia aqui, um outro mais além
 Como um cigano eu vivo mais feliz
 Num ritual arma a tenda do amor
 Luzes no palco, aplausos sem fim
 Como um cigano cantando eu vou
 (Vida de Cigano - Elymar Santos)

Espero que no futuro esta pergunta soe como algo estúpido e quem vier a ler este capítulo possa ter outras formulações mais complexas e menos ingênuas, mas, no momento, esta pergunta se faz necessária. Na literatura e na história, quando apresentado ou quando distorcido ou escondido, o cigano representa a luta contra a civilidade, contra a civilização. Ele é considerado o oposto ao homem ideal de parte da filosofia grega, que buscava o cidadão ideal¹⁰.

O cigano é aquele que não vive na cidade, que não está sob as regras de uma corte, que não tem o estandarte de uma nação, sem exército, sem história de grandes conquistas bélicas, sem uma biblioteca oficial exposta em uma instituição oficial que simbolize toda a grandeza dessas pessoas.

Por um lado, eles são obscurecidos pela história oficial e extremamente estigmatizados da mulher jovem cigana, aquela que seduz, que encanta para enganar ou da velha que engana a vítima enquanto lê sua mão ou joga cartas. Por outro lado, vejo o cigano como a resposta a Bakunin¹¹, ou seja, uma sociedade sem líder, sem leis escritas, baseadas no bem estar dos sujeitos da comunidade, sem definições claras sobre propriedade privada, transgredindo fronteiras geográficas e culturais¹².

¹⁰ A democracia grega foi discutida e analisada pelos filósofos socráticos e posteriormente por Platão, a busca do cidadão ideal, aquele hábito a desempenhar a cidadania participando ativamente da política foi o que caracterizou várias escolas filosóficas. Com Alexandre e, portanto, com o Helenismo, estas discussões alcançaram outros povos, perpetuando-se no tempo e, hoje, existe toda uma sistematização sobre a importância da cidadania.

¹¹ Em Deus e o Estado, BAKUNIN (2011) confronta o Ocidente e sua dependência à teologia cristã, para este anarquista não existe liberdade já que Deus cativa os fiéis e os põem em sistemas rígidos de controle e dependência. No caso dos ciganos, esses sistemas não são seguidos ou aceitos, criaram outros, readaptaram e, por isso, foram e são tratados como anormais.

¹² Poderia incluir povos originários da América Latina, Ásia e África que, conforme Airton Krenak (2020), em Ideias para adiar o fim do mundo, conseguem se relacionar de forma distinta com a natureza e seus membros pondo em xeque todas as atribuições que erroneamente atribuímos aos Estados e Instituições, nessas atribuições, buscam disciplinar quem não age como consumidor. Resistir para estes grupos é não aceitar essas alteridades e viver em busca da preservação de suas crenças e saberes.

Logo, saber o que é ser cigano pode trazer à luz o não-cigano, o tido “normal”, um sujeito que aceita ser limitado a um território, a uma instituição, a uma cultura limitadora, que sua existência é resumida em uma ética de consumidor. Aqui já podemos vislumbrar os porquês de suas perseguições, de seus estereótipos e, também, mesmo que precocemente, poderíamos discutir mais sobre seu caráter transgressor, decolonial ou como mencionado, anarquista, entre outras tantas discussões possíveis.

Entendo que o cigano seja a consciência do personagem Ivan Ilitch de Leon Tolstói¹³, o homem burocratizado, vivendo uma vida de fachada para agradar uma sociedade mesquinha e avarenta, que somente no leito da morte passa a entender como os ritos do ocidente são fúteis (o cargo no emprego, os amigos de trabalho, os relacionamentos familiares voltados para o externo).

Da forma como iniciei este capítulo, a pergunta pode soar ingênua, despreziosa, mas busca vislumbrar um mundo de simbolismos e significados, do qual buscarei, utilizando alguns mecanismos da História Oral, apresentar parte do que os calon com quem tive contato me passaram. Espero que no futuro sujeitos do grupo calon e de outros grupos ciganos possam formular suas perguntas e respostas, que possam fazer parte das discussões acadêmicas, que venham ocupar os espaços acadêmicos e públicos, pois o sujeito objetivado precisa ser a voz de sua luta.

Muitos autores discutem o que é chamado de “crise da identidade”, para alguns, reflexo direto do avanço do capitalismo na globalização, neste, o homem do século XXI passa por uma mudança estrutural que envolve toda a capacidade organizacional do Estado e das economias, o mercado consegue embutir valores que são divulgados na publicidade e estes se tornam formadores de novas identidades (SILVA; HALL; WOODWARD, 2020, p.19). Talvez, saber o que é ser cigano hoje pode não ter as mesmas implicações de um passado próximo.

Na sequência deste capítulo apresento o resultado de entrevistas feitas com membros do grupo objetivado. Observo que pode ser notado certo saudosismo com o passado, quando a cultura e a moral eram preservadas em um sistema de casamentos arranjados, conforme afirmam os entrevistados, por diversos fatores, especialmente a fixação. Esse controle sobre o casamento e, em especial, sobre a figura da mulher, teria gerado vários problemas de cunho indentitário, uma vez que as novas gerações não seguem os costumes como os mais velhos desejam. Assim, surge um novo sujeito, cada vez mais híbrido (uma mistura entre a cultura

¹³ TOLSTÓI, 2019. A morte de Ivan Ilitch.

calon e a cultura dos gadje), efeito da alteridade e dos vários problemas decorrentes do estranhamento causado pelo choque cultural.

Esse novo sujeito do século XXI (rom ou gadje) está interligado com todo o mundo, tem acesso a culturas distantes, logo, sua formação como indivíduo é fragmentada e desta fragmentação resulta identidades contraditórias e/ou não resolvidas, provocando deslocamentos. Poderá vivenciar momentos em que uma questão identitária venha a anular outra¹⁴. A identidade estável, antes defendida pela sociologia¹⁵, não mais existe.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2020, pp.11-12)

Para a formação de uma identidade é necessária a existência do outro, do diferente (SILVA; HALL; WOODWARD, 2020, p. 9), a partir disso é traçado o que nos difere e o que nos condiciona, logo, esse processo limita a ação do sujeito, a identidade irá defini-lo¹⁶. Já na chamada Modernidade Tardia, há maior contato entre distintas identidades, surgindo novos sujeitos, o que não podemos confundir como uma “democracia” identitária, pelo contrário, ainda existem grupos invisibilizados e estes precisam de novos mecanismos para a sobrevivência de sua identidade, preservando-a ou adaptando-a.

Neste ponto, é preciso aprofundar a análise sobre os ciganos em geral e, em especial, nos calon, várias são as perguntas que surgem, no entanto, concentrei-me somente em algumas. Para a cultura calon e sua identidade faz-se necessária a preservação da tradição: “[...] nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações (HALL, 2020, p.12); pois “[...] uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo e antecedentes históricos” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2020, p.11).

Mas ainda podemos mudar o foco, como esse outro influencia a vida do tido normal? Como esse relacionamento com os demais moradores da zona de fixação altera a vida destes,

¹⁴ Ver caso do juiz Clarence Thomas (HALL, 2020, pp.14-16).

¹⁵ Stuart Hall (2020), faz uma análise sobre três concepções de identidade, “do sujeito do Iluminismo”, sujeito totalmente centrado e unificado, “do sujeito sociológico”, que era formado pelo meio, pela cultura e, por fim, “do sujeito pós-moderno”, fragmentado por várias identidades distintas.

¹⁶ Esta discussão será retomada no terceiro capítulo.

como fica a aceitação da família que tem um dos membros se relacionando com ciganos e, ainda, como fica o ambiente dos espaços públicos compartilhados, entre eles a escola?¹⁷

Com as mudanças sociais as novas gerações de calon santa-fé-sulenses, por vários motivos, desde a fixação, do processo de escolarização e avanço de religiões evangélicas até questões macro relacionadas à globalização, fazem com que os calon da atualidade se apresentem como qualquer outro sujeito pós-moderno. Ele é calon de sangue, mas cada vez mais desconhece a história de sua comunidade, respeita os mais velhos, guarda as tradições.

Aquilo que parece ser simplesmente um argumento sobre o passado e a reafirmação de uma verdade histórica pode nos dizer mais sobre a nova posição-de-sujeito do guerreiro do século XX que está tentando defender e afirmar o sentimento de separação e de distinção de sua identidade nacional no presente do que sobre aquele suposto passado. Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise (SILVA; HALL; WOODWARD, 2020, pp.11-12).

Os ciganos calon no decorrer de sua história formaram um complexo sistema cultural¹⁸, que é o resultado de fragmentos, de lugares e pessoas que foram se misturando, de grupos que foram se unificando ou se separando para a formação de novos grupos.

Podemos notar a pós-modernidade nos calon e quem sabe até invocar uma “crise de identidade”, no entanto, não podemos esquecer uma das principais características desta cultura, a de se reorganizar e readaptar em cada novo espaço alcançado.

Nesse ponto, deixo a dúvida para novas pesquisas: Talvez, por terem se fixado em Santa Fé do Sul, os mecanismos de resistência de sua cultura não sejam suficientes para mudanças abruptas no futuro, já que concorrem com o abismo social gerado pela globalização (BAUMAN, 1999).

A indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010), em 1985, analisou a história de mulheres indianas presas ao patriarcalismo e ao regime pós-colonial, denunciou que estas não podiam falar, não havia espaço e nem quem as quisesse ouvir. Sua publicação foi transformada em livro, que no Brasil recebeu o título de “Pode o Subalterno Falar?”.

Para o “verdadeiro” grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira a oferecer um objeto de sedução ao intelectual representante (SPIVAK, 2010, pp.77 - 78).

¹⁷ Esses aspectos serão abordados no terceiro capítulo: Cigano, um monstro na sala de aula.

¹⁸ No capítulo 1, item 1.3, faço uma análise mais detalhada sobre a cultura Calon.

A história dos povos mostra que as culturas dominantes procuraram esconder os ciganos calão de seus registros, afastá-los de seus territórios e ou eliminá-los (FAGIC, 2020). Como forma de sobrevivência desenvolveram meios para a camuflagem, ou seja, para evitar preconceitos e atos de violência e intolerância passaram a esconder suas origens quando era necessário o contato com os não-ciganos (MATUOKA, 2018; GOFFMAN, 1975, p. 13).

A falta de uma cultura relatada em forma de escrita, a posição de cultura subalterna, a necessidade de se camuflar, a invisibilidade com que são tratados pelos órgãos públicos, constituem uma triste realidade para todas as comunidades rom. Comunidades no plural porque se dividem em sete clãs: Kaldareh, Moldowaia, Sibiaia, Roraranê, Hitalihiá, Mathiwiá, Kalê (FERRARI, 2006).

Não são conceituados como nação, povo ou etnia (HILKNER, 2008). Nesse aspecto, observo que no Direito brasileiro as questões sobre nação, povo e território são objeto de debates constantes, assim, dentro destas definições, existem juristas que incluem os ciganos dentro do escopo de questões relacionadas às definições sobre povo e nação.

Os ciganos, assim como judeus e curdos, são tratados como povos, mesmo não existindo nenhuma relação com um Estado ou algum tipo de movimento, pelo menos por parte dos ciganos, de criar uma comunidade unificada. O mesmo acontece com a definição sobre nação.

Se nação é uma comunidade, é um sentimento de união pelos mesmos costumes, tradições, religião, passado e esperanças em comum, o povo curdo, o povo cigano e o povo judeu seriam verdadeiras nações, mas como definir como nação pessoas que sequer pertencem a Estado Nacional próprio? (TSUTSUI, 2013, [*s/p*]).

Para Hilkner (2008) não sendo conceituados como nação e devido ao nomadismo cada um dos grupos passou por subdivisões que resultaram em mudanças culturais, geralmente, um grupo desconhecia o outro e, em muitos casos, várias narrativas sobre memória são diferentes. E por serem nomeados como ciganos, pelos não ciganos, logo muito dos grupos hoje nomeados como tal, podem no passado ter tido origens diversas da cultura rom, qualquer grupo de pessoas nomades recebia a alcunha de cigana (FAZITO, 2006).

O termo cigano e suas variações em diferentes línguas – cygani, tsigan, zigeneuner – são derivados da palavra grega Atsingani, que significa não toque, intocáveis. Estas palavras foram cunhadas para denominar os povos romani no período em que estiveram presentes no território que compunha o Império Bizantino, por volta do ano 1000 (COSTA & VASCONCELOS, 2013, p.13).

Dessa forma, de modo preliminar, ser cigano (rom) é fazer parte de um universo de histórias e narrativas milenares, que teve de se adaptar às inúmeras formas de violência,

conseguindo adquirir características culturais que permitem uma mobilidade intensa e, com isso, desenvolveu valores distintos do padrão cultural imposto no Ocidente, além de criar ferramentas para resistir (a língua, o comércio, as tradições familiares).

Por questões culturais, políticas, religiosas, entre outras, estes grupos, possuem características distintas, responder essa pergunta torna-se difícil, já que os valores variam de grupo para grupo e de região para região. Logo cigano tornou-se sinônimo de nomadismo, itinerância; estudar a fixação destes grupos é mostrar que essas culturas vão além de suas simplificações e generalizações.

1.1 Escutando os Phurê

As duas transcrições que seguem foram feitas com sujeitos da comunidade que ocupam a posição de chefes. Eles são líderes, mas não no sentido de autoridade cega ou de uma hierarquia que lhes coloque em situações privilegiadas de poder.

O Oscar era um dos chefe nosso, por que era muito sabido, ele já tinha leitura naquele tempo, quando ele era um poeta pra falar. Um homem muito concentrado, um dos chefes nossos, ele tinha o apelido de “homem herói”, ele falava sem baixar a cabeça (Trecho da entrevista com o senhor Sebastião).

Na concepção dos calon, o chefe é alguém sábio que representa os demais membros de sua comunidade em situações que exijam contato com outros grupos de rom, calon ou não, e com gadje, em especial autoridades.

A força e a determinação do olhar característico dos grandes líderes. Sentimos logo a magia que o envolve em seu vigor e a autoridade concedida pelo consenso de toda a comunidade (STANESCON, 2007a, p. 35).

IMAGEM 1: Barô Romanô (chefe Cigano).



Barô Romanô
Chefe Cigano

▲ Fonte: Stanescon (2007a).

Não há uma hierarquia entre estes chefes, as decisões são tomadas em grupo, em momentos nos quais somente os que são considerados líderes se reúnem. Os demais membros devem acatar as decisões, que variam desde mudanças nos rumos no decorrer das viagens, decisões sobre negócios importantes, apaziguamento de conflitos, contato com autoridades, entre outros.

1.1.1 Senhor Oscar

No dia anterior faço contato com o entrevistado, após explicar os objetivos deste trabalho e pedir a permissão para a gravação, agendamos a entrevista para o próximo dia, um sábado a partir das 14 horas, no mesmo local. A cerca de 400 metros da Estação Ferroviária, no trecho da Rua São João, entre as Ruas 21 de abril e Primeiro de Maio, encontra-se a casa do Senhor Oscar. Do lado de fora está estacionado o charmoso Opala Caravan 1984 branco, durante anos o entrevistado possuía também outro Opala, um Comodoro 1979 marrom. A casa e os carros são referências utilizadas para indicar locais onde ciganos são encontrados.

A construção que já recebeu caravanas de calon vindas de outras cidades, já abrigou toda a família que agora se espalhou por outros pontos, denuncia a humildade do ancião que, com 82 anos, aparenta ter boa saúde. Na sexta-feira, enquanto conversávamos, ele cortava o cabelo do filho João. Porém no sábado, preparou caixotes para que sentássemos na garagem e fez um café forte.

Junto com o colaborador estavam seu filho João e esposa, seus dois filhos que são surdos-mudos (e observam minha presença à distância), um bisneto de quatro anos, que brincava imitando o Homem de Ferro e, no decorrer da entrevista, chegou outro filho, o Comandante, que vende picolés em um carrinho cedido por uma sorveteria da cidade.

Na sexta-feira e no sábado, antes de a entrevista ser gravada conversamos sobre a situação de seus filhos e netos e a conversão da família em uma Igreja Protestante.

O Senhor Oscar e sua família me receberam muito bem, muito respeitoso. Em todo momento, conversou olhando nos meus olhos, algumas vezes suas emoções foram afloradas. Conforme o assunto alternava a voz mostrando a seriedade do que era dito, lacrimejou quando falou sobre seu casamento e quando se lembrou dos pais, já quando falou de sua nova fé, portou-se como um evangelizador usando expressões evangélicas.

O entrevistado estudou somente um ano em uma escola rural mista, depois seu pai comprou livros didáticos. Entre os mais velhos o senhor Oscar é um dos poucos alfabetizados, o que lhe pôs em destaque no grupo, tratado pelos demais como alguém sábio, ele é um dos chefes antigos do grupo.

IMAGEM 2 – Senhor Oscar



Fonte: Acervo ARCAS, M.E. Foto do Sr. Oscar, 2021.

Viúvo demonstra que sente muito a falta de sua esposa e, devido às mortes recentes de membros da comunidade em decorrência da Covid-19, está enlutado e preocupado. De forma lúcida, enfatizou a necessidade e a urgência de que todos venham a se imunizar (com vacinas) para que a pandemia pare de ceifar vidas.

No decorrer da entrevista, como previsto questionou-o sobre os motivos de se fixarem em Santa Fé do Sul-SP. Segundo ele, veio para a região a convite de outros calon que estavam morando em Aparecida do Taboado-MS e que já utilizavam alguns pontos em Santa Fé do Sul/SP como pouso.

Devido à facilidade conseguiram comprar os primeiros terrenos na cidade e, depois, surgiram as primeiras construções. A fixação não rompeu de imediato com as viagens, pelo contrário, foi com o comércio itinerante que conseguiram os recursos para as construções. No entanto, com o tempo as viagens foram reduzindo, pessoas do grupo passaram a se relacionar

com pessoas que não eram ciganas e a comunidade começou a sofrer efeitos no que chamam de “fim da tradição”.

Por meio das viagens conheceu vários estados brasileiros, além de outras regiões da América do Sul (Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia).

Seus filhos não frequentaram escolas, após a sua conversão, seu genro e filha se tornaram missionários e, hoje, são pastores, os demais filhos frequentam igrejas evangélicas da cidade. Em sua narrativa não vê conflito entre a nova fé e a cultura cigana, mesmo apontando práticas que, segundo ele, são “enganos” que devem ser abandonados, entre estes a leitura de mãos, cartomancia e a devoção à Santa Sara.

De forma bem efusiva, na sua fala o senhor Oscar sempre destacou que os ciganos foram rotulados por coisas que fogem da realidade. Ele também buscou deixar bem claro que ciganos não roubam, são respeitosos e honrados e mesmo tendo uma cultura diferente não deixam de ser brasileiros.

Em alguns momentos a entrevista foi descontraída como quando ele conta um episódio de que estavam acampados em um campo de futebol e tiveram que negociar a sua saída para que um torneio fosse realizado.

Na sequência, trago a transcrição de nosso diálogo realizado em 24 de julho de 2021:

Pergunto ao entrevistado a sua origem e ele me relata que nasceu em Sorocaba, interior de São Paulo, relata que chegou a Santa Fé do Sul em 1974, e que quando chegou já havia ciganos na cidade (o Deluz, o Braz, o Mané), antes residia em Barbosa, próximo a Penápolis/SP e que por convite veio para Santa Fé do Sul.

ENTREVISTADO - Eu sou de 1940, vou completar 81 anos em outubro, dia 26 de outubro. Santa Fé do Sul não era uma cidade formada como é hoje, era um patrimônio que nem asfalto tinha, só tinha o cinema, aquela padaria, Igreja Católica e uma loja da esquina, o resto era daqui até na rodovia só chácara e sítio.

Pergunto se ele, de início, morou na casa que estávamos e ele me responde que comprou um terreno em outro lugar (Rua 13, esquina com a 24) de um corretor chamado Dantas, que no lugar construiu uma casa e depois comprou o terreno na Rua São João e construiu a casa onde foi gravada a entrevista.

ENTREVISTADO - Eu viajava muito e depois que eu mudei pra cá eu consegui viajando ainda. Mas agora eu parei de viajar. Eu ia pra Porto Alegre, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Vitória, na Bahia, Minas, Mato Grosso do Sul, do Norte, Cuiabá, viajei estes trechos inteiros.

Neste momento, pergunto se nessas viagens ou mesmo em Santa Fé do Sul-SP ele sofreu algum tipo de preconceito.

ENTREVISTADO - E muito desse pessoal que é sobrenatural, é uma família baiana, outra italiana, outra português, e outra alemão, sempre o Brasil foi semeado de muitas nação, desde o começo, mas muita pessoa tinha cisma dos ciganos, pensando que cigano era maldoso, era ladrão, corria na boca que o cigano roubava criança... uma coisa que nunca existiu isso. Vou dar uma palavra para o senhor, o verdadeiro cigano não interessa nada que é do outro pra ele roubar, ele compra e vende, se ele puder vender no preço mais caro pra ganhar dinheiro dele, mas na venda ele vende, mas pra roubar do outro não!

Nesse ponto, entro no assunto sobre a educação e questiono o senhor Oscar se ele frequentou o ensino formal.

ENTREVISTADO - Bom, eu, quando eu tava no poder de meu pai e de minha mãe eu tinha 6 pra 7 anos, eu entrei numa escola mista, num sítio, fazenda, porque nesse tempo meu, não era uma cidade cultivada de bastante conforto, eram cidade atrasada, naqueles tempo quase que não existia asfalto... é, então eu estudei um ano só, de escola mista, aí meu pai comprou um livro do ABC, eu estudei em casa e meu pai foi ensinando eu, coisa de colégio, ginásio, estudo eu nunca tive, mas eu sei ler e sei escrever o que eu sei não é grande categoria mas uma base média que dá pra mim entender a leitura do Brasil. Meus filhos nenhum deles... eles é analfabeto, todos eles analfabeto, nem assinar o nome direito não assina.

Desta vez, pergunto ao senhor Oscar como a educação pode alcançar os ciganos e ele me responde:

ENTREVISTADO - Só se for os de menor, os véio antigo não consegue mais não. Vou dar uma palavra pro senhor de antecedência de cigano ele pretende mais é viajar do que serviço fixo pra eles muita pessoas de cigano não trabalha pra eles. Então cigano fica andando pra lá e pra cá, andando pra ele sobreviver ele tem que viajar com carro, comprar tecido, comprar remédio da firma prumada nesta coisa, tudo com documento de fiscal e tornar pra ganhar a vida dele, pra pagar água, luz. Serviço pra cigano ninguém quer dar, esse filho meu aqui, pra ele, quis trabalhar pra ganhar o pão dele, ele tem a mulher dele, ele tem que vender sorvete no carrinho da firma aí, e quantos anos faz que você trabalha nisso? Três anos? Três anos que trabalha empurrando o carrinho vendendo sorvete. O outro filho meu o João, mais novo do que ele, se ele quiser comer uma comidinha, pra tratar da mulher véia dele, ele tem que enfrentar servente, pra pedreiro e o ordenado de servente hoje em dia não é mais que setenta reais, o dia, quando falta o serviço ele fica mais de semana parado, essa que é a situação, da nação, origem cigano.

Pergunto a ele sobre o que é ser cigano e para facilitar a compreensão eu questiono se existe diferença entre o cigano e o não-cigano.

ENTREVISTADO -Tem, existe. Porque o cigano é comportado da natureza, a natureza do cigano é que conforma essa situação, se um irmão está doente o outro irmão percorre de toda forma, se um irmão dele que não dá, que não tem providência pra poder tratar sozinho o conforto dele de dinheiro, a família descendência de cigano cada um ajuda um pouco. Pra poder recuperar. É essa a situação. Se eu tenho essa casa

e como eu tenho Deus me deu, se eu tenho meus filhos, meu irmão, que hoje em dia já não existe, Deus levou embora, só existe eu da minha descendência dos meus irmãos. Mas eu tenho neto, bisneto, genro, tenho filha e filho, e tenho mais cigano, se for necessitado, se ele estiver jogado na rua o próprio cigano que nem eu e diversos ciganos, eles põe tudo dentro da casa dele, até ele arrumar jeito dele se arrumar, não cobra água, não cobra luz, o que tem de comer do mesmo prato ele reparte pro outro, isso que é descendência, o conforto da descendência de cigano, união.

Na sequência, continuando a entrevista, o senhor Oscar conta onde nasceu e como foi que se casou:

ENTREVISTADO - Eu nasci em Sorocaba e morei em Tatuí, eu era moleque, mas depois meu comportamento... eu fui crescendo, eu fui tomando uma inteligência, daí a minha esposa me amou eu, quis casar comigo e casei com ela e já é transformado de dezessete pra dezoito anos.

Há um silêncio, os filhos que acompanham a entrevista abaixam a cabeça, os olhos do senhor Oscar brilham mais do que o habitual. Espero alguns segundos e pergunto sobre as viagens.

ENTREVISTADO - Meu pai viajava. Eu vou dizer uma palavra pro senhor que todo cigano de idade da minha natureza da minha época, dos mais antigos, podia e pode explicar pro senhor. No estado de São Paulo e Rio de Janeiro e todos estados do Brasil, tudo esse rio de água, Rio Grande, portanto e até governo sabe disso, deputado, sabe disso, não existia ponte era balsa para atravessar esse Rio Grande, o Rio do Mato Grosso, do Pardo que vai lá pro Paraná, do Rio tietê, tudo isso era balsa, estrada de terra, não tinha asfalto. Aí depois foi modificando, foi tendo eleição, candidato, vereador, deputado, Governo Federal mais inteligente, Governo do Estado se unindo e pondo a “escrivania” deles e pondo sentido, pondo a sabedoria de como poderia reagir com o Brasil. Hoje em dia não existe mais balsa é só ponte, asfalto, os boiadeiro antigamente atravessava esse rio com os boi a nado até os boiadeiro por causa dos bois não rodar rio abaixo, os boiadeiros vinha amontado no burro ou no cavalo e entrava dentro desse Rio Grande, pra cercar os bois pra colocar no caminho e travessar as barreiras. Era dessa forma.

A casa do senhor Oscar está próxima à estação de Santa Fé do Sul, pergunto então se ele utilizava o sistema ferroviário quando o transporte de passageiro era permitido.

ENTREVISTADO - Viajei bastante! Viajei. Viajei no subúrbio de São Paulo e pra todo canto do estado, viajei pro Rio de Janeiro, de Santa Fé eu já viajei muitas vezes pra Campinas, Rio Claro, Araraquara, Urânia, Jales, e Valentim Gentil, São Paulo fica pousado na Estação eu fazia tudo isso, meus filhos, mulher.

Pergunto se todos os ciganos calon de Santa Fé do Sul são parentes, observando que no dia anterior havia feito a mesma pergunta e o senhor Oscar enfatizou o fato de sua família ter preservado a tradição do casamento dentro do mesmo grupo.

ENTREVISTADO - Eu vou falar pro senhor a realidade. Realidade tem que ter, depois que o cigano foi ficando unido, um com o outro numa cidade só, muitas pessoas que não é cigano entremeiava com cigano, brasileiro, foi adquirindo filho, filha, então a maior parte dos cigano foi acabando, verdadeiro... entrou uma nação no meio, metade cigano, metade brasileiro e assim vai continuando sempre. Mas no Estado de Minas tem cigano puro ainda. Na Bahia também ainda tem, eu sou um deles, meus filhos também é, mas tem muito agora que destraviou a descendência.

Pergunto para o senhor Oscar se ainda existem os encontros familiares nos quais os mais novos escutam os mais velhos para aprender a cultura, a língua, a história do grupo.

ENTREVISTADO - Não existe mais, não tem mais obediência, tanto faz a moça como o rapaz, não tem mais. Danou tudo, não querem saber de mais nada. Nova geração esqueceu do passado, os velhos dá orientação pra eles não valem nada, curtem a vida como eles querem. Isso aconteceu de 60 anos pra cá, de 60 anos pra trás era cultivado, os velhos falavam, assim filho, filha aqui vai ter união de todos nós de idade, vai embora pra não escutar a palavra. Eles ia e sentava lá no canto e os velhos se uniam nas palavras que eles queriam contra os filho. Depois que conduzia eles chamavam se tivesse obediência de conselho pra molecada, rapaz pra moça, os velhos iriam dar aqueles conselhos honestos, que não eram pra passear longe dos pais e de mãe, não é pra passear sozinha na praça, nem no forró, nem no jardim, que eles se acompanhavam com pai e irmão. Se alguma moça se interessasse em dançar com uma pessoa tinha que pedir ordem pro pai pra mãe ou pros irmãos, se não ela ficava sentada, no meio da família. Era essa a cortesia que eu digo pro Senhor.

Dessa vez, indago ao senhor Oscar como são os conselhos dos ciganos mais velhos para os mais jovens:

ENTREVISTADO - Mas depende a situação do erro, da humanidade das crianças e dos velhos também, porque tem velho que é relaxado, eles bebem as pingas deles e começam a xingar, a dar pra rua xingando, tem isso daí também.

Nesse ponto da entrevista, após falarmos sobre problemas relacionados ao vício, pergunto para o senhor Oscar qual deveria ser a postura dos professores quando fossem dar conselhos para os alunos de origem calon.

ENTREVISTADO - Ele vai procurar pro senhor qual é a responsabilidade do ensino que o senhor vai falar pra ele, que depois ele vai dar a resposta, mas pro senhor chegar nele, ele te recebe de categoria honesta, ele vai saber o que o senhor deseja, qual palavra vai falar pra chegar em mim, eu sou o que o senhor está pensando.

Para dar continuidade à entrevista, eu pergunto sobre a religião e sua conversão ao neopentecostalismo e ele me responde:

ENTREVISTADO - Já fazem 13 anos que eu me converti a Assembleia de Deus eu passei para cooperador, de cooperador para diácono, de diácono para Presbítero, e hoje eu sou um Ministro, 13 anos na luta, na guerra a favor de Deus. Tenho Rafael, que é o Praiano ele é missionário, tenho minha filha que é mulher do Vardir é missionária, o Vardir é meu sobrinho ele é pastor, eu tenho essa garotada que é meu

filho também que anda acompanhando as palavra de Deus e dando conselho e dando conselho pra toda humanidade pra tirar do caminho do inimigo, tenho esse aqui que é diácono, trabalha pro senhor da Igreja dele, da Igreja Fiel, ele é diácono.

Dando continuidade ao assunto de religião, questiono: Mas e antes de ser evangélico?

ENTREVISTADO - É, antes de eu ser evangélico, desde criança meu pai falava assim, ó meus filhos, que era 6 irmãos e só uma irmã feminina, ó meus filhos vamos arrodar todos aqui, chegava perto dele e ficava assim sentado, meu pai chamava a mãe dele de velha que é a esposa dele, do costume, o minha velha, traz a comida pra cá, o que nós vamos comer com os filhos. Então nós rodeava ele, cada um com um prato de comida nós tudo pequeno, meu pai falava assim, ó filho, diga essa palavra, graças a Deus estou comendo essa comida, foi Deus que me deu e nós acompanhava, meu pai ensinava nós assim, e a gente aprendeu, ó deus tem dó de nós, o senhor Deus nós temos só o senhor mesmo, olha nós... hoje o que Deus me deíto, amanhã com Deus me levanto com a graça de Deus, do senhor Jesus e do Espírito Santo. Meu pai ensinava isso pra nossa irmanzada tudo pequeno em volta dele. Isso foi a prosseguição da palavra que o senhor está pedindo pra mim e eu estou reagindo.

Foi fácil, muito fácil aceitar o evangelho, quem é chamado, a pessoa pode ser chamada, mas se ele não é fiel, o senhor Jesus joga fora, mas ele está com o braço aberto para receber, aquele que vier até ele será salvo, aquele que não vir vai jogar fora também, muita pessoa irmão é dessa forma, por causa disso que anda perambulando um na esquina outro lá longe e outro jogado fora porque ele não consentiu na palavra do senhor Jesus e do Espírito Santo se ele retorna e reage a fé que ele tem ele sai fora do caminho errado, Glória a Deus.

Os ciganos possuem uma vasta rede de apoio, no passado, quando em caravanas, apoiavam-se mutuamente, sobre esse aspecto, pergunto sobre as caravanas que vinham de fora que visitavam sua casa.

ENTREVISTADO - Teve cigano do Estado de Minas Gerais, cigano de Goiais, cigano do Rio Grande do Sul, todos vinham e a gente dava apoio pra eles, acampamento que é a caravana que o senhor quer falar é um punhado de ciganada um pelo outro, tudo unido, um pelo outro, vem de cá de lá e se unia, aí se tornava um grupo e um grupo é selecionado.

Após tomarmos café e o filho João me convidar para um dia conhecer a sua casa, que fica próxima do local que estamos, retornamos à conversa e pergunto para o senhor Oscar como foi que se fixaram em Santa Fé do Sul.

ENTREVISTADO - Primeira casa de cigano eu vou te falar, não era deles, lá no córrego da mula existia uma estrada velha boiadeira, nem casa tinha, tinha uma venda vieia muito antiga, lá na estrada de terra, não tinha nada, no meio da capoeira, serrado. E a ciganada invadiu aquela casa pra poder ficar, o povo nosso de cigano, então, aquela venda veia cobriu tudo de mato em volta e nós ficava acampado no terreno e quando chovia recolhia pra dentro da venda veia abandonada até a gente conseguir os terrenos pra comprar e nós ia construindo os pedaços. Do corgo da mula pra cá. Só chácara de café. Primeiro teve um prefeito que antes dessa casa da esquina era desse primeiro prefeito, depois dele eu não me alembro mais.

Então, perguntei se havia alguma exigência especial para que eles comprassem os terrenos na cidade.

ENTREVISTADO - A prefeitura exigia de nós pra nós não armar barraca no terreno que nós comprava. E nós respondia, não temos condição de fazer casa agora, nossa moradia é essa aqui, até arrumar dinheiro pra fazer os cômodos, daí com bastante categoria nós ia ficando em barraca até nós construir.

Na sequência, peço para que ele nos conte como eram as viagens que faziam e como conseguiam montar suas barracas em cidades tão distantes (No decorrer desta resposta rimos do episódio narrado).

ENTREVISTADO - Mesma coisa, tinha lugar que a gente acampava no campo de futebol sem ordem, é, dos proprietário e do time, e ficava, quatro, cinco semana, chegava o presidente, quem é o chefe aí? Antigamente era eu o Deluz que é o pai do Índio e o Bastião, que mudou e o Vanderlei. O chefe somos nós, não eu sou o presidente aqui, vai ter jogo domingo, vai ter torneio, é e os seis não pode ficar acampado aqui. Mas não tem jeito a família é grande não tem onde acampar, ele falava assim o presidente, mas não tem como o senhor desmanchar a barraca e recuar de lado, a tem isso, tem, então senhor pode levantar e arranca esses pau, esses varão ai e põe pra fora. Quando acabar o jogo o senhor arruma novamente pra ficar a semana, mas toda a semana tem torneio e treino aqui, o mais certo é o senhor arrumar um lugar pra mudar viu, assim mesmo.

Após a situação narrada, pergunto qual era a relação com a polícia nessas viagens, principalmente no período da Ditadura Militar.

ENTREVISTADO - Cheguei, muitas vezes, e outra vez chegava uma viatura de polícia, inspetor de quartirão, investigador e militar, ali tinha cabo, sargento, tenente. Falou assim escuta, vocês vão acampando aqui sem ordem do delegado? Sem dar providência na delegacia? De onde que vocês vem? Ó senhor, nós não tem morada, nós é pobre, essa era a palavra nossa, de fato nós era mesmo, nós não temos morada. Nós somos pobre, recurso pra comprar terreno nós não tem, casa não, nós somos nascido no Brasil, nós somos igual a vocês brasileiros, essa era a palavra nossa por defesa. Tá, mas quantos dias vocês vão ficar aqui? Quem manda em nós é Deus é Deus é quem sabe. Essa era nossa resposta, quando Deus falar que a gente precisa ir embora nós vai, porque nós ir embora, de a pé, com as malas nas costas, as criança tudo andando a pé, nós não tem recurso, naquele tempo nós não tinha carro. E nem cavalo. Ciganada com as malas nas costas. É desse tipo, então não tem recurso senhor tenente, senhor sargento. Então, quantos dias o senhor pretende ficar aqui, então nós respondia, se o prefeito dá um recurso pra nós, se ele colocar a gente dentro de um ônibus para outra cidade nós vai embora memo, essa era a resposta nossa, mas do contrário não tem jeito, levar essa criança a pé pela estrada de terra. Se o senhor achar conveniência pra sair então nós sai, se o senhor achar que não convém nois ficar nós vai embora. Mas o senhor não tem recurso? A gente não tem recurso a gente pede comida pra comer. Por que vocês não trabalha. Seguinte, nós vai entrar numa fazenda pra trabalhar, a gente fala que é cigano eles tem medo de nós roubar ele, eles manda nós embora, nós estamos jogados, e é verdade, até hoje é assim mesmo. Em Santa Fé, se uma pessoa roubar lá no Bartolão, e se passar um de nós naquela rua e se foi o outro que roubou ele vai jogar que foi nós cigano eles fazem, o cigano passou aqui foi ele que roubou, essa a fama, brasileiro não é ladrão, cigano é malfeitor. Vou

falar uma palavra pro senhor, se uma pessoa ofendeu um cigano, um mesmo cigano ou um parente dele tá morto daí persegue o outro pra matar, tem isso aí, vingança, tem acontecido muito, não aqui em Santa Fé, aqui houve, mais em todo o estado do Brasil, até na polícia eles atiram pra matar se eles veem que um cigano foi morreu que a polícia matou de tanto dar pancada ele se cuide.

Seguindo o rumo da entrevista, pergunto então para o senhor Oscar sobre o que ele pensa da violência e da marginalização do cigano.

ENTREVISTADO - O senhor quer dizer pra mim não é do cigano não? Tá na mesma forma, tanto faz na época de hoje como no passado, não tem diferença nenhuma. Eu não posso “aganjar” uma nação e agradar a outra, mas toda nação carrega sua perversidade e malvadeza, se ele achar conveniente eles são honestos mas se eles achar que contrario da família eles são perversos também.

O senhor Oscar é um respeitado ourives, pergunto como adquiriu esse conhecimento.

ENTREVISTADO - Garimpar eu nunca garimpei, nem bataiar também na pineira, eu também nunca batanhei e nem escavucar terra no cascalho onde tem pedra de diamante, brilhante e ouro, também eu não entro no lugar desse, mas eu conheço. Conheço diversos ouros, até ouro do Paraguai, ouro de Portugal, ouro do Brasil, conheço ouro da Bolívia, se o senhor me dar uma lasca de ouro sem bemfeitoria nele eu olhar ele na mão do senhor o que ele é, se é puro ou cascalhar. Conhecimento da descendência do cigano, de pai pra filho. Vamos se tornar aqui uma palavra da minha palavra, vou falar pro senhor entender, que todo cigano entende, dom, isso é dom, isso já está na realidade no dom de Deus que dá sabedoria pra humanidade. Conhece tudo, dom de Deus, conhecer ouro, pedra brilhante, diamante, rubi negro, rubi vermelho, pedra esmeralda, tudo isso é dom de Deus, não existe outra condição. Depois tem o ourives né, o Celso ali que é ourives, Ouro Mil, ele conhece ouro, mas já vem aprendendo com aquele que já está mais antigo dele, ourives trabalha com ouro. Mas o cigano conhece o ouro no olhar e conhece a mentira da pessoa, a mentira, da pessoa com outra pessoa. Quando vem conversar com o cigano ele vai assuntar a palavra, se ele achar que é mentira ele dá o fora, se ele achar que é verdade ele emenda a palavra ele não joga fora, do que é dele.

Já encaminhando para o final da entrevista, eu pergunto ao senhor Oscar sobre a língua romai, ele responde e faz algumas considerações:

ENTREVISTADO - Está sendo esquecida, no Brasil o cigano brasileiro e de diversos países eles abandonou a descendência de muitas coisas. Eu se falar pro senhor a linguagem da minha descendência não tem quantidade de palavra, mas já vem de meu pai e de minha mãe e de meu avô e minha avó. Eu gosto de conversar com uma pessoa como o senhor é, que conhece as palavras da gente, eu gosto, eu vou fazer um divisa pro senhor entender.

Nesse momento, ele escreve palavras em romani e continua sua explicação:

Vamos dizer que aqui é uma barreira irmão, isso aqui é uma barreira pro senhor entender, vamos dizer que aqui é o Brasil, português né, que aqui é descendência de cigano, vamos colocar cigano, assim é melhor, o senhor já fica sabendo, aqui é Portugal Brasil, por que o Brasil foi descoberto pelos português, aqui é o cigano,

pronto. Vou dizer uma palavra aqui, eu vou falar pro senhor o que o senhor quer falar pra mim, pra mim escrever?

A partir desse ponto da entrevista, ele escreve várias palavras em uma folha de papel e me dá a tradução. Finalmente, eu me despeço de todos com a promessa de que voltarei outro dia para conversarmos um pouco mais.

1.1.2 Senhor Sebastião - “Tião” Cigano

Sou levado até a casa do senhor Sebastião pelo seu filho Cleone. Após seu divórcio, o ancião foi residir na casa de sua atual esposa, dona Vera, que não é Calon, mas que está no segundo casamento com cigano (ficou viúva do primeiro casamento).

O senhor Sebastião é um dos chefes da comunidade. Ele me recebeu na cozinha da casa, seu filho e sua esposa participaram da entrevista, em determinado momento alguns sobrinhos chegaram a casa, mas não atrapalharam a conversa. Uma festa cigana estava acontecendo no recinto de exposições da cidade e uma das sobrinhas veio emprestar um brinco da dona Vera. Sua fala foi de grande contribuição para entender os motivos para a fixação em Santa Fé do Sul e as mudanças no estilo de vida do grupo. Ele se mostrou preocupado com o “fim da tradição” e falou sobre a discriminação dos calon e ciganos em geral.

O senhor Sebastião nunca frequentou escola, é analfabeto, mas aprendeu a dirigir, entende muito de carros, ouro e comércio ambulante e é “fera” em matemática.

Ele foi amigo do meu avô, em determinado momento da entrevista relata que chegou a emprestar sua arma de fogo para uma caçada de capivaras.

Quando tinha quatro anos o senhor Sebastião veio com sua família para a região, em um primeiro momento acamparam em Santa Fé do Sul/SP e, depois, foram até Aparecida do Taboado-MS, lá ficaram na casa de um senhor conhecido como “Véio Dourado”. Também compraram terrenos por lá e o filho deste senhor, o Pedro, casou-se com a irmã do senhor Tião.

Pedro era mecânico e foi o responsável por introduzir o uso de caminhões como transporte o que resultou em uma mudança significativa para o grupo, com o novo transporte chegaram às fronteiras do Brasil com o Paraguai e Argentina e em determinado momento foram até a Bolívia. O senhor Sebastião relata ter viajado para várias regiões do Brasil, na entrevista recorda como eram os pernoites em barracas e as dificuldades que tinham que enfrentar.

Vale destacar as interferências da senhora Vera que me auxiliou em alguns momentos, quando o senhor Sebastião não entendia o que eu lhe dizia e ainda completou a linha de

raciocínio do esposo em alguns momentos. O filho, em sinal de respeito, esteve atento às falas do pai em todos os instantes.

O entrevistado mostrou-se um ótimo orador, alternava sua postura conforme a gravidade do assunto, quando falávamos sobre discriminação mostrou seu incômodo, quando falávamos das experiências nas viagens e barracas agia descontraidamente. No decorrer de nossa conversa, bebemos refrigerante, o que ele alertou que não pode fazer com frequência por causa da Diabetes, mas que o momento era de descontração e por tanto era permitido.

Segue a transcrição da entrevista:

ENTREVISTADO: Quando nós chegou pra cá... em 1958. Deixa eu ver, foi em 58. Eu tinha 15 anos, nós chegemo aqui a cavalo, Santa Fé não tinha calçada, não tinha asfalto, não tinha nada! Entendeu? Nós passemos aqui e nós foi posar lá na beira do rio, na beira do porto de Rubinéia antiga, e dai quando foi no outro dia, nós passemos de barco e fomos pra Aparecida do Taboado e chegemo lá, nós fomos morar num sítio que era do seu Véio Dourado. Pai do Pedro, eu era criança e depois nós ficamos lá muito tempo, depois nós comprou um sitinho lá, entendeu; mas nossa vida era andar a cavalo. Depois, nós arrodava no mundo, homem, mulher, tudo montado a cavalo. Dai meu tio Deluz comprou um caminhãozinho, Studebaker a marca, acho que vocês nunca viu. Bom, dai nós começou a viajar de caminhãozinho depois. Depois, uma irmã minha casou com o Pedro, Pedro era brasileiro, e era mecânico, entendedor de motor, motorista muito bom. Dai meu tio comprou um caminhão F6, cabia nós tudo. Dai, nós rodava o mundo inteiro montado naquele F6. Sem toldo, sem nada. Era a vida nossa, aonde nós chegava tinha a larguesa, naquele tempo não tinha agua poluída, lugar que tinha rio nós posava na beira do rio. Então, essa a nossa vida de cigano, debaixo da barraquinha, entendeu e... tomava muita chuva, tinha dia que tinha tempestade aquelas barraquinhas voava tudo. E nos ficava a noite inteira acordado, por que derrubava a barraca, com a tempestade. E assim era nossa vida, mas nós gostava assim mesmo.

Após essa introdução, eu pergunto quais lugares ele conheceu devido às viagens.

ENTREVISTADO: Com esse caminhão nós foi pros lados do Paraguai, mas não passemos a divisa, Amambai, Ponta Porã, nós fomos até a divisa da Bolívia também, é, tudo, no caminhãozinho. Dai o tempo foi evoluindo, foi abrindo estrada, por que de primeiro pra passar o Cuiabá pra lá dava o que fazer por causa do banco de areia, então os caminhão atolava tinha que vir os trator tirar. E desse jeito nós foi até Cobija na Bolivia, passemos pelo Acre, Porto Velho, Manaus, tudo.

Então, pergunto se eles tinham contato com outros grupos de ciganos. Nesse ponto, Dona Vera também responde:

DONA VERA: Naquela época não tinha contato, não tinha telefone, nem orelhão não tinha.

ENTREVISTADO: Então, era só a nossa turma e sempre nós encontrava com outros ciganos que era de outra turma, mas a gente ficava uns dias e depois separava.

DONA VERA: E assim dava notícia de alguém, dava notícia dos outros ciganos.

ENTREVISTADO: Daí rapaz, nós foi criado assim nesse ritmo, mas depois o mundo foi evoluindo, já ao invés de ter só um carro, tinha 2, 3. Cada vez evoluindo mais, a

estrada foi ficando melhor, a pessoa mais sabido, ler, cigano quase tudo é analfabeto, dos mais velhos. Eu sou um.

Pergunto se o Senhor Sebastião frequentou a escola:

ENTREVISTADO: 77 anos, não tive não, nasci burro pra caramba, mais, assim sabendo o que fazia né, aprendi a dirigir, num caminhão F6, câmbio seco num estantinho, era moleque quando aprendi, a cabeça era boa pra aprender as coisas, mas nunca aprendeu na escola, por que nunca fui. Então menino, mas era uma vida boa. Porque os mais velhos mandava. Hoje não tem mandão, hoje todo mundo faz o que quer né, mas de primeiro era tudo, escutava os mais velho. Uma moça pra casar tinha que pedir em casamento. Tinha que a família toda aceitar, hoje as moças não pergunta pra ninguém mais, mudou tudo.

DONA VERA: Evoluiu! (comentando a fala).

Na sequência, pergunto a ele se aqui em Santa Fé do Sul-SP alguma vez sentiu que estava sendo tratado diferente por ser cigano.

ENTREVISTADO: Era muito discriminado, entendeu, chegava num lugar e já é que é cigano. Cigano rouba. Cigano não gosta de roubar. Cigano não rouba por que tem medo de cadeia... Olha moço, em Goiania tem 2 ciganos e 1 cigana que é advogada, em Tatui tem mais advogados ciganos, aqui tem o Denisar. Sim! Teve discriminação sim viu e muita. Por causa que de primeiro, chegava o cigano, cada cigano tinha 4, 5 filhos as mulheres começavam a esconder criança. Ah cigano rouba criança. Rouba criança? Eu, não tinha outra coisa que o cigano aprontava, era criança! Não tinha televisão, não tinha nada, não tinha diversão, então ó... era muito discriminado, mas depois nós foi ficando mais sabido e foi debatendo a conta e eu vou até mostrar um documento pro cêis.

Nesse momento, o Senhor Sebastião me traz uma carteira de filiação à comunidade cigana do estado de Goiás, que era utilizada por ele nos momentos em que precisava ser apontado como líder do grupo para autoridades.

Enquanto ele se ausentou, dirigi a palavra à dona Vera e perguntei se ela era de origem cigana e se era nascida em Santa Fé do Sul-SP.

DONA VERA: Não, mais todo tempo convivi junto.

DONA VERA: Sim, sou nascida aqui, criada aqui.

Em seguida, indaguei o motivo pelo qual eles saíram de Aparecida do Taboado-MS e vieram para Santa Fé do Sul-SP.

ENTREVISTADO: Nós morava primeiro em Guaíra perto de Barretos, quando nós andava de tropa nós chegemo lá em Guaíra de tropa, daí compraram casa, e daí nós fomos, eu era da molecadinha, em 52, 51 que chegamos em Guaíra...Aí tinha umas casinhas, daí fomos ficando mais velho, alguns foram mudando, e hoje estamos aqui em Santa Fé do Sul.

Para dar continuidade à entrevista, pergunto para todos na mesa o que seria ser cigano para eles.

ENTREVISTADO: A diferença que tem? Ó moço, tudo é ser humano igual, entendeu, a única coisa que teve é que o cigano tinha uma tradição muito usada, era mais atrasado um pouco de mente, só casaria cigano com cigana entendeu? Bom, mas depois, o pai do Mike mesmo não era cigano, casou com a minha irmã. Que a turma já estava mais avançado, daí começou, as coisas começou a mudar. Entendeu de primeiro tinha que casar família com família.

DONA VERA: Porque quando casava família com família era porque a tradição era unida e só vivia todo mundo junto, vivia de barraca, quando começou a ser morador começou as amizades, com brasileiro, tipo, alguma das crianças até vão pra escola. Porque agora é necessário ir pra escola né. Tem que estudar, tem que ser assim, quem mora tem que ter criança na escola, agora tipo naquela época não tinha essas coisas, não era obrigatório, estudava filho se quisesse.

Nesse ponto, faço a seguinte pergunta: E quando o senhor coloca que os mais jovens não respeitam o senhor gostaria de me dizer o que mudou?

ENTREVISTADO: Hoje não é igual, mas vamos supor, o Cleone desrespeitava você, falava uma besteira pra você. Ele tinha que ajoelhar no chão e pedir perdão pra você e desculpa. Entendeu? Ele tinha que te respeitar. Tanto eu faz respeitar você ou teu filho o respeito é o mesmo. Não é por que eu sou velho que eu posso desrespeitar você, então isso não é justo. Você é jovem eu vou abusar da minha idade e desrespeitar você? Se eu falar alguma besteira pra você vem tudo contra eu ainda, pra mim ir lá e pedir perdão pra você, pedir desculpa.

Aproveito a oportunidade para perguntar a eles sobre o que tinham a dizer a respeito da violência entre os calon.

ENTREVISTADO: Tem que diminuir cem por cento! Antigamente eu vou falar pra você, tinha mais respeito, hoje aumentou a malcriadeza os rapaz entrou pro lado errado, cigano até não anda tudo junto por que cada block tem um estilo, tem um pessoal de outras cidades, que eles tudo usa droga, tudo baguá. Nós não gosta deles. Eles é baguá. A gente fica mais afastado não vai onde tá eles, que eles não tem respeito, começaram a misturar muito, entendeu. Acostumaram a misturar família com brasileiro, é mulher, homem e os filhos foram nascendo não querendo atender aquilo.

DONA VERA: teve muita mistura né, foi perdendo a tradição.

Pergunto, então, se eles podem me contar como aprenderam matemática, uma vez que não estudaram na escola, mas sabem matemática e sabem fazer contas.

ENTREVISTADO: O senhor, eu mesmo sou cobra pra fazer conta na cabeça, aprendi com a família. Agora tratar os outros bem eu aprendi por minha conta, entendeu, se eu sei que essa mão nunca deu um tapa em ninguém e essa cara também nunca apanhou.

Neste momento, o entrevistado voltou a falar sobre a tradição cigana e como se relacionavam com os gadje, passou a relatar a amizade que tinha com meu avô, que era militar e relatou que emprestava e deixava suas armas guardadas na casa da minha família.

ENTREVISTADO: Por que eu trato todo mundo bem, dou respeito pra todo mundo, se você tiver um cachorrinho seu eu respeito o seu cachorro por causa da sua pessoa. Então é tudo isso faz viver melhor. Pro cê vê, nós morava, pertinho do seu avô, eu tinha carabina 44, veio o irmão do seu avô, que ele morava em Santa Adélia, eles foram caçar capivara, seu avô o Arcas sabia que eu tinha carabina ele falou pro irmão dele, o Tião tem uma carabina de 8 tiro, vamos pegar emprestada. Claro que eu empresto, quando eu viajava deixava guardada com ele! Quando eu ia viajar deixava guardada com o seu Arcas ele era vizinho nosso. Daí eu emprestei a carabina pra eles ir caçar capivara, enquanto eu ia viajar, nessa época nós ainda tinha caminhão, eu deixava com ele. Nossa amizade era forte. Então, menino, eles foram caçar com arma minha, eu tinha uma carabina gostava muito, comprei o troço. Eu ia viajar falava pro seu Arcas, não era só eu não que deixava não, o pai do Índio também deixava com ele também.

Nesse momento, chegaram na casa vários sobrinhos do senhor Sebastião, mas não interromperam a entrevista. Continuo, das famílias que se fixaram Santa Fé do Sul-SP, vieram o senhor, dona Tereza, o Pedro, que era casado com a Lurdinha (mãe do Mike), o pessoal daquela casa que ficava no final da Rua 25 de janeiro e o Sérgio, pergunto se tem mais alguém.

ENTREVISTADO: O Oscar era um dos chefe nosso, por que era muito sabido, ele já tinha leitura naquele tempo, quando ele era um poeta pra falar. Um homem muito concentrado, um dos chefes nossos, ele tinha o apelido de “homem herói”, ele falava sem baixar a cabeça.

Assim, dou sequência ao assunto perguntando a ele se é devoto de Santa Sara Kali.

ENTREVISTADO: Sou devoto de Santa Sara. Essa moça que veio aqui é evangélica. A mãe dela é, a irmã dela é quase uma pastora. Tem o Denisar, tem o Roger, a família do Oscar inteira é.

Então, eu quis saber mais sobre essa questão e indaguei se não havia conflito.

ENTREVISTADO: Não, não tem não, sabe porque o mundo hoje evoluiu. Aquele ditado, Religião não se discute. Você ter a sua fé, eu sou agarrado com Jesus, olha lá (me aponta algumas imagens religiosas). Mas sou agarrado com Nossa Senhora Aparecida e minha mãe cigana, Jesus é o primeiro que peço.

1.1.3 Demais conversas

Filho do senhor Sebastião, Cleone vive com a atual esposa e seus dois filhos gêmeos em uma casa que faz fundos com a casa de sua mãe (dona Rosa Soares), dona da primeira casa de

alvenaria construída por ciganos na cidade. Amigo pessoal da minha família, ele está sempre presente nos churrascos que são feitos na casa da minha mãe. Flamenguista, sempre simpático e comunicativo frequentou o ensino básico, viveu toda a sua vida em Santa Fé do Sul, hoje faz trabalhos esporádicos como ajudante de pedreiro e entregador. Mesmo sendo morador antigo e conhecido por muitas pessoas nunca conseguiu um trabalho fixo.

Cleone é um vencedor, durante vários anos foi usuário químico, mas hoje atua ajudando outras pessoas da cidade ciganos e não-ciganos que precisam de ajuda. Foi com ele que consegui os contatos do Albano e do Mike.

Em 2020 obtive muito apoio do Albano, por meio de conversas via aplicativos confirmava datas e me passava informações sobre a cultura calon, a fixação dos ciganos em Santa Fé do Sul e discutíamos a possibilidade de um espaço na cidade destinado à preservação da cultura calon. Infelizmente ele foi uma das vítimas da Covid-19, quando soube de sua morte pensei até em mudar meu objeto de pesquisa, pois não conseguia imaginar concluir este trabalho sem tê-lo entrevistado formalmente.

Albano e sua família eram evangélicos, um de seus filhos, o Denizar, formou-se recentemente no curso de Direito da Universidade da cidade. Após a morte de Albano, o Cleone me passou o contato do Mike e a partir de então consegui agendar novos encontros com membros do grupo.

Na Rua Nossa Senhora Aparecida, ao lado da Loja Maçônica, está localizada a casa do Mike, trata-se de um sobrado, quem passa na rua vê um altar destinado à Padroeira do Brasil. Mike frequentou todo o ensino básico, é músico e produtor musical, é filho de uma calin e um gadje, Pedro, o mecânico. Suas filhas também frequentaram a escola e uma delas é uma reconhecida cirurgiã-dentista da cidade.

Ele é um dos chefes da comunidade na atualidade, bem articulado, relatou-me vários aspectos da cultura calon, história dos ciganos e problemas que enfrentam na atualidade.

Entre os problemas, ele relatou os casos de ciganos adictos e a necessidade de políticas que venham a ajudar estas pessoas a vencer as drogas, a falta de mercado de trabalho e o preconceito para com os ciganos (com ou sem ensino superior), além da falta de reconhecimento da cultura calon na cidade.

O pai de Mike é apontado por outros membros do grupo por introduzir caminhões e carros na cultura da comunidade, o que gerou uma grande mudança em suas vidas, pois antes as viagens eram feitas a cavalo ou a pé. Com os carros foi possível que viajassem para maiores distâncias em curtos períodos e, com isso, conseguir mais recursos o que possibilitou que conseguissem adquirir suas casas e comesçassem a se fixar nesta cidade.

Para ele, os problemas da comunidade se acentuam conforme os membros se relacionam com quem não é da sua cultura, esses novos membros e as novas gerações não conhecem as tradições. Enfatiza que com a fixação na cidade as rodas de conversas com os mais velhos deixaram de ser praticadas, reduzindo a ação destes e fazendo com que a cultura se perdesse.

Mike também relatou as dificuldades com as quais teve e tem que lidar pelo fato de ser cigano. Por exemplo, na prática do comércio, por várias vezes precisou e precisa esconder sua origem, para isso, muda o vestuário e evita usar o dialeto do grupo, caso contrário, não consegue concluir negócios.

Sobre a filha que é cirurgiã-dentista contou situações de constrangimento que ela passou por sua origem, a dificuldade em conseguir trabalhar e as situações que vivenciou antes de ganhar a confiança da clientela e demais profissionais da área da saúde.

Estive na casa do Mike três vezes, na primeira, falei sobre os objetivos da pesquisa e pedi para que me ajudasse contribuindo como colaborador e me ajudando a ter contato com outras pessoas da comunidade. Na segunda oportunidade, conversamos sobre a situação dos ciganos na cidade e políticas públicas necessárias para atender demandas do grupo, desta vez, acompanhados por sua filha Jociara, que é cirurgiã-dentista. Em um terceiro momento, levei alguns materiais sobre ciganos que havia prometido entregar a ele.

Mike se relaciona bem com os gadje, alguns, como relatou, são considerados seus amigos de confiança, assim como os demais colaboradores mostra-se incomodado com os estereótipos impostos ao grupo. A filha ressaltou algo parecido, relatou momentos de constrangimento gerado pelo preconceito das pessoas por causa de sua origem, mas afirmou que a maioria de seus clientes na clínica são gadje e que tem amizades fora do seu núcleo familiar.

As conversas com Mike, Jaciara e Cleone não foram gravadas. No período entre março de 2020 até outubro de 2021 mantive contato, ainda, com outros membros do grupo via aplicativos de mensagens e redes sociais. Nessas conversas me relataram como se sentiam ou sentem (alguns ainda estão no Ensino Médio) em relação ao ambiente escolar.

IMAGEM 3 – Jociara e Mike



Fonte: Acervo Jociara Soares

1.1.4 Como os calon definem sua identidade

SER CIGANO

Ser cigano é respeitar a liberdade, a natureza e, acima de tudo, a vida.

É viver e deixar viver.

É ter a lucidez de saber esperar.

É não esgotar todos os recursos.

É preferir morrer com honra a viver desonrado.

É ter como lema ser feliz.

É agradecer as pequeninas coisas da vida.

É dignar seus velhos.

É glorificar suas crianças.

É respeitar os povos e as coisas que desconhece.

É nunca contestar a Justiça Divina.

É, acima de tudo, amar e respeitar Deus e Seu Filho Jesus Cristo, nosso grande mensageiro. (STANESCON, 2007a)

Esta definição de Miriam Stanescon (2007a) vai ao encontro do material colhido no decorrer das entrevistas, pois os colaboradores não apresentaram uma definição clara ou decorada no momento e ficou bem claro que as respostas partiram de suas vivências.

Como se pode observar, as respostas se equiparam a outras citações bem mais antigas, dando a impressão de que liberdade, lealdade, tradição familiar, religiosidade e honra fazem parte do imaginário coletivo que tece todas as linhas que formam a identidade dos rom de todos os grupos. As distinções são mais relacionadas às questões comportamentais, como o tipo de vestuário, o maior ou menor controle nos matrimônios dos filhos, e maior ou menor controle sobre mulheres.

O universo rom é repleto de expressões linguísticas que fazem parte da língua romani, as mais recorrentes serão os termos rom, uma maneira não pejorativa de se referir aos ciganos (HILKNER,2008). Por exemplo, gadje - forma pela qual o não-cigano é chamado pelo grupo; gaji – mulher não-cigana; phurê – que são os velhos e gao - leitura de mãos. Também haverá destaque para as expressões: clã, turma, comunidade, família e grupo, formas com que serão tratados os rom no coletivo e, ainda, o termo calon/calin, que fazem alusão a um dos sete clãs de rom (FERRARI,2006).

A indefinição que sempre existiu em relação à origem dos ciganos contribuiu para as variadas denominações que lhes foram atribuídas pelos europeus. De acordo com as fontes documentais analisadas por Paul Bataillard (1889) e Angus Fraser (1992), os grupos que adentravam a Europa em princípios do século XV, diziam-se vindos do “Pequeno Egito”, referindo-se a atual região do Peloponeso na Grécia, mas que para os europeus foi associada ao Egito na África. Devido a essa suposta origem egípcia, esses grupos passaram a ser denominados gitan na França, gitano na Espanha, gypsy na Inglaterra. Por outro lado, em alguns reinos da Europa, foram referidos como originários da Grécia e daí as denominações tsigne em francês, zíngaro em italiano e cigano em português (MENINI, 2014, p. 2).

Entre as várias perguntas programadas, algumas falas do Senhor Oscar servirão como apoio para entendermos questões relacionadas à identidade cigana. Em determinado momento, quando falávamos sobre os estereótipos no entorno da comunidade calon da cidade o senhor Oscar fez a seguinte interrupção:

Vou dar uma palavra para o senhor, o verdadeiro cigano não interessa nada que é do outro pra ele roubar, ele compra e vende, se ele puder vender no preço mais caro pra ganhar dinheiro dele, mas na venda ele vende, mas pra roubar do outro não!
(Entrevistado Oscar).

Nesta fala ficou bem claro o incômodo que este senhor carrega há anos, o estereótipo de ladrão o incomoda, sua casa, roupas e demais objetos, denunciam sua pobreza, mas naquele momento, enquanto falava essa advertência, alterou o tom e a altura da voz, mostrando desprezo.

Esse mesmo relato pode ser comparado com outro bem antigo. O abastado viajante naturalista francês Saint-Hillaire (1779-1853) relata contato que teve com ciganos que encontrou em viagem feita até São Paulo e como estes já haviam enriquecido com o comércio que haviam estabelecido na região.

Pareceu-me um povo muito unido, e fui tratado por eles com grande benevolência. Não os ouvi jamais usar outra língua senão a portuguesa. Vestiam-se como brasileiros, mas usavam barbas e cabelos longos. Perguntei-lhes por que deixavam crescer a barba, em desacordo com os usos da região, mas a esse respeito só encontrei respostas evasivas. Todos pareciam em boa situação, possuíam escravos e um grande número de cavalos e de bestas de carga. (...) Os ciganos de Urussanga passaram o dia inteiro tentando fazer trocas com os donos das tropas que compartilhavam comigo o rancho. Gracejando, comentei com um deles sobre a falta de probidade de que era acusado o seu povo. 'Eu trapaceio o mais que posso', respondeu-me ele com seriedade, 'mas todos os com quem negócio fazem o mesmo. A única diferença é que eles põem a boca no mundo quando se vêem apanhados, ao passo que nós, quando isso acontece, não dizemos nada a ninguém' (Saint-Hillaire, 1976, pp.102 - 103).

Para o entrevistado Oscar, já sabemos algo que o calon não é, ladrão; mas sua definição sobre o que distingue o cigano do gadje é bem mais ampla, tem a ver com questões relacionadas ao que ele chama de "natureza do cigano" e seu relacionamento com a família.

Porque o cigano é comportado da natureza, a natureza do cigano é que conforma essa situação, se um irmão está doente o outro irmão percorre de toda forma, se um irmão dele que não dá, que não tem providência pra poder tratar sozinho o conforto dele de dinheiro, a família descendência de cigano cada um ajuda um pouco. Pra poder recuperar. É essa a situação. Se eu tenho essa casa e como eu tenho Deus me deu, se eu tenho meus filhos, meu irmão, que hoje em dia já não existe Deus levou embora, só existe eu da minha descendência dos meus irmãos. Mas eu tenho neto, bisneto, genro, tenho filha e filho e tenho mais cigano, se for necessitado, se ele estiver jogado na rua, o próprio cigano que nem eu e diversos ciganos, eles põe tudo dentro da casa dele até ele arrumar jeito dele se arrumar, não cobra água, não cobra luz, o que tem de comer do mesmo prato ele reparte pro outro, isso que é descendência, o conforto da descendência de cigano, união (Entrevistado Oscar).

A importância da família para os calon foi abordada de forma mais elaborada no item 1.2, mas desde já se faz necessária uma explicação com base nos apontamentos de Florência Ferrari (2006, 2011), para quem a identidade do cigano está estreitamente relacionada à importância do seu contato com a família e em um sistema moral, que é simbolizado pela pureza da mulher cigana. Sobre esses aspectos, acrescentei à discussão trechos de outra entrevista, desta vez com o senhor Sebastião (78 anos).

Em determinado momento da entrevista o Senhor Sebastião buscou dois documentos da Associação de Desenvolvimento a Comunidade Cigana de Goiás, uma identidade de cigano, onde é possível encontrar além de seus dados, uma admoestação às autoridades sobre as

garantias constitucionais dos ciganos e a criação do Dia do Cigano pelo ex-presidente Lula. No outro, é identificado como associado do órgão.

Estes documentos lhe garantiram uma situação de destaque perante o grupo, quando necessário, em momentos de atritos com autoridades, junto com outros líderes (Senhor Oscar, Senhor Deluz, Vanderlei), apresentavam-se para discutir as melhores soluções.

IMAGEM 4 - documentos apresentados pelo senhor Sebastião.



Fonte: Acervo particular do senhor Sebastião.

Assim como o Senhor Oscar, o Senhor Sebastião em todo momento buscou demonstrar a honestidade e sinceridade, quando falava, alterava a voz para demonstrar o rigor e urgência de suas palavras, dando a entender que está habituado a falar sobre seu povo e suas necessidades. Em determinado momento disse que sempre tomou suas decisões com sobriedade para que nunca fosse preciso dar ou receber um tapa, mostrando que suas relações nunca foram pautadas pela violência, mas tão somente pelo respeito.

No decorrer das entrevistas, a mudança de comportamento que mais desagradava os idosos em relação aos mais jovens do grupo é o fim das reuniões, nas quais eram decididos os rumos do grupo. Não havia somente um chefe, esta posição era adquirida com o tempo, por meio da confiança, no entanto, o fato de ser mais velho não exime o sujeito de cobranças do grupo.

Mas depende a situação do erro, da humanidade das crianças e dos velhos também, porque tem velho que é relaxado, eles bebem as pingas deles e começam a xingar, a dar pra rua xingando, tem isso daí também (trecho da entrevista com o senhor Oscar).

Entre as várias histórias contadas pelo senhor Sebastião, em determinado momento ele tece uma crítica para as novas gerações:

Então menino, mas era uma vida boa. Porque os mais velhos mandava. Hoje não tem mandão, hoje todo mundo faz o que quer né, mas de primeiro, era tudo escutava os mais velho. Uma moça pra casar tinha que pedir em casamento. Tinha que a família toda aceitar, hoje as moças não pergunta pra ninguém mais, mudou tudo (Entrevistado senhor Sebastião).

Na sequência da gravação com o senhor Sebastião é possível ouvir a voz de sua esposa, que teceu o seguinte comentário: “Evoluiu”. Ela faz parte desse processo, não é calin de sangue, mas suas filhas são. O saudosismo é a prova do conflito da tradição.

Observo que ele se mostra incomodado com a situação das novas gerações, que desconhecem a tradição e que a cada dia se misturam mais com os gadje. Quando perguntei a ele o que era ser cigano, respondeu-me que ser cigano é respeitar a família, é a mulher pedir para casar e não se envolver com gadje e, ainda, talvez mais importante, que o cigano respeita o outro.

Assim, na relação, seja com outro calon ou com um gadje, o cigano sempre irá preservar a amizade, pois o respeito vem acima do lucro no comércio, acima dos bens materiais, acima dos interesses pessoais, para demonstrar isso, ele utilizou o exemplo de um cachorro, que sendo de um amigo e por ser de um amigo, o calon respeita o animal, pois sabe que ele é uma extensão deste amigo.

Nesse ponto, deixa claro que na sua cultura o sujeito é mais do que simplesmente seu corpo ou sua alma. Para o calon, tudo o que é de uma pessoa, inclusive sua família, é parte desta pessoa, segundo suas palavras, sua moral não o permite perder uma amizade por nada, já que o amigo, parente ou gadje, é parte dele e ainda mais, quando um membro da família adoce, morre ou é preso, toda a dor deste momento é compartilhada pelo grupo.

Para o senhor Sebastião o grande problema para a preservação de sua tradição é a abertura da comunidade para pessoas que não são calon. Pude notar algo semelhante na entrevista com o Senhor Oscar:

Eu vou falar pro senhor a realidade. Realidade tem que ter, depois que o cigano foi ficando unido, um com o outro numa cidade só, muitas pessoas que não é cigano entremeiava com cigano, brasileiro, foi adquirindo filho, filha, então a maior parte dos cigano foi acabando, verdadeiro... entrou uma nação no meio, metade cigano, metade brasileiro e assim vai continuando sempre. Mas no Estado de Minas tem cigano puro ainda. Na Bahia também ainda tem, eu sou um deles, meus filhos também é, mas tem muito agora que destraviou a descendência. (...) Não existe mais, não tem mais obediência, tanto faz a moça como o rapaz, não tem mais. Danou tudo, não querem saber de mais nada. Nova geração esqueceu do passado, os velhos da orientação pra eles não valem nada, curtem a vida como eles querem. Isso aconteceu de 60 anos pra cá, de 60 anos pra trás era cultivado, os velhos falavam, assim filho, filha aqui vai ter união de todos nós de idade, vai embora pra não escutar a palavra. Eles ia e sentava lá

no canto e os velhos se uniam nas palavras que eles queriam contra os filho. Depois que conduzia eles chamavam se tivesse obediência de conselho pra molecada, rapaz pra moça, os velhos iriam dar aqueles conselhos honestos, que não eram pra passear longe dos pais e de mãe, não é pra passear sozinha na praça, nem no forró, nem no jardim, que eles se acompanhavam com pai e irmão. Se alguma moça se interessasse em dançar com uma pessoa tinha que pedir ordem pro pai pra mãe ou pros irmãos, se não ela ficava sentada, no meio da família. Era essa a cortesia que eu digo pro Senhor (Entrevistado senhor Oscar).

Novamente a postura da mulher cigana é posta como uma das principais mudanças em relação aos calon da nova geração. Mas adiante, ainda neste capítulo, apresento uma discussão em relação às calin, na qual fica perceptível como a figura de Santa Sara e a Virgem Maria moldaram o imaginário acerca da importância das mulheres para o sucesso do grupo.

Em meados de julho e setembro estive por várias vezes conversando com o Mike cigano (62 anos) em sua casa, nestas oportunidades ficou evidente o seu desconforto com a entrada de pessoas que não conhecem as tradições no grupo por meio de casamentos, mesmo sendo filho de um Gadje com uma Calin, ficou evidente sua preocupação com o choque cultural. Neste dia, tive a impressão que toda a preocupação com o matrimônio, em especial com a calin, é reflexo do sistema de preservação do grupo¹⁹.

Mike, assim como o senhor Oscar, quando perguntado sobre o que é ser cigano, frisou a importância da família e da liberdade e queixou-se pelo fato de que em muitos momentos para conseguir realizar negócios teve que esconder sua origem. Demonstrou que tem afeto por vários gadje, que considera amigos leais, mas que por muitas vezes sua família vivenciou diversas formas de preconceito.

Entre os entrevistados e demais pessoas do grupo ao qual tive acesso a impressão que me foi passada é que o calon não se sente distinto da história da cidade que, mesmo com as diversas situações de preconceito, apegam-se às relações que foram adquirindo com o meio.

Em relação aos mais antigos, notei que Santa Fé do Sul servia de porto seguro quando as viagens se encerravam e que esta relação gerou uma ambiguidade em suas narrativas, já que, para eles, a liberdade é um ponto crucial no que define o cigano. Assim, a fixação e o fim das viagens, mas mais que isso, a inserção de gadjes no grupo é o grande problema, que explica outros problemas como violência, uso de drogas, marginalização etc.

Sobre a pergunta corte, o porquê de se fixarem em Santa Fé do Sul-SP, a resposta tem relação direta com a importância da família e a possibilidade de saírem da miséria. Os ciganos

¹⁹ Em “Totem e Tabu, outros trabalhos”, Freud (1950) analisa os complexos sistemas de relacionamento entre tribos com parentesco criadas para inibir casamentos entre parentes de primeiro e segundo grau. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). Obras Completas Livro 13. Editora Imago, 1950.

migraram para Aparecida do Taboado-MS a partir de Guaíra e da Região de Sorocaba. Houve a união de famílias que até então estavam separadas e, depois, com os loteamentos que marcaram o início de Santa Fé do Sul-SP, conseguiram adquirir seus primeiros terrenos, o que para eles simbolizou o fim da miséria.

A vida nas tendas não era nada confortável, de imediato não romperam com o estilo de vida nômade, pois precisavam de dinheiro para construir suas casas. Já a introdução de automóveis contribuiu para que percorressem maiores distâncias e logo conseguissem mais dinheiro.

Com o tempo e com mudanças nas leis (tema abordado no capítulo 3), os filhos tiveram que frequentar escolas. A casa de alvenaria, o automóvel permitindo que as viagens mesmo sendo mais distantes se tornassem mais rápidas e os filhos matriculados nas escolas foram os fatores de fixação, mas não de rompimento com a itinerância. Entretanto, eles precisam trabalhar e mesmo quando querem trabalhos fixos não conseguem.

Os colaboradores mencionaram o incômodo gerado quando um calon busca trabalho; o preconceito com o cigano e a falta de políticas públicas para serem inseridos no mercado de trabalho mostram um dos efeitos do choque cultural provocado pela fixação.

Os calon e demais grupos rom são conhecidos pela sua relação com o trabalho formal, o estilo nômade proporcionou a criação de um código moral que define como deve ser sua relação comercial com os gadje (FERRARI, 2011). Ser cigano é ser livre, as regras do trabalho formal reduzem essa noção de felicidade.

No entanto, a fixação gerou uma crise nessa relação do calon com o trabalho, sem as viagens ou com a redução destas, precisam de outras formas de renda. Neste momento muitos trabalham em funções rotativas, informais; porém, caso queiram romper definitivamente com as viagens, os estereótipos sobre o grupo dificultam o acesso ao mercado de trabalho formal.

Podemos notar esse conflito entre a liberdade e a necessidade do trabalho formal gerado pela fixação em uma das falas do senhor Oscar:

Vou dar uma palavra pro senhor de antecedência de cigano, ele pretende mais é viajar do que serviço fixo pra eles muita pessoas de cigano não trabalha pra eles, então, cigano fica andando pra lá e pra cá andando, pra ele sobreviver ele tem que viajar com carro comprar tecido, comprar remédio da firma prumada nesta coisa tudo com documento de fiscal e tornar pra ganhar a vida dele, pra pagar água, luz. Serviço pra cigano ninguém quer dar, esse filho meu aqui, pra ele, quis trabalhar pra ganhar o pão dele, ele tem a mulher dele, ele tem que vender sorvete no carrinho da firma aí, e quantos anos faz que você trabalha nisso? Três anos? Três anos que trabalha empurrando o carrinho vendendo sorvete, o outro filho meu o João, mais novo do que ele, se ele quiser comer uma comidinha, pra tratar da mulher véia dele, ele tem que enfrentar servente, pra pedreiro e o ordenado de servente hoje em dia não é mais que

setenta reais, o dia, quando falta o serviço, ele fica mais de semana parado, essa que é a situação, da nação, origem, cigano (Entrevistado senhor Oscar).

O senhor Oscar desvincula a itinerância e o trabalho informal como sendo algo que faça parte da identidade cigana e atribui a uma condição que foi imposta ao cigano. Notamos isso em outro momento, quando ao narrar uma abordagem policial expõe a resposta do grupo:

Ceguei, muitas vezes, e outra vez chegava uma viatura de polícia, inspetor de quarteirão, investigador e militar, ali tinha cabo, sargento, tenente. Falou assim: escuta, vocês vão acampando aqui sem ordem do delegado? Sem dar providência na delegacia? De onde que vocês vem? Ó senhor, nós não tem morada, nós é pobre, essa era a palavra nossa, de fato nós era mesmo, nós não temos morada. Nós somos pobre, recurso pra comprar terreno nós não tem, casa não, nós somos nascido no Brasil, nós somos igual a vocês brasileiros, essa era a palavra nossa por defesa. Tá, mas quantos dias vocês vão ficar aqui? Quem manda em nós é Deus é Deus é quem sabe. Essa era nossa resposta, quando Deus falar que a gente precisa ir embora nós vai, por que nós ir embora, de a pé, com as malas nas costas, as criança tudo andando a pé, nós não tem recurso, naquele tempo nós não tinha carro. E nem cavalo. Ciganada com as malas nas costas. É desse tipo, então não tem recurso senhor tenente, senhor sargento. Então, quantos dias o senhor pretende ficar aqui, então nós respondia, se o prefeito dá um recurso pra nós, se ele colocar a gente dentro de um ônibus para outra cidade nós vai embora memo, essa era a resposta nossa, mas do contrário não tem jeito, levar essa criança a pé pela estrada de terra. Se o senhor achar conveniência pra sair então nós sai, se o senhor achar que não convem nós ficar nós vai embora. Mas o senhor não tem recurso? A gente não tem recurso a gente pede comida pra comer. Por que vocês não trabalha.? Seguinte, nós vai entrar numa fazenda pra trabalhar, a gente fala que é cigano eles tem medo de nós roubar eles, eles manda nós embora, nós estamos jogados, e é verdade, até hoje é assim mesmo, em Santa Fé, se uma pessoa roubar lá no Bartolão, e se passar um de nós naquela rua e se foi o outro que roubou ele vai jogar que foi nós cigano eles fazem, o cigano passou aqui foi ele que roubou, essa a fama, brasileiro não é ladrão, cigano é malfeitor (Entrevistado senhor Oscar).

Esta observação do senhor Oscar abre várias linhas para serem analisadas: a questão da pobreza, da forma que viajavam, de como as autoridades se “livravam” dos ciganos ao invés de criarem políticas públicas para auxiliá-los, o preconceito com o cigano quando este busca por trabalho e o estereótipo de serem bandidos.

De acordo com esta afirmação, eles viajavam em busca de recursos e faziam isso por serem pobres, esta visão põe em xeque a imagem romântica do rom livre, pois vemos que essa liberdade nômade pode ser vista como uma imposição social.

Na casa do senhor Sebastião e quando estive com Mike falamos sobre a dificuldade do cigano em conseguir emprego formal, naquelas ocasiões foram expostas várias situações de pessoas do grupo que tiveram que aprender a camuflar suas origens para conseguir trabalho ou que, devido aos estereótipos, sofrem muito para conseguir clientelas em suas atividades.

Sobre isso, vale ressaltar que na comunidade em questão vários membros conseguiram formação acadêmica em diversas áreas, mas mesmo assim, o acesso ao mercado é dificultado.

Entre os jovens com os quais mantive contato, foram relatadas várias situações às quais eles são submetidos: negações para vagas de empregos quando se apresentam como ciganos e dificuldades em fazer amizades na escola, também relatam que sentem olhares diferentes quando entram em lojas da cidade.

Das respostas obtidas, chego à seguinte conclusão: o rom é alguém inserido em uma cultura milenar que conseguiu resistir às inúmeras investidas contrárias tendo por base as relações familiares, o comércio itinerante e um princípio de regras morais baseadas na lealdade e na assistência mútua.

Não podemos negligenciar o forte tom patriarcalista distribuído em várias práticas que limitam a mulher enquanto sujeito. E ainda que diferente dos estereótipos, não se consideram algo fora da cultura brasileira. Também repudiam a imagem de ladrões e violentos e que desejam que as novas gerações consigam ter mais acesso ao desenvolvimento e ao conforto, sem perder as noções de família, amizade e lealdade.

Enquanto isso, os mais jovens buscam por representatividade, principalmente nas redes sociais, onde procuram mostrar os valores de sua comunidade sem ficar de fora das tendências de sua geração.

1.2 Cultura Calon – Representações – As mulheres (calin)

Entre os clãs rom os calon são os que estão no Brasil há mais tempo, devido a todo o processo de degradação que sofreram possuem algumas características próprias destoando, assim, de muitas práticas presentes em outros grupos (COELHO,1995, PEREIRA COSTA, 1988; TOMA,2002).

De acordo com a tradição oral dos Calon, ao longo de sua prolongada experiência na Península Ibérica os chamados gitanos/as na Espanha e ciganos/as em Portugal passaram a se autodenominar Calons (para os homens) e Calins (para as mulheres). Por outro lado, esses grupos também se apresentavam como “ciganos” para falar de si mesmos diante dos não ciganos, aos quais chamam de gadje (MENINI, 2014, p. 2).

Florência Ferrari (2006, 2011) faz uma importante contribuição sobre a cultura deste clã quando afirma que eles mantêm características itinerantes mesmo após fixação. Ainda, relação do clã com o Estado (noção, comportamento) contribuiu para que desenvolvessem mecanismos de sobrevivência com os gadje. Trata também da relação do sujeito calon/calin com seu

clã/família e da concepção de liberdade, da escolarização para o calon e da figura da mulher dentro do sistema de moral.

Como afirmado, a fixação para o rom não pode ser vista como um tipo de estagnação, uma vez que mesmo em situação sedentarizada eles ainda podem manter características itinerantes, sem necessariamente haver relação com o comércio. Para os calon de Santa Fé do Sul-SP, a fixação não significou o fim das viagens, com o tempo, ocorreu uma diminuição significativa que afetou algumas características comportamentais do grupo, o que não pode ser considerado como fim da prática itinerante.

Diz a lenda que nossa história começa com a fuga dos ciganos do Egito e sua divisão em sete clãs. Seguiram em caravanas pelo mundo, tornando-se nômades, mas sem com isso perder sua essência. O arco-íris que se vê no horizonte simboliza para nós a realização de um grande sonho, de que todos os ciganos, independentemente do clã a que pertençam se encontrarão no grande terreno que Deus pai reservou para nós no paraíso (...) (STANESCON, 2007a, p. 47).

Os calon desconhecem noções básicas sobre Estado e República como apontado por Ferrari (2011), para eles, o Estado é configurado no agente público com o qual são forçados a manter contato, tal como o policial, o professor, o agente de saúde etc. Logo, não dão importância significativa para o uso de documentos, exemplo disso, é natural um calon ter um nome de registro e um segundo nome ou apelido utilizado pelo grupo.

Muitos foram registrados como filhos de familiares próximos, prática adotada quando os pais não tinham documento de identidade. A pesquisadora encontrou indivíduos que não possuíam nem certidão de nascimento. Membros do grupo que tiveram acesso à educação buscam resignificar as noções de Estado e de República, nestes casos, é nitida a busca em criar meios para conseguir direitos (BASTOS, 2012).

Ferrari (2011) aponta, ainda, a definição de um calon como sendo a relação e o contato que ele tem com seu grupo. O sujeito é uma construção que fora do grupo não há identidade, não há sentido, pois os ciganos rejeitam a ideia do indivíduo que vive só. Mais uma vez faço alusão aos que são rejeitados, estes sofrem uma punição muito expressiva dentro da cultura, já que isolado perde sua identidade e sua liberdade.

A liberdade é, assim, de certa forma condicionada pela relação com o grupo, daí a importância das reuniões, acampamentos e viagens, haja vista que nesses momentos entra em destaque o phurê, transmitindo oralmente o conhecimento e fornecendo os traços da identidade coletiva.

Os gadjes não são vistos como inimigos já que existe uma relação de interdependência, isso acontece, por exemplo, por meio do comércio estabelecido com os gadjes, quando o calon consegue o lucro (vantagem).

Para eles, o trabalho tem outros significados, a noção de liberdade do calon torna incompreensíveis as demandas de tempo e hierarquia impostas pelo trabalho convencional.

Desta forma, o gadje transforma o meio, extrai recursos e o calon toma proveito disso e, portanto, depende desta forma, deste contato.

Lembro-me, ainda menina, das tardes em que ela servia o chá em sua barraca, numa mesa redonda e baixa (...) A hospitalidade entre nós é mais que um dever é uma obrigação (STANESCON, 2007a, p. 29).

Pedro Hespanha (2010, pp. 249-250) explica as transformações que ocorreram no pensamento europeu e como estas moldaram a visão do Ocidente sobre os rom. Se antes, durante a Idade Média, o pedinte era visto como a oportunidade de o cristão desenvolver a caridade esta ideia com novos processos de produção e novas demandas sociais foi sendo transformada, no decorrer dos séculos, chegando ao ponto de o pobre, o pedinte, aquele que não tem ocupação fixa ser visto como vadio.

Maristela Toma (2002, p.72) aponta que a degradação é uma forma de conter a demanda utilitarista da sociedade. “Os calon sofrem muito preconceito ainda por causa deste pensamento sobre a colocação do indivíduo dentro de modelos de trabalho, que limitam o tempo e o espaço”. O que é muito próximo do alerta do indígena Ailton Krenak (2020) em “A Vida Não é Útil”, pois os indígenas também são rotulados como vagabundos por não estarem dentro do padrão “ideal” de trabalhador no capitalismo.

Junto com esta ideia de trabalho, a cultura ágrafa e o estilo nômade ou itinerante não contribuem para o ensino formal. A família calon não valorizava a educação oferecida pelo gadje, a criança precisava saber o básico para conseguir se estabelecer no comércio e só, não havia ambição de outras profissões. Toda esta cultura por si só já tornava o cenário da escolarização bem desfavorável, isto unido à falta de atitudes da escola para incluírem as famílias ciganas no cotidiano (CASA-NOVA, 2006).

Esta visão com o passar do tempo foi sendo modificada: “Tem que estudar, tem que ser assim, quem mora tem que ter criança na escola, agora tipo naquela época não tinha essas coisas, não era obrigatório, estudava filho se quisesse [...]” (Entrevistada dona VERA).

Deve ser reconhecido aos membros das minorias nacionais o direito de exercer atividades educativas que lhe sejam próprias, inclusive a direção das escolas e o uso

ou ensino de sua própria língua desde que, entretanto: (I) esse direito não seja exercido de uma maneira que impeça aos membros das minorias de compreender a cultura e a língua da coletividade e de tomar parte em suas atividades ou que comprometa a soberania nacional; (II) o nível de ensino nessas escolas não seja inferior ao nível geral prescrito ou aprovado pelas autoridades competentes; e (III) a frequência a essas escolas seja facultativa (UNESCO, 1960).

Programas educacionais específicos com menor apelo para o mundo do trabalho e com maior visão voltada para a história cultural poderiam ser uma resposta para a “demanda” escolar da cultura calon, mas como veremos são o oposto aos modelos tecnicistas do Currículo do estado de São Paulo e do Novo Ensino Médio (Governo Federal), neles, pelo contrário, é preciso valorizar o mercado de trabalho e suas demandas.

O Parlamento Europeu, tentando conter os vários problemas urbanos causados pela constante migração cigana no continente, irá propor várias medidas voltadas para a educação e profissionalização.

As propostas não levam em consideração as necessidades dos grupos, pelo contrário, são uma tentativa de minar características identitárias dos mesmos em nome de um apelo das populações xenófobas.

Considerando que a falta de instrução, devida principalmente ao modo de vida itinerante dos ciganos e outros nômades, tem efeitos futuros, além dos fatores puramente materiais e financeiros, sobre sua vida e sobre o clima social, efeitos que arriscam prejudicar a longo prazo sua integração na moderna sociedade européia e sua aceitação como cidadãos com direitos iguais; Recomenda ao Conselho dos Ministros de incitar os governos membros: - a estimular, já que não é possível frequentar as escolas existentes, a criação, perto dos terrenos de acampamento ou de outros lugares onde grupos de nômades se reúnem regularmente, de classes especialmente destinadas a suas crianças, a fim de facilitar sua integração nas escolas públicas, e a estabelecer uma ligação satisfatória entre os programas escolares das crianças nômades e os programas do Ensino de Segundo Grau ou de outras formas de instrução mais avançadas. - a criar ou a melhorar as possibilidades de formação profissional dos ciganos e dos nômades adultos visando melhorar suas atividades profissionais. (Conselho da Europa, Recomendação 563/69)

(...) solicita ao Conselho de Cooperação Cultural: I. providenciar um estudo completo sobre problemas educacionais e de treinamento profissional para nômades; II. preparar como parte de seu trabalho sobre educação intercultural, informação sobre dossiês para professores da história, cultura e vida familiar de povos de origem nômade nos Estados membros, semelhantes aos dossiês informativos para professores de crianças de imigrantes; III. estudar a possibilidade de elaborar, se possível em cooperação com a Unesco, um programa específico de treinamento para professores visando habilitá-los ao ensino da língua rom (cigana)”(Conselho da Europa, Resolução 125 de 1981).

Esse conjunto de medidas, assim como várias outras, não foi colocado em prática ou se mostraram insuficientes (BASTOS, 2012), pois foram medidas que só procuravam diminuir o impacto das imigrações de rom que saem anualmente da Romênia e Bulgária em direção ao centro europeu.

No Brasil, o Governo Federal, a Secretaria de Direitos Humanos e a Fundação Santa Sara Kali desenvolveram uma cartilha chamada “Povo cigano, o direito em suas mãos” (STANESCON, 2007b, p. 26-27), voltada para os rom, que explica conceitos básicos sobre a sua origem, suas lutas e traz várias propostas de leis que incentivam o desenvolvimento de vários setores, entre eles, o da educação, como se apresenta:

EDUCAÇÃO, SAÚDE E CULTURA

(...)

13. Promover e criar cursos de alfabetização diferenciada às crianças e adultos ciganos através de unidades móveis, com programas e profissionais capacitados para uma alfabetização rápida e eficaz.
14. Garantir a educação escolar diferenciada às crianças ciganas, respeitando suas crenças, costumes e tradições.
15. Garantir ao povo cigano nômade, assistência à saúde diferenciada, por meio de unidades móveis que possam não somente tratar, mas também, orientar e prevenir contra doenças sexualmente transmissíveis.
16. Garantir a presença de ginecologista mulher nas unidades móveis, para que a mulheres ciganas possam realizar seus exames preventivos e de pré-natal sem criar constrangimentos dentro de sua comunidade.
17. Incluir as artes ciganas nas festividades em que se apresentem outras etnias, como negros, índios e outras.
18. Mapeamento dos acampamentos e tombamento dos sítios e documentos detentores de reminiscências históricas.
19. Implantação de programas de saúde diferenciados na assistência à etnia cigana pelo SUS, priorizando ações na área de medicina preventiva, segurança alimentar, fitoterapia, DST/ AIDS.
20. Acréscimo da cultura cigana ao Decreto n. 1.494, de 17/05/1995 (DOU 18/05/1995) que regulamenta a Lei n. 8.313, de 23/12/1991, que estabelece a sistemática de execução do Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC).
21. Iniciar o Projeto “Cartão Educação”, para que as crianças e adolescentes sejam matriculadas em, no máximo, 24 horas nas redes públicas estaduais e municipais, sempre que chegarem com suas famílias em uma nova cidade (STANESCON, 2007b, p.p. 26- 27).

A cidade de Santa Fé do Sul não tomou as medidas acima mencionadas, os órgãos públicos desconhecem o documento e os responsáveis pelo planejamento do município não levam em consideração a presença dos rom. Sem soluções para os problemas relacionados à educação, o estudante calom pode ser um estranho dentro do ambiente escolar (ou um monstro como trato no terceiro capítulo). Neste caso, cabe à sala de aula e seus integrantes (alunos e professores) romperem o preconceito.

Analisando o mesmo problema na Espanha, o autor Furjo Torres Santomé (2019), no capítulo “Alienígenas na Sala de Aula” questiona o caráter racista dos currículos escolares que, sem qualquer pudor, esconde comunidades e grupos indesejados. Também faz relação direta de como os gitanos (forma que os rom são substantivados na Espanha) sofrem com essa prática.

Esta é uma das maneiras de construir e reforçar estereótipos e preconceitos sobre grupos e povos marginalizados e sem poder e, por conseguinte, de lhes atribuir responsabilidades exclusivas pelas situações que lhe são impostas.

(...) No interior das salas de aula é muito raro que o professorado e os alunos e alunas cheguem a refletir e investigarem questões relacionadas com o contexto, o exemplo mais flagrante é o do povo cigano. Nem nos materiais curriculares, nem na própria decoração das escolas, existe qualquer coisa com a qual as crianças dessa etnia possam se identificar. Suas crenças, conhecimentos, destrezas e valores são ignorados. Em resumo, todo cigano é contemplado como um estigma, algo que é necessário ocultar ou pelo menos, não mover (SANTOMÉ, 2019, p.165).

Os pareceres da UNESCO, do Parlamento da União Européia e as propostas contidas na cartilha desenvolvida pela Fundação Santa Sara Kali em parceria com o Governo Federal mostram que existem medidas que podem ser tomadas, o problema é que elas não são postas em prática e o resultado é a manutenção do preconceito e situação de marginalidade dos rom.

Povos tradicionais. Todos eles. Por exemplo: nós estamos trazendo à luz os que estavam invisibilizados no Brasil. Nunca se falava dos povos ciganos no Brasil. Eles são 1,2 milhão. Nós temos, no Brasil, muito mais ciganos do que índios e estes povos estavam à margem. Estamos falando de mulher cigana, da violência no dia a dia na rua contra ela, da evasão escolar das crianças ciganas, do preconceito contra ciganos no Brasil e fazendo este enfrentamento. Outro povo: as marisqueiras, que são consideradas povo tradicional, os seringueiros, os ribeirinhos. Estamos trazendo à luz os que estavam invisibilizados. Isso não é ideia da ministra, não, é ordem do presidente da República (SENRA, KRIEZA, 2019, [s/p.])²⁰.

No momento da conclusão desta pesquisa as perspectivas de melhorias nas relações entre os rom e todas as demais minorias no que depender do Estado estão zeradas. Não há investimento em ciência e tecnologia, pelo contrário, o Governo Federal é o maior distribuidor de desinformação atacando todos os órgãos que visam de alguma forma a preservar culturas e fomentar programas de inclusão, por mais que a ministra dos Direitos Humanos cite ciganos ou tire foto com eles, na prática, o Governo não faz nada de produtivo, além de vídeos que somente enaltecem a figura do presidente que é tratado como mito.

²⁰ Parte da entrevista da Ministra dos Direitos Humanos, Damares Alves, para a BBC Brasil no dia 18 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50800983>.

1.2.1 A Cajin²¹

Imagem 5 – Mulheres da comunidade calon



Fonte: Acervo Jociara Soares. Mulheres da comunidade Calon, 2021.

Entre os simbolismos dentro da moral calon, a mulher recebe destaque. Sua conduta na forma de se vestir e nas relações de submissão aos homens é condicional para a honra de toda a comunidade, pois, diferente da mulher não cigana que pode “beijar antes do casamento”, vestir calças e ou roupas provocativas, a mulher cigana tem seu casamento arranjado pela sua família e usa roupas (floridas, coloridas) que escondem a forma do seu corpo (FERRARI, 2011).

O casamento é um dos momentos mais importantes para a calin, que deixa de ser filha para ser nora, condição que se altera quando se torna mãe. Cada uma dessas posições, filha, nora, mãe, colocam-na em diferentes partes da estrutura do grupo, quando se torna avó, tem uma posição de respeito privilegiada.

²¹ Muito ainda precisa ser discutido sobre as questões das mulheres ciganas, o patriarcalismo, machismo, a violência doméstica, o feminicídio, alguns destes tópicos, de forma superficial foram abordadas neste trabalho.

IMAGEM 6 - CARTA: Abial romanô (Casamento Cigano)



Fonte: Stanescon (2007a)

A roupa da mulher cigana implica um pudor coletivo, exprime a imposição do grupo e, para ela, não aceitar o que lhe é posto afastando-se ou rompendo com a cultura é estar sozinha. Como a subjetividade é reduzida, um cigano sozinho, longe do grupo, não é cigano, perde sua identidade. No caso da mulher isso é agravado, pois seria uma cigana marginalizada pela sociedade e abandonada pela família, alguém insegura.

Sobre as vestimentas, na psicanálise, têm sido atribuídas a elas “funções principais como decoração, proteção e pudor” (DIAS, 1997, p. 63) desde o nascimento, assume o “[...] papel de placenta devolvendo ao recém-nascido a impressão do retorno ao útero, com o tempo, ganha caráter narcísico, erótico, me visto para aparecer, para ser identificado, para me comunicar; mas também me visto por pudor, para cobrir minha vergonha”. No caso do Ocidente, esconder o sexo que é aqui tratado como pecado. O eu do sujeito, segundo (DIAS, 1997, p.75), surge quando “a imagem do corpo é reconhecida como própria”, o que afirma como a cultura calou desempenha forte relação na vida das mulheres que são condicionadas a um tipo de vestuário que lhe garante proteção, que o narcísico e erótico são postos de outra forma, não para mostrar as formas do corpo, mas sim para escondê-la. Com isto, a mulher cigana busca uma imagem que não é sua, “[...] uma coisa é o sujeito tomar a si mesmo como ideal, outra, é ele tomar um outro”. A subjetividade é sufocada, “[...] essa alienação constitutiva à imagem do semelhante marcará as relações imaginárias, seguindo a presença de uma sombra desse outro, no eu” (DIAS, 1997, p.77).

Esta visão fica clara na figura da personagem “Esmeralda”, de Vitor Hugo, que mesmo vestida com vestido longo o romantismo lhe impôs um ar de sensualidade, o que demonstra uma grande controvérsia. Vestida para honrar seu grupo, para os de fora é apresentada como alguém vulgar. Aí está a maior contradição, suas vestimentas vão ao encontro da moral católica da época, vestidos longos.

Outra possibilidade é que para as mulheres ciganas as imposições relacionadas aos seus hábitos e a noção de liberdade difundida no grupo compensem o que para quem está fora da cultura possa ver como sacrifício.

O dado relevante é a satisfação compensadora no seu próprio vestir. Como entender essa satisfação compensadora? Da forma como o autor deixa entrever, ela ocorreria para aqueles que puderam abrir mão, gradativamente, do estado de onipotência, e da condição de tomarem-se a si mesmo como objetos do amor, “anterior a constituição do ego”. De outra forma não haveria como invocar, para o uso da roupa, um estado onde o sujeito não se encontra mais reservado com ele mesmo (DIAS, 1997, p.67).

A membra que segue as determinações se aproxima de Santa Sara²², de sua roupa sagrada, do seu véu que denuncia seu compromisso com Deus. Já para a cigana que não quer manter a cultura ou que por algum motivo tenha tido contato com o universo gadjin, relacionando-se com parceiros fora de seu clã e, depois, tenha por quaisquer motivos retornado para o convívio do grupo, o vestuário, a submissão, o estilo de vida itinerante não lhe são vistos como forma de liberdade. Pelo contrário, para estas, a vida da mulher não-cigana que é livre, pois esta pode vestir-se, divertir-se e se locomover conforme seus interesses.

Essas mulheres, que sempre serão vistas pelos gadjin como ciganas, tornaram-se algo novo que rompe com todo o imaginário de liberdade no entorno do estilo de vida cigano. Ser cigano(a) é, para os calons, a atitude de resistir ao universo gadje e esta implica na sua identidade como sujeito, pois ser livre é estar ‘junto’ com o grupo (FERRARI, 2011). A que questiona ou a que se afastou perde a confiança, para reconquistar tem que mostrar que está disposta a se submeter aos homens que têm o direito.

Com o aumento de membros do grupo se convertendo a religiões pentecostais, alguns hábitos das mulheres relacionados a religiosidade têm sido substituídos (leitura de mão, cartomancia, votos), porém aspectos como vestuário, adereços, danças têm resistido com o tempo.

IMAGEM 7 – Cajins em roupas típicas

²² Ver Apêndice A.



Fonte: Acervo de Jociara Soares. 2021.

Há várias maneiras diferentes de estas novas religiões atribuírem costumes às mulheres, logo, a mudança no vestuário e outros costumes dependerá da narrativa desta religião. Por exemplo, no caso da família do senhor Oscar, a maioria dos membros faz parte de uma igreja onde o genro e a filha são os pastores, as roupas coloridas foram mantidas, o estilo de músicas sertanejas também, mas agora gospel.

Já outras pessoas seguiram outras religiões nas quais há maior mobilidade social para as mulheres, logo estas calin passaram a usar calças jeans e cortar os cabelos com cortes mais modernos.

Mas não são somente as religiões pentecostais que provocam mudanças, uma das calin que está concluindo o Ensino Médio tem pesquisado sobre religiões espiritualistas e me disse que está tentada a ser umbandista, esta calin, assim como outras de sua faixa etária, estão tendo contato com ideias feministas e passaram a criticar os costumes machistas do grupo.

Percebemos que existe um complexo sistema de símbolos criados no imaginário sobre a importância das calin no grupo, mas que também as novas gerações estão forçando as regras do grupo para que as demandas das mulheres sejam aplicadas no grupo.

Se as culturas ciganas possibilitam inúmeras discussões e novas abordagens, as mulheres, com certeza, devem ser parte destas.

1.3 Breve análise sobre as cartas ciganas

Talvez o maior impacto gerado pela conversão a religiões petencostais tenha sido o abandono da cartomancia e leitura de mãos das calin do grupo pesquisado. Para o petencostalismo tais práticas são proibidas já que têm ligação diretamente com o satanismo.

O material que analiso foi gentilmente me fornecido pela senhora Miriam Stanescon e sua filha Lhuba Batuli, trata-se de um jogo de cartas ciganas acompanhado por um guia²³ de como devem ser utilizadas, o guia em si foi de extrema importância para esta pesquisa, pois traz importantes contribuições da autora sobre questões relacionadas ao universo rom.

Para melhor entendimento sobre este sistema de cartas e todos os simbolismos e narrativas que remotam a experiências milenares, foi necessário um estudo específico, tendo por objeto as cartas. O que procurei fazer foi demonstrar parte deste universo de possibilidades. Por tratarem de vários aspectos da cultura rom, utilizei as cartas como fonte em outros momentos. Por ora, faço uma exposição sobre a importância de Santa Sara e a religiosidade para o grupo e como estes aspectos desencadearam momentos importantes na história dos rom.

Os rom possuem muitas diferenças que variam entre os diversos grupos, no entanto, algo que marca suas culturas é a forma com que expressam sua religiosidade. Não existe uma religião cigana, mas eles têm devoção por Santa Sara Kali²⁴.

IMAGEM 8- Sara Kali



Fonte: Stanescon (2007a)

²³ Lilá Romai, Cartas Ciganas. O verdadeiro oráculo cigano. Miriam Stanescon (2007a).

²⁴ Ver Apêndice A.

A imagem de Santa Sara Kali é utilizada como verso de todas as cartas do baralho, não há uma carta específica sobre a padroeira, no entanto, ela é colocada em uma posição de destaque, quem espera pela leitura das cartas, em um primeiro momento quando as cartas estão sendo embaralhadas só conseguem ver a imagem da Santa.

Os ciganos não possuem fontes escritas, contam suas origens por meio da oralidade (tradição oral, cartas, tatoos, lendas), quem irá documentar sua história são os gadjes, os relatos sobre sua cultura começaram a surgir somente depois do século XVIII, o que não impediu que vários boatos sobre suas origens se espalhasse. A Europa, católica e preconceituosa, buscou artimanhas dentro do discurso religioso para intensificar as perseguições aos rom.

No Brasil, o que podemos ver no primeiro livro que buscou conceituá-los em “Os ciganos no Brasil - Contribuição Ethnographica”, escrito por Mello Moraes Filho (1986), disponível na biblioteca virtual do Senado Federal, é uma das mais vergonhosas demonstrações de preconceito direcionado aos ciganos.

Depois de discutir vários autores que disputam se os ciganos seriam originários da Etiópia, Egito, Grécia ou Índia, cita os escritos de Raphael Bluteau que, segundo o autor, “cuja erudição e critério fazem peso nas letras de Portugal”, demonstra a maldição que explica a “origem judaica”:

Ciganos- Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturaes do Egypto e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicilio permanentemente, como descendentes dos que não quizeram agasalhar o Divini Infante quando a Virgem Santíssima e S. José peregrinavam com elle pelo Egypto (MELLO, 1986, p.17).

De acordo com esse fragmento são descendentes dos que não quiseram agasalhar Jesus durante a peregrinação de José e Maria no Egito, mas as lendas não param por aí, seriam ainda os fabricantes dos pregos usados na crucificação. Tratando-se de argumentos religiosos dificilmente haveria fontes, mas como mencionado, estas não eram necessárias devido à erudição do “pensador”.

Existem várias narrativas religiosas que estereotipam os rom como indecentes e imorais, porém, ao analisarmos sua cosmovisão, religiosidade e preceitos morais, estas narrativas caem por terra. É possível constatar o oposto, a religiosidade dos rom é muito mais marcante em sua identidade do que muitos grupos religiosos congregacionais no entorno de instituições organizadas.

Na Imagem 6 está a mais importante das Cartas do baralho cigano, não podendo e nem devendo ser embaralhada juntamente com as outras. Ela não faz parte do jogo.

Jesus Cristo está presente nos quadros das casas dos calon, em adesivos colados em seus carros, em tatuagens, em suas festas religiosas, em suas orações. O fato de não terem tido a religião oficial do europeu (catolicismo) fez com que fossem rotulados como não cristãos, o que notamos no convívio com os mesmos é o oposto, tanto que, a conversão para novas religiões cristãs se dá em muito pela já enraizada crença que possuem sobre a figura de Cristo²⁵.

É retirada e colocada do lado da cartomante ao término de cada consulta. “Sua função é iluminá-la, lembrando que ele deve distribuir amor e solidariedade a quem a procura”. (STANESCON, 2007a, p. 19)

IMAGEM 9 - CARTA: Chau Le Dieuleske (Filho de Deus).



Fonte: Stanescon (2007a).

Entre os rom é possível perceber uma relação com Cristo muito diferente da forma que são estereotipados, deixando nítida a importância de Santa Sara Kali para os clãs. Santa Sara Kali tem pele escura e cabelos lisos e pretos (o que para seus adoradores são provas de sua origem egípcia, quem discorda da origem egípcia usa o mesmo argumento para dizer que sua origem é indiana).

Em uma versão aparece como escrava da Virgem Maria que se converteu ao Cristianismo, em outra, teria sido a parteira de Cristo. Em ambas, teria sido uma das mulheres que seguiam Jesus. Na narrativa mais comum entre os rom, no Brasil, teria sido forçada junto com algumas mulheres e discípulos a entrar em um barco como punição imposta pelos romanos,

²⁵ Ver dialogo com o Senhor Oscar e a sua formação religiosa, página 37.

e graças a uma oração fervorosa teriam chegado à salvo até a Costa Francesa²⁶, onde hoje é Saints-Maries-de-la-Mer, cumprindo a promessa que teria feito ainda no barco, ela passa a usar um véu cobrindo seus cabelos.

Na costa francesa teriam sido recepcionados por ciganos que se converteram ao cristianismo. No século XVIII²⁷, em uma tentativa de apaziguar a situação dos ciganos com os europeus, Santa Sara foi canonizada e sua festa acontece nos dias 24 e 25 de maio.

Os calons no Brasil são devotos de Nossa Senhora Aparecida e de Santa Sara, ambas têm muitas características físicas em comum. Lembrando que entre os Rom não há uma estrutura religiosa, suas crenças são baseadas em várias outras lendas e religiões com as quais tiveram contato devido ao nomadismo. O catolicismo se aproxima mais de suas práticas religiosas, o que não pôs fim às questões espiritualistas, leitura de mãos, cartomancia, entre outras.

O terceiro capítulo trata de aprofundar a transição de parte dos calons santa-fé-sulenses para religiões neopentecostais, motivo pelo qual rompem de imediato com toda esta narrativa relacionada à Santa Sara e Nossa Senhora Aparecida.

Existe a seguinte crença cigana: quando alguém está prestes a morrer, para que faça mais rapidamente sua passagem “[...] devemos encostar uma cruz em seu peito e um punhado de sal; nesse momento, chamamos os espíritos de luz dos nossos antepassados, para que se apiedem dele, aliviem seu sofrimento e o encaminhem para o reino da glória” (STANESCON, 2007a, p. 79).

**IMAGEM 10 - CARTA: Thechul Romanô -
(Cruz de Ouro perto de você, que Deus te leve).**



Fonte: Stanescon, 2007.

²⁶ Sara Kali prometera que se a viagem terminasse bem ela iria cobrir os cabelos para sempre com um lenço em sinal de devoção; mulheres de alguns clãs dos rom que são viúvas cobrem o cabelo com lenço (véu) e existe a crença de que se levar um lenço até o pé da imagem, ela realiza milagres incríveis.

²⁷ <http://www.arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santa-sara-kali>. Acessado em: 17/04/2020.

A religiosidade dos rom foi fator de estranhamento em diversos momentos, o que contribuiu para que fossem degredados da Península Ibérica sendo enviados para colônias espanholas e portuguesas (MICELI, 2008). A leitura de mãos e cartas, os casamentos não realizados sob o controle da Igreja, a vida nômade e suas lendas espiritualistas foram os fatores de ruptura com estas sociedades católicas. Portanto, os problemas gerados pelo choque cultural foram vivenciados por ciganos em vários episódios e, para entendê-los, propus analisar como estes conflitos se relacionam com a formação da identidade dos ciganos.

Dentro do complexo sistema de leitura de cartas, entre as 80 cartas do baralho a que tive acesso, em todas existem algum tipo de simbolismo religioso, em alguns casos podemos encontrar referências com outras culturas, no entanto, o ideal será que no futuro novas pesquisas possam ser realizadas fazendo uma análise mais criteriosa sobre as cartas e os caracteres religiosos imbuídos em cada uma delas. Existem, ainda, cartas que simbolizam o estilo de vida dos rom, expressam sua cosmovisão, como no caso da carta “Glate Romani”.

IMAGEM 11 - CARTA: Glate Romani (Crianças Ciganas)

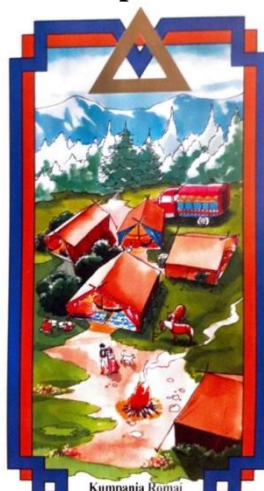


Fonte: Stanescon (2007a).

Para os rom, os filhos simbolizam a esperança de que a tradição irá se perpetuar, nota-se forte apelo patriarcalista já que o menino é mais desejado do que a menina. O casal que antes não tinha filhos, doravante muda sua posição social dentro do grupo, a *Bori* (nora), agora se torna *Dhieí* (mãe), e o *Cháorro* (rapaz) agora é Rom (homem) e *Dad* (pai).

Outras podem ser utilizadas para entendermos a importância das viagens, da vida nas barracas, recorrentes da necessidade de conseguirem fugir de seus alçozes e carregar somente o que poderia ser comercializado em outras regiões.

IMAGEM 12 - CARTA: Kumpania Romai (Sociedade Cigana)



Fonte: Stanescon (2007a).

Na carta da Imagem 9 é possível ver cavalos e um caminhão ao fundo. Em entrevistas com membros da comunidade calon em Santa Fé do Sul-SP ficou claro que a substituição do cavalo por caminhões foi tratada como uma evolução. Observe parte da narrativa do Senhor Sebastião²⁸:

Daí meu tio Deluz comprou um caminhãozinho, Studebaker a marca, acho que vocês nunca viu. Bom, daí nós começou a viajar de caminhãozinho depois. Depois, uma irmã minha casou com o Pedro, Pedro era brasileiro, e era mecânico, entendedor de motor, motorista muito bom. Daí meu tio comprou um caminhão F6, cabia nós tudo (Entrevistado senhor Sebastião).

Os ciganos entrevistados ainda utilizaram de outras formas de transportes como ferrovias, conforme relato do Senhor Oscar²⁹:

Viajei bastante! Viajei. Viajei no suburbio de São Paulo e pra todo canto do estado, viajei pro Rio de Janeiro, de Santa Fé eu já viajei muitas vezes para Campinas, Rio Claro, Araraquara, Urânia, Jales, é Valentim Gentil, São Paulo fica pousado na Estação eu fazia tudo isso, meus filhos, mulher (Entrevistado Senhor Oscar).

Nesta carta ainda é possível ver que elas se posicionam estrategicamente formando zonas de contato, na parte inferior da imagem é reproduzida uma fogueira, símbolo das rodas de conversa quando os mais velhos transmitiam seus conhecimentos para os mais jovens.

Quando mencionam as viagens entre o saudosismo da época não deixam de mencionar as dificuldades.

²⁸ Trecho da entrevista realizada com o Senhor Sebastião no dia de Setembro de 2021.

²⁹ Trecho da entrevista realizada com o Senhor Oscar no dia 24 de Julho de 2021.

Então, essa a nossa vida de cigano, debaixo da barraquinha, entendeu e... tomava muita chuva, tinha dia que tinha tempestade aquelas barraquinhas voava tudo. E nos ficava a noite inteira acordado, por que derrubava a barraca, com a tempestade. E assim era nossa vida, mas nós gostava assim mesmo (Entrevistado Senhor Sebastião).

A Imagem 10 caracteriza uma barraca cigana, nela encontramos parte da noção de hospitalidade dos rom. Para um cigano não se pode negar pouso e apoio para os desamparados, existe toda uma rede de apoio, quando um cigano necessitado pede pouso, não lhe é perguntado os porquês de sua situação de desamparo e no período que for necessário a comunidade se reúne para suprir suas carências sem exigência de restituição.

IMAGEM 13 - CARTA: Thiera Romaí (Barraca Cigana).



Fonte: Stanescon (2007a).

No depoimento do senhor Oscar é possível observar como eles se apoiavam uns aos outros:

Teve cigano do Estado de Minas Gerais, cigano de Goiás, cigano do Rio Grande do sul, todos vinham e a gente dava apoio pra eles, acampamento que é a caravana que o senhor quer falar é um punhado de ciganada um pelo outro, tudo unido, um pelo outro, vem de cá de lá e se unia, ai se tornava um grupo e um grupo é selecionado (trecho da entrevista com o senhor Oscar).

Ainda, entre as diversas cartas que poderiam ser analisadas, trago a carta “Rubia Thieumitz”, que apresenta uma prisão. Nela, a prisão é simbolizada por uma pequena ilha em uma região de mar agitado. O senhor Sebastião já advertia para essa situação: “[...] Cigano não gosta de roubar. Cigano não rouba porque tem medo de cadeia”. (Trecho da entrevista com o Senhor Sebastião).

IMAGEM 14 - CARTA: Rubia Thieumitz (Prisão).



Fonte: Stanescon (2007a).

No decorrer da história, várias foram as ilhas utilizadas como prisões, a França utilizou-se para tal fim da Ilha do Diabo, Guiana Francesa, fundada por Napoleão III em 1854. Ilha Margarida, na França, sua fundação remonta ao século XVII, ficou famosa no filme “O homem da Máscara de Ferro”, de 1998. Podemos citar, ainda, a famosa Ilha Robben, a prisão sul-africana onde Mandela ficou preso por 27 anos. Alcatroz (EUA), Pianosa (arquipélago Toscano) e até a Ilha de Patmos, na Grécia, prisão onde João escreveu o livro do Apocalipse.

Não podemos, neste momento, definir de qual região e período surgiu o modelo desenhado na carta, mas ela demonstra algo bem interessante dentro da cosmovisão do cigano, que permeia toda a sua noção de liberdade.

Para nós, uma ilha é considerada uma eterna prisão. Não confiamos no movimento das águas do mar. Gostamos das águas sempre renovadas dos rios e cachoeiras, mas as do mar não servem nem para aplacar nossa sede durante a jornada (...). Isso não nos impede, porém, de usar sua energia para vários rituais de magia (...). Esta é considerada a Carta mais nefasta do baralho cigano, porque nada é mais tenebroso para nós do que a ideia de prisão. Pagando caro nossa liberdade, insuportável seria perdê-la, pois sem ela não existe vida (STANESCON, 2007a, p. 77).

A cartomancia cigana assim como tantas outras questões que abordei de forma superficial devem ser aprofundadas em outros estudos para melhor entendermos o universo rom.

2 UMA CARTOGRAFIA SOBRE OS CIGANOS – REPRESENTAÇÃO E CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ A FIXAÇÃO

Entender as rotas que trouxeram os ciganos até a região noroeste paulista que resultou em sua fixação em Santa Fé do Sul, é uma análise que vai além da ideia de um simples mapa com marcas e legendas. Precisamos compreender os porquês das viagens e, para isto, é preciso percorrer distâncias temporais e espaciais que demonstram as violências e as formas de resistência encontradas. As viagens, mais do que uma adaptação ao comércio medieval, mercantilismo ou capitalismo é, acima de tudo, um mecanismo de sobrevivência.

O cigano representa o outro, sua religiosidade e seu estilo de vida entram em rota de colisão com os principais preceitos medievais, catolicismo e sedentarismo no entorno de um feudo. Por não serem nobres, nunca foram mencionados pelos historiadores como burgueses, por mais que tenham todas as características atribuídas a estes comerciantes medievais.

Assim como os burgueses, eles também eram comerciantes, traziam produtos de regiões distintas, atravessam fronteiras, pagavam impostos, mas o fator de diferenciação foi o que ficou preservado quando se comenta sobre ciganos e seus primeiros contatos com europeus.

A religiosidade do cigano não lhe permitia toda a liturgia da Igreja, mas sua moral, patriarcal, familiar, pode ser relacionada com a cristandade.

2.1 Ciganos na visão estereotipada do gadje: quando o subalterno não pode falar sobre si.

[...] o que se dizia na costa e no sertão, todos sabem: cigano é outra nação, duvidosa [...] Nação à parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapaças. Levados pelas aparências há quem diga e até escreva que os ciganos são o resto da corte real da Babilônia [...]. Um povo sem chão, onde já se viu ninguém pode confiar (AMADO, 1985, pp. 24- 25).

Como as palavras de Jorge Amado (1985) destoam das vencedoras do Prêmio Nobel de Literatura de Gabriel Garcia Márquez (1967) no premiado “Cem Anos de Solidão”, quando os ciganos foram apresentados como conhecedores da ciência, aqueles que levavam tecnologia e sofisticação para Macondo, cidade imaginária do gênio colombiano. Infelizmente Jorge Amado não foi o único a tratar os ciganos de forma pejorativa, apresentando somente características culturais estereotipadas pelos gadjes.

A presença dos ciganos na Literatura é muito expressiva, em especial, pela influência e posição que tiveram na capital, Rio de Janeiro, no século XIX. Encontramos informações sobre alguns momentos migratórios para o Brasil, na primeira vez foram degredados de Portugal, na segunda, vieram com a Corte Real em 1808.

Depois, temos relatos de ciganos que chegaram ao Brasil fugindo da situação catastrófica da Europa no ‘Entre guerras’, situação particularmente alarmante para os ciganos que eram caçados pelos ultranacionalistas europeus. A migração ainda não cessou, muitos ciganos ainda hoje partem em especial da Romênia para o restante do continente europeu em busca de novas oportunidades e muitos desses acabam seguindo rumo às oportunidades da América (BASTOS, 2012).

Antônio Candido (1993), expoente sociólogo e crítico literário marxista, ao analisar Memórias de Um Sargento de Milícias de Manuel Antônio de Almeida (1988), atribuiu aos ciganos o ‘jeitinho brasileiro’. Para o sociólogo marxista, foi o cigano que corrompeu as instituições da corte e pelo destaque que conquistaram no Rio de Janeiro do século XIX, foram seguidos por jovens brasileiros³⁰. Apega-se a isto na análise que faz do personagem Leonardo, alguém que vive entre a ordem e a desordem, desta tirou o título “Dialética da Malandragem”, como aponta Andrade Junior (2013), tratando dos autores citados acima.

A presença camuflada na literatura não se repete em materiais didáticos ou em discussões em sala de aula. A história dos ciganos passa despercebida nos currículos escolares, mesmo em regiões nas quais há presença significativa de ciganos³¹, as famílias ciganas não fazem parte dos projetos escolares (CASA-NOVA, 2006).

Não há um número preciso sobre o tamanho da comunidade cigana no Brasil, a Pesquisa de Informações Básicas Municipais³², realizada em 2011, apontou que existem 291 municípios com acampamentos ciganos, mas o IBGE não inclui na contagem comunidades ciganas fixadas (que não mais praticam o nomadismo).

Os *rom* de origem ibérica fazem parte do tecido étnico brasileiro desde o século XVI. Enquanto na Europa e na América do Norte o termo *gypsy* tornou-se politicamente incorreto, por sua conotação ofensiva, no Brasil os *rom* ainda são chamados oficialmente de ciganos (6). Os dois grupos ciganos principais no Brasil são os *calon* e os *rom*. Suas comunidades estão localizadas principalmente nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Uma vez que o censo brasileiro não inclui a categoria ciganos

³⁰ Como será exposto no subtítulo 1.2 a chegada ao Brasil, o *jeitinho brasileiro* é tratado como herança cultural dos ciganos na formação da cultura brasileira.

³¹ No caso de Santa Fé do Sul-SP, não há políticas públicas voltadas para a comunidade cigana fixada na cidade como exposto no capítulo 2: Calon em Santa Fé do Sul-SP.

³² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html>. Acesso em: 8 de maio de 2020.

e muitos continuam a negar as suas origens, existem apenas especulações a respeito de seus números (CAIRUS, 2014, p.13).

Este fragmento da pesquisadora Brigitte Grossmann Cairus (2014), não condiz com as narrativas dos calon de Santa Fé do Sul nem com as narrativas da senhora Miriam Stanescon (2007a), para estes, rom são todos os clãs; os calon são um dos sete clãs.

Se todos os desastres no ano de 2020 não fossem suficientes, no Brasil, o ex-ministro da Educação, Weintraub, disse que odeia os termos "povos indígenas" e "povo cigano", porque entende só haver "um povo nesse país". Segundo Weintraub, seria preciso acabar "esse negócio de povos e privilégios" (G1, 2020). A fala, com ares fascistas, entra para os anais do anticiganismo no Brasil e nos faz lembrar diretamente na forma como ciganos foram tratados pelos nazistas.

A cultura rom é ágrafa e a oralidade do grupo é completada pelas roupas, tatuagens e estilo de vida. A memória do grupo é transmitida oralmente pelos mais velhos e isso se aplica a todos os clãs rom (HILKNER, 2008, p. 5).

Logo, determinar o ponto de origem dos rom é praticamente impossível, nas primeiras vezes que são citados é pelo choque cultural de suas caravanas com o mundo europeu do século XIII.

Os europeus é que irão descrever sua cultura, que irão julgar seus hábitos, os ciganos não tiveram o direito de falar sobre si mesmos. "Saíram da Índia, caminhando em uma única direção e originária do Sind e Punjab, foram para o Afeganistão, para a Pérsia, para a Romênia, Ásia Menor, entrando na Europa pela Grécia" (HUIZINGA, 1984, p. 28).

Este 'saíram da Índia' traz um problema, é o que muitos estudiosos apontam em suas revisões bibliográficas, revisões que partem das análises feitas pelos nazistas (ROMAN, 2010), algozes dos rom no holocausto.

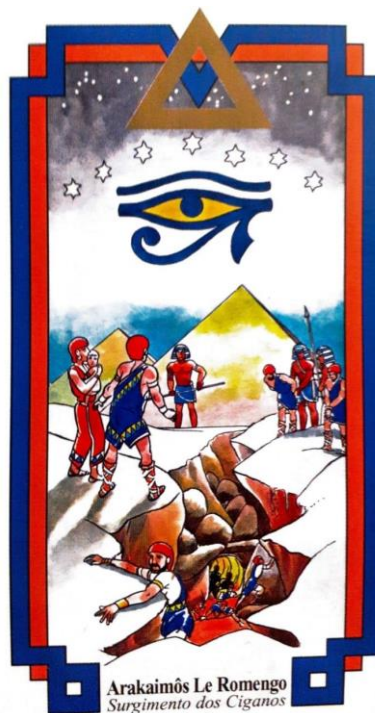
Para os rom, no Brasil, sua origem é o Egito, como relata a cigana Miriam Stanescon³³: "A mim não importam os livros que consideram a Índia o berço dos ciganos. Não que eu despreze os livros; ao contrário, sempre incentivei o hábito da leitura entre um povo cuja cultura é oral e não escrita" (STANESCON, 2007a, p.15).

Mas qual a importância de saber qual o lugar de origem dos ciganos, qual a validade para tal afirmação?

³³ Presidente da Fundação Santa Sara Kali, ex-Conselheira da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (EPPIR) da Presidência da República, Delegada da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, Membro do GT de Enfrentamento à Intolerância e Discriminação Religiosa e Promoção dos Direitos Individuais, Coletivos e Difusos da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos/RJ.

Os ciganos de Santa Fé do Sul-SP não possuem uma narrativa sobre suas origens. Para eles isso não importa tanto, na cultura calon vale mais o conhecimento em relação ao grupo do qual fazem parte, pois é essa relação que lhe dará identidade (ANDRADE JÚNIOR, 2013).

IMAGEM 15 - CARTA: Arakaimôs Le Romengo (Surgimento dos Ciganos).



Fonte: Stanescon (2007a).

A Imagem 15 faz parte das cartas do baralho cigano, sua representação reivindica a crença cigana de sua origem. A carta foi produzida por outro grupo, os Kaldareh, mas o Egito é o lugar de origem para os ciganos em diversos grupos brasileiros.

Para os nazistas, a construção dessa informação teve muito valor para o projeto ‘eugenista’ implantado na Alemanha e demais territórios conquistados, o anticiganismo³⁴ nazista se apegou a pesquisas questionáveis para impor sua superioridade racial ‘milénar’ em relação aos ciganos (GUIMARÃES, 2015).

Os nazistas acreditavam serem descendentes de uma raça superior, os arianos, estes em algum momento teriam se fixado na Índia e lá fundaram o sistema de castas, no qual ficavam no topo. Neste sistema, para evitar a contaminação e explorar as camadas inferiores os arianos teriam criado várias regras sociais e teriam fundado uma nação que seria base para restaurar o território ariano.

³⁴ Termo utilizado para apontar a xenofobia, intolerância e racismo em relação aos grupos ciganos.

Toda esta explicação é baseada em teorias que surgiram no século XVIII e está repleta de erros. Linguistas nazistas detectaram palavras do romanês (língua cigana) parecidas com sânscrito indiano, logo, determinaram que a língua cigana pudesse ser um dialeto derivado do sânscrito. Este foi o argumento base para definirem que a origem cigana fosse indiana (ANDRADE JUNIOR, 2013).

Do nome da padroeira dos ciganos, Santa Sara Kali, colheram outra informação importante, tanto no romanês quanto no sânscrito, Kali significa pele escura. Se para os ciganos Santa Sara foi uma das mulheres que seguiram Jesus e que por intermédio dela outras seguidoras de Cristo e alguns apóstolos não morreram afogados³⁵; para os nazistas, a crença neste personagem eram vestígios da cultura indiana.

No hinduísmo existe a lenda de Kali, um demônio que surge após Durga, esposa de Shiva, passar por uma transformação. No relato, Durga lutava contra um demônio poderoso que lhe jogou uma maldição, a partir disso, do sangue dos demônios que Durga assassinava surgiam novos demônios, de onde surge Kali (MELLO, 2020).

**IMAGEM 16 - Deusa do Tempo, Criação, Destruição e Poder
Membro dos Dez Mahavidyas.**



Fonte: Samhara Kali por Raja Ravi Varma.³⁶

Com um colar de crânios (simbolizando a cabeça dos demônios que matou), vários braços e uma língua de fora, esta imagem faz menção à solução encontrada na luta contra os

³⁵ Ver item 1.2 - Cultura Calon.

³⁶ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/goddess-kali-ravi-varma-press-karla-lonavala/iAHNI mEWSOYQeg>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

demônios que quando tinham as cabeças cortadas, Kali sugava o sangue. No hinduísmo, Kali simboliza a natureza, a renovação e não é vista como uma entidade má (MELLO, 2020).

Já os nazistas identificaram que os seguidores de Kali faziam parte das castas mais baixas e viviam próximos aos cadáveres, pois este seria o lugar que Kali gostava de habitar. Os ciganos seriam estes seguidores que fugiram da Índia³⁷ em dois momentos distintos século VIII e XIII alcançando, assim, a Europa.

Na busca de explicar a origem e grandiosidade ariana os ciganos raptados pelos nazistas sofreram os mais terríveis horrores, foram usados como cobaias, trabalharam forçadamente, morreram aos montes nos campos de concentração. “Hitler proferia: primeiro os judeus, depois os ciganos”! (ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, 1973).

Segundo Guimarães (2015) ciganos e judeus foram os dois únicos grupos “raciais” designados para aniquilação total com base na visão eugenista alemã e em teorias conspiratórias, os nazistas ainda espalhavam que os ciganos conspiravam contra o Terceiro Reich, acionando, assim, todos os mecanismos de controle contra inimigos do *Führer* para capturar ciganos.

E tudo isso baseado em um grave erro, a língua Romani não é um dialeto do sânscrito, o que existe é um conjunto de línguas conhecido como indo-europeias. Fazem parte destas línguas o sânscrito, o romanês e o português, entre outras. Ou seja, qualquer língua deste tronco tem relação direta e a formação destas línguas foi um processo cultural que não há relação com o caráter racial atribuído pelos nazistas.

Em resumo, não há dados precisos que possam determinar que os nazistas estivessem corretos, como argumenta a pesquisadora cigana Jordana Aristicth (1995) os ciganos podem muito bem ser mais antigos do que o próprio sistema hindu e características marcantes da cultura cigana (nomadismo, língua) foram adaptações para que conseguissem sobreviver (FAZITO, 2006).

³⁷ A relação com Kali também teve ligação direta com a lenda dos vampiros, que surgiu na Romênia, território marcado pela intensa presença cigana, como relato sobre os crimes praticados por Vlad III, imortalizado como Drácula, que teria suplicado de “modo particularmente cruel”, “pagãos, judeus, cristãos, turcos, alemães, italianos e ciganos” (LE GOFF, 2013, p. 363). Os vampiros sugadores de sangue logo foram relacionados a Kali, e a outro monstro mitológico, no caso LILITH, que na Talmud teria sido a primeira esposa de Adão, após rejeitar o governo do esposo é expulsa do Paraíso. De sua relação com Adão surgem os seres humanos indesejados na Terra cuja solução de Deus é o Dilúvio. Os ciganos com o tempo passam a ser relacionados com este ser que com o tempo se transformou em um demônio que suga sangue. Esta ligação dos ciganos com estas figuras lendárias causou vários transtornos, como apontado na Enciclopédia Delta Larousse (1973, p. 1662-1664). Na Idade média, alguns ciganos foram capturados, os adultos foram assassinados e as crianças foram mantidas presas em uma caverna, como não sabiam como alimentar as crianças e levaram sangue de seus familiares para que não morressem de fome, ou seja, criam cegamente que se tratava de vampiros. Já para os ciganos romenos, eles são os únicos que caçam ‘Vampiros’ – a lenda tem algumas diferentes do Vampiro.

A perseguição aos ciganos não foi exclusividade nazista, desde que pisaram na Europa foram estigmatizados e, ainda no século XX, em vários países, foram criadas leis que visavam a proteger os ‘cidadãos’ dos ciganos, por exemplo, Estados Unidos da América, Inglaterra e Rússia criaram leis segregacionistas (ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, 1973. pp. 1662-1664), que determinavam o tempo que poderiam ficar em uma região, a distância das casas de ‘famílias’. Além disso, por onde passavam eram acusados por raptos de crianças, furtos, estupros, mas até hoje estas acusações não foram sustentadas por evidências (AGUIRRE, 2006).

Mas como citado, o Egito é para os ciganos brasileiros³⁸ o ponto de partida de suas histórias.

Minha avó Yordana Stanescon, conhecida e respeitada pelo meu povo como BIBI YORDANA, a PHURI DJIEÍ (matriarca, dona da sabedoria), nossa rainha, nos ensinava: Nosso povo saiu do funda da terra e fomos então escravizados pelos egípcios. Foram tantas as humilhações e os maus-tratos a que fomos submetidos, que na época criou-se um dialeto próprio, o ROMANÊS, para que nos comunicássemos, sem que nossos algozes compreendessem o que falávamos [...]. Ao longo da minha caminhada, li e ouvi barbaridades sobre o meu povo que, talvez por ser vítima de seculares preconceitos e perseguições, se protege, isolando-se. Resolvi então quebrar o silêncio e lutar pelo resgate da verdade (STANESCON, 2007a, p.7).

Jean Delumeau (2009), em “História do medo no ocidente 1300 – 1800: uma cidade sitiada” ao ter como objeto o medo, propõe que o temor ao mar, às trevas, à peste, à fome, à bruxaria, ao Apocalipse e Satã não partem somente do indivíduo, mas fazem parte de um diálogo mantido pela sociedade. Na página 118 desta obra, o autor apresenta a diversidade de métodos de adivinhação presentes na Europa do século XVII e como todos estes eram condenados por *T-B Thiers*. Logo, a religiosidade dos ciganos e suas práticas místicas e espiritualistas os colocaram como pessoas indesejadas. Com isso, quantas violências não ficaram esquecidas no tempo?

Em pleno século XXI a situação do cigano em Portugal, segundo José Gabriel Pereira Bastos (2012), continua crítica. A busca do emprego faz com que muitos ciganos romenos migrem para a Europa, nos últimos anos a xenofobia tem aumentado e mesmo os países declarando que ações têm sido tomadas para ajudar estas minorias, na prática, nada foi feito, como aponta no fragmento:

³⁸ No site da Federación de Assiaciones Gitas de Catalunã, há explicações que vão ao encontro da teoria nazista de que os ciganos tiveram sua origem na Índia.

Mantendo a minoria cigana marginalizada e silenciada, ocultando essa marginalização bem como a responsabilidade do Estado e macro instituições associadas ou cooperantes na manutenção dessa mesma marginalização, e cooptando uns poucos ‘assimilados’ como ‘mediadores culturais’, com contratos precários e deficientemente remunerados, para cooperarem com uma política que impede a autodeterminação desta minoria dentro da organização política dos portugueses, o Estado auto elogia-se onde faltam motivos para tal e inventaria «boas práticas» onde elas quase não existem (BASTOS, 2012, p. 44).

Pelos lados da Espanha (maior parte do território da Península e rota de ligação com o restante da Europa), que durante 1580 e 1640 dominou também os territórios portugueses (União Ibérica), foram criadas várias medidas, conhecidas como Pragmáticas³⁹, com o passar do tempo, as punições foram aumentando, como explica a citação abaixo:

Mandamos a los egipcianos que andan vagando por nuestros reinos y señoríos con sus mujeres e hijos, que del día que esta ley fuera notificada y pregonada en nuestra corte, y en las villas, lugares y ciudades que son cabeza de partido hasta sesenta días siguientes, cada uno de ellos viva por oficios conocidos, que mejor supieran aprovecharse, estando atada en lugares donde acordasen asentar o tomar vivienda de señores a quien sirvan, y los den lo hubiese menester y no anden más juntos vagando por nuestros reinos como lo hacen, o dentro de otros sesenta días primeros siguientes, salgan de nuestros reinos y no vuelvan a ellos en manera alguna, so pena de que si en ellos fueren hallados o tomados sin oficios o sin señores juntos, pasados los dichos días, que den a cada uno cien azotes por la primera vez, y los destierren perpetuamente destos reinos; y por la segunda vez, que les corten las orejas, y estén sesenta días en las cadenas, y los tornen a desterrar, como dicho es, y por la tercera vez, que sean cautivos de los que los tomasen por toda la vida. Isabel y Fernando, Medina del Campo, 1499. Recogido en la Novísima Recopilación, Libro XII, título XVI (FAGIC, 2020).

Segundo Bill Donovan (1992, p. 39), voltando às bandas de Portugal, a degradação de ciganos se intensifica em 1718, quando D. João V decretou que todos os ciganos presos no território português fossem enviados para as colônias. Donovan (1992) cita em seu texto uma menção à Gazeta de Lisboa, de 10 de março de 1718, que trazia a informação sobre um navio cheio de homens e mulheres de todas as idades (mais de 90 pessoas) que acorrentadas eram encaminhadas para o Brasil.

Todos estes eventos catastróficos geraram definições que foram externadas nos dicionários da época como no caso do padre Raphael Bluteau, que os definiu "como contrários à moral de Deus por lerem mãos e não se casarem na Igreja"; que foi acrescida por Antônio de Moraes Silva (1789): "malandros e bandidos". Ao tentarmos conceituar o que é ‘ser cigano’ na

³⁹ Conjunto de proibições e punições destinadas aos ciganos (de 1499 até 1793).

ótica de como foram tratados no decorrer da história, deparamo-nos com inúmeros casos de generalizações intolerantes que legitimaram vários tipos de violência.

Outras fontes, como viajantes, tropeiros recorrem aos estereótipos corriqueiros, como "sujos", "trapaceiros" e "ladrões". Isto funciona como um indicador: os ciganos eram raramente considerados por si mesmos e, com frequência, eram sinônimos de barbárie, imundície, desonestidade e imoralidade (RUDE, 1991, p. 17).

Jorge Amado, Cândido, entre tantos outros, não procuraram fugir destes rótulos, pelo contrário, só os legitimaram.

2.2 Como os ciganos se tornaram brasileiros

[...] nós somos nascido no Brasil, nós somos igual a vocês brasileiros (Senhor Oscar).

Para Jordana Aristitch (1995) chegaram à Península Ibérica junto com os mouros, atuando como mercenários, no século VIII, participando ativamente na Tomada Islâmica, mesmo depois das Guerras de Reconquistas (entre século XVIII e XV) se mantiveram no território, pois já haviam estabelecido rotas comerciais.

Paulo Miceli (2008) afirma que chegaram a Lisboa no século XV e que em um primeiro momento a relação com os lisboetas foi amena, com suas músicas, roupas e danças, participavam de eventos da cidade, até que as diferenças culturais começaram a tornar o convívio 'inapropriado'. A cartomancia, a leitura de mãos, a forma que casavam (sem a "bênção" da Igreja) e a ausência dos batismos chocaram a comunidade católica, que passou a marginalizá-los.

João Torres, Angelina e seus filhos são os primeiros ciganos deportados para o Brasil, isso em 1574, quando deportar alguém era purificar a alma daquele indivíduo. Foram enviados para o Brasil e se aqui não fossem aceitos poderiam ser enviados para a África (PIERONI, 2006).

Acontece que não há registros se de fato os mesmos tenham embarcado. Novas menções de deportações de ciganos foram mencionadas no século XVIII com D. João V, nestas, há graves apelos para que não sejam fixados em cidades portuárias, mas que fossem enviados para o Sertão, assim, eles ajudariam no combate aos índios (DONAVAN, 1992).

A partir dos descobrimentos, o degredo civil constituiu uma pena utilizada recorrentemente pelas autoridades régias portuguesas para banir do reino os considerados indesejáveis e criminosos. Por outro lado, o degredo também funcionou como um importante mecanismo colonizador, na medida em que os degredados portugueses eram forçados a prestarem serviços à Coroa nas colônias do ultramar (MENINI, 2004, p.1).

Como abordado neste trabalho, as cartas do baralho de cartomancia preservam muito da história cigana. Os calon de Santa Fé do Sul não conseguem explicar como chegaram ao Brasil, mas na carta “Prisão” está representado um barco em um mar agitado em direção a um forte construído em uma pequena ilha. O degredo era a punição contra os calon e segundo a tradição foi a punição imposta pelos romanos a Santa Sara e aos apóstolos que estavam com ela. A carta, dentro do baralho, é considerada a mais tenebrosa para os ciganos, pois a ilha com o mar agitado representa o fim da liberdade, algo inadmissível, pelo menos culturalmente, para os ciganos.

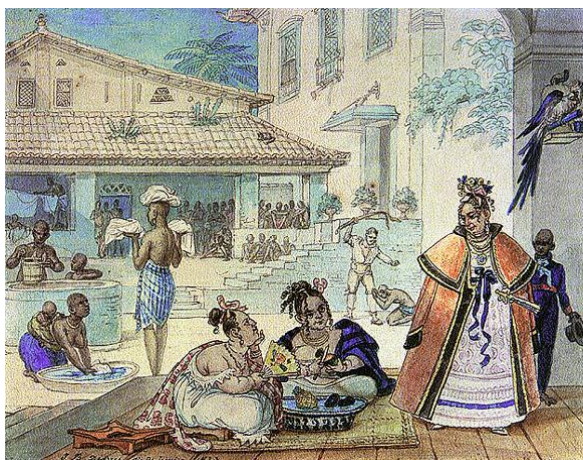
Mesmo sendo expulsos da Europa não conseguiram paz no Novo Mundo. Já no século XVIII encontramos a primeira demonstração de intolerância, quando o Brasil foi afligido por uma epidemia de varíola, os católicos precisavam encontrar culpados pelos flagelos de Deus, logo, viram na cultura mística cigana a resposta. O Tribunal do Santo Ofício foi acionado na época, conforme relata Rodrigo Corrêa Teixeira (2008) em História dos Ciganos no Brasil.

O degredo era um importante mecanismo, a coroa via os ciganos mais “civilizados que os indígenas”, a vinda para a colônia foi um mecanismo de colonização, os ciganos travariam uma guerra contra os nativos⁴⁰, garantindo as posses das terras para a coroa, essa empresa foi desenvolvida no nordeste (MENINI, 2004; TEIXEIRA,2008).

A presença de ciganos no Brasil era tão marcante que Jean Baptiste Debret pintou a casa de uma família de ciganos. “[...] a casta dos ciganos caracteriza-se tanto pela capacidade como pela velhacaria que põe no seu comércio exclusivo de negros novos e de escravos civilizados, conseguidos por intermédio de agentes que os seduzem e raptam” (Debret, 1975, p. 191).

⁴⁰ Sobre este aspecto será interessante novas pesquisas que busquem desvendar o seguinte questionamento: Seriam os ciganos os originários dos jagunços? O vestuário, maneira que o cangaço se organizou, estilo nômade e o principal, a grande presença de calon no nordeste. No clássico da literatura Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa cita a personagem Ana Daduza, uma cigana que lia cartas e era mãe de Nhorinhá, uma prostituta amada pelo narrador, Riobaldo. Este último em determinado momento quando questiona suas andanças pelo Sertão faz a seguinte reflexão: “Cigano sou?” (GUIIMARÃES ROSA, 2021, p.430).

**IMAGEM 17– DEBRET – Família de ciganos.
Interior de uma Casa de Ciganos – 1823 - de Jean-Baptiste Debret.**



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18749/jean-baptiste-debret>.
(Reprodução fotográfica de Pedro Oswaldo Cruz).

Como apontam Mello; Veiga; Souza (2009, p. 85) “[...] alguns ciganos, de no mínimo cinco famílias diferentes, vieram de Portugal junto com a comitiva que trouxe a corte em 1808”. Diferente dos primeiros ciganos degredados, “[...] o grupo conhecido como ciganos de Catumbi, conseguiram lugares de destaque, passaram a atuar no Serviço Público como “porteiro de auditório” (leiloeiro), oficiais de justiça, escreventes e membros das milícias armadas do rei [...]”; nas cidades portuárias e, em especial no Rio de Janeiro, a presença dos ciganos no comércio de burros e escravos se tornou referência.

A corte encontrou uma comunidade cigana florescente quando chegou ao Rio de Janeiro. Além do tráfico de escravos, os ciganos tiveram ocupações como artesãos e até alguns poucos postos oficiais. Ainda que muitos fossem seguramente das classes baixas, algumas famílias tornaram-se ricas. O cigano José Rabelo, por exemplo, foi considerado um dos cidadãos mais ricos do Rio de Janeiro. Para os recém-chegados europeus, os ciganos do Rio adicionavam um ar exótico à ambiência tropical. Em um ato impensável em Portugal, dançarinos foram convidados para as festividades de núpcias que marcaram o casamento da filha mais velha de D. João VI (DONOVAN, 1992, pp. 46-47).

Estes ciganos de Catumbi representam um segundo grupo que se fixou nas zonas portuárias e conseguiu ganhar destaque, os ciganos de Catumbi seriam da etnia Calon (MELLO, 2009). No entanto, no fim do século XIX, outros ciganos de outras regiões do mundo e de outros clãs também se fixaram no Rio de Janeiro, destaque para os ciganos do clã Kaldarash.

Teixeira (2008) afirma que com o fim da escravidão e conseguinte queda da monarquia os ciganos tiveram que criar meios de readaptação. Os calon buscaram outras regiões. Leis foram criadas propondo a sedentarização dos grupos ciganos nômades, práticas adotadas desde

1761 que se intensificaram com a República, os filhos dos ciganos agora teriam que servir o exército.

No Rio de Janeiro foram criados os projetos de higienização e urbanização, neste momento, os conflitos e perseguições aos grupos marginalizados se intensificaram. Em Minas Gerais, entre 1892, 1897 e 1903 ocorreram as “correrias”, eventos nos quais a polícia de Minas Gerais usou de extrema violência contra grupos de ciganos, forçando-os às mobilizações forçadas para fora do Estado (TEIXEIRA, 1998).

Se documentos oficiais procuravam esconder ou mascarar a presença de ciganos nas sociedades, “[...] a presença destes era tão marcante e repleta de simbolismos que são temas constantes na literatura. ⁴¹ Encontramos várias menções sobre os ciganos que devido à invisibilidade do grupo [...]”, sua cultura passa despercebida, mesmo sendo que em vários casos desempenhassem papéis de destaque (GOFFMAN, 1975, p. 13). Sempre tratados de forma pejorativa, nas tramas atuam na marginalidade ou esperteza, outra característica marcante é a forma que a mulher cigana é retratada, sempre bela, encantadora e imoral, prática imitada na Literatura Internacional.

Como no caso de Drácula, de Bran Stoker (1976), que transformou as lendas do lendário Conde Vlad III “[...] que teria suplicado de “modo particularmente cruel”, “pagãos, judeus, cristãos, turcos, alemães, italianos e ciganos” em um monstro terrível, o vampiro Conde Drácula, os ciganos são seus subalternos, cuidam de seu caixão”⁴² (LE GOFF, 2013, p. 363).

A exemplo disso, em Drácula, a presença de ciganos é carregada de inferioridade. O conde os trata como escravos, trabalhando em seu castelo e fora dele, sem voz, sem vontade própria, o que reforça esses estereótipos coloniais e imperialistas (LEITE, 2017, p.43).

Já Esmeralda, a jovem e encantadora cigana que entre suas opções para se relacionar escolhe a mais trágica, o único homem comprometido, deixando bem claro sua imoralidade e as consequências trágicas disso. Vitor Hugo em 1831 escreveu seu maior romance, “Notre-Dame de Paris” (2011), a figura da cigana é enaltecida pela forma com que Quasimodo demonstra seu amor especial.

⁴¹ Eagleton (2003) aponta as dificuldades em procurar estabelecer elos entre fato e ficção, traz a noção de que a literatura não tem compromisso em ser verídica. Umberto Eco (2003) define a Literatura como um universo que avalia nossa capacidade de entender o que é real e o que não é; logo, afirmamos que a Literatura pode ser usada como fonte, como entendimento do pensamento de uma época, ou melhor, uma ferramenta para entendermos o pensamento de quem a produz. No entanto, como é produzida no campo da imaginação e capacidade criativa do escritor, com pouca referência factual (em boa parte das obras), a Literatura representa grupos conforme a visão pessoal do escritor e, por mais distorcida que esta descrição possa ser nela podemos relacionar pontos de referência com outras fontes.

⁴² Ver nota 34.

IMAGEM 18 - Esmeralda dando água a Quasimodo.



Fonte: Acervo da Biblioteca Gálica.
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/00/ND-de-Paris-L6-Ch4-UneLarme.png>

Outra personagem cigana passa despercebida em uma das mais importantes obras da literatura brasileira, Nhorinhá a prostituta pela qual Riobaldo se apaixona em “Grande Sertão:Veredas” de João Guimarães Rosa é filha da cigana Ana Daduza. Mais um exemplo de como a mulher cigana é representada como bela, encantadora e imoral. O que não condiz com o estilo de vida das cajin que será abordado no capítulo “A Cajin”.

Manuel Antônio de Almeida, em Memórias de Um Sargento de Milícias, relata sua impressão sobre os ciganos, contemporâneo aos ciganos do Rio de Janeiro da década de 1850, menciona-os em alguns momentos de seu romance. É com eles que Leonardo Pataca Filho aprende técnicas para sua maladragem, é uma cigana que encanta Leonardo Pataca (o pai). Na obra são descritas regiões do Rio de Janeiro nas quais os ciganos haviam se fixado.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria, e se não, o nosso Leonardo pode dizer alguma coisa a respeito (ALMEIDA, 1988, p.19).

A cigana Mirian Stanescon (2007) relata como seus avós (Nicolas Michael Stanescon e Yordona Stanescon), junto com outras famílias de ciganos fixados no Rio de Janeiro, financiaram a vida de ciganos que estavam sendo perseguidos pelo nazismo; com isso, a presença cigana no século XX ficou mais intensa no Rio, em específico na Baixada Fluminense.

Teixeira (2008) aponta, ainda, que no final do século XIX quando o Brasil passou a receber imigrantes de outras nações para substituir a mão-de-obra escravizada, muitos dos viajantes eram ciganos, que escondiam sua origem e somente anunciavam durante a chegada ao país de origem. Destes, encontramos as origens dos presidentes da República, Washington Luiz⁴³ e Juscelino Kubitschek⁴⁴.

Assim, notamos algumas maneiras distintas de imigração de ciganos para o Brasil, a primeira é forçada, serviu como uma resposta às diferenças culturais entre os ciganos e os europeus e como forma de Portugal conseguir mais súditos nas colônias especialmente nas áreas ocupadas por indígenas na colônia da América.

Depois, com a vinda forçada da Coroa, em 1808, um grupo de ciganos ricos de Portugal embarca rumo ao Brasil, estes conseguiram cargos importantes principalmente no Rio de Janeiro e desempenharam um papel importante no Tráfico de Escravos. Estes sujeitos que foram apontados em “Memórias de Um Sargento de Milícias” e nas citações de Debret e Hillarie.

No final do século XIX chegam ao Brasil os ciganos ‘infiltrados’ entre outros imigrantes. Temendo a represália por serem ciganos, escondiam sua origem cultural e declaravam somente sua nacionalidade, conforme TEIXEIRA (1988) foi assim que as famílias de Washington Luiz e Juscelino Kubtscheck se instalaram no país.

Na Europa do século XIX a perseguição aos ciganos se intensificou, muitos ciganos viam no Novo Mundo um lugar de refúgio, na década de 1930 este refúgio foi financiado por ciganos do Rio de Janeiro como forma de conter o genocídio nazista.

Enquanto degredados, os ciganos me fazem recordar uma narrativa antiga que defendia a ideia de que o Brasil havia sido uma colônia de exploração e para cá Portugal havia enviado bandidos e pessoas indesejadas. Isso é questionado por Leandro Karnal (2008) em História dos Estados Unidos das Origens ao Século XXI. Assim, nas fileiras das escolas, quando nossa falta de desenvolvimento precisava ser explicada, de maneira velada, a culpa caiu sobre os degredados, entre estes, os ciganos.

Buscamos respostas “[...] por meio de elaborações feitas sobre análises referentes à oralidade do cigano, ora, se um livro imutável por definição passa por diferentes leituras de diferentes épocas, surgindo diversas impressões e reações” (LUCA, 2020, p. 29), como

⁴³ Nascido em Macaé, Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1869, foi advogado e historiador, foi o último representante da República Velha, ocupou a Presidência da República entre 15 de novembro de 1926 e foi deposto com o Golpe Militar de 24 de outubro de 1930, que deu início à Era Vargas.

⁴⁴ Nascido em Diamantina, Minas Gerais, em 12 de setembro de 1902, foi oficial da Polícia Militar Mineira e médico, foi presidente do Brasil no mandato de 1956-1961.

conseguir respostas por meio de uma tradição corporal e oral que não está sendo mais efetiva ou reelaborada? Completando, assim, a análise de Peter Burke:

Como a história da viagem, a história da memória é um campo que revela com rara clareza a importância dos esquemas ou estereótipos (...). Eles são elaborados, normalmente de forma inconsciente e assim passam a se enquadrar nos esquemas gerais correntes na cultura. Esses esquemas ajudam a perpetuar memórias, sob custo, porém, de sua distorção (BURKE, 2008, p. 88).

Não há neste capítulo a busca por “[...] revelar verdades para sempre estabelecidas” (LUCA, 2020, p. 30). A presença cigana já era percebida em São Paulo desde o século XIX, conforme relato do viajante naturalista francês Saint-Hillaire (1976, pp.102 -103). Em 1760, “[...] vereadores de São Paulo lançaram decreto para que os ciganos que vieram de Minas Gerais fossem expulsos da cidade com prazo de 24 horas, por isso, estes indivíduos se dispersaram para outras regiões e estados” (MOONEN, 2011, p. 89). A partir de então, leis municipais foram criadas por todo o Brasil, inibindo o acesso de vendedores ambulantes às cidades.

Não é possível afirmar que os calões de Santa Fé do Sul-SP tenham ligação direta com os ciganos descritos por Saint-Hillaire (1976), o que é notado, é que estes possuem uma rede de contatos que permite que os membros do grupo que praticam algum tipo de comércio itinerante (venda de produtos de porta em porta, em meados da década de 1950, comércio de cavalos, posteriormente, comércio de automóveis), em uma rota que os ligam a praticamente todo o país.

Um dos fatores que explicam a fixação deste grupo na cidade é a posição estratégica desta com os Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul, mas principalmente o desenvolvimento do café, no século XX, e a construção da ferrovia. Vale ressaltar que desde meados de 1850 o território atual da cidade era cortado por uma importante estrada boiadeira que ligava o gado produzido em Paranaíba-MS com o Estado de São Paulo, essa estrada foi tratada como a mais importante do Brasil por Euclides da Cunha⁴⁵.

⁴⁵ Mas esta estrada de Taboado que, pelo seu traçado, é a mais importante não já de São Paulo, mas do Brasil inteiro, merecia trabalhos excepcionais. Tem um caráter continental tão frisante que devíamos, tanto quanto possível, aproximá-la de uma estrada romana. Desenvolvendo-se do Jaboticabal ao porto do Paraná, que a batiza, o seu prolongamento levá-la-ia, recortando o *divortium aquarum* do Amazonas e do Paraguai, a Cuiabá, quase no centro geométrico da América do Sul. Teria, então, um comprimento de duzentas léguas escassas e se fosse construída (...) mas larga e abaulada, declives atenuados, atoleiros para sempre desfeitos com aterros firmes e drenagem completa, faixas reforçadas por uma macadamização pouco espessa, embora pontes que não constringissem a vazão do rio nas estreitezas de uma economia extravagante e tendo regularmente espaçados, estações e postos de segurança garantindo e policiando o tráfego; assim constituída, aquela estrada duplicaria em poucos anos a vitalidade nacional (CUNHA, 1975, p. 98).

Florência Ferrari (2006, 2011) teve contato direto com os ciganos do clã calon fixados em Santa Fé do Sul, por isso, contribuiu com suas pesquisas fornecendo importantes informações sobre o grupo, como exemplo, a falta de documentos de identidade de alguns membros, a prática de fornecer nome de outros membros da família na hora de registrar o nascimento dos filhos, os nascimentos em cidades distantes devido ao estilo de vida itinerante e a relação que estabelecem com o Estado.

Para a discussão do momento, os tópicos mencionados servem para dimensionarmos como se torna impossível conseguir estabelecer uma rota precisa de onde os grupos se originaram a não ser pelos relatos dos membros mais velhos do grupo⁴⁶.

Rodrigo Correa Teixeira (1998) pesquisou as “correrias” em Minas Gerais, eventos marcados pela violência do Estado contra os ciganos. Consta que, para conter a presença dos ciganos no Estado, as forças de segurança pública passaram a atacar acampamentos ciganos, em busca de inibir essa agressividade, mulheres e crianças se posicionavam na frente dos acampamentos formando um cordão de isolamento, enquanto isso os adultos fugiam; na maioria das vezes os homens eram capturados e espancados, mulheres, velhos e crianças também não escapavam da humilhação.

Os eventos apontados em 1892, 1897 e 1903, fazem parte de um vasto histórico de violências contra os ciganos em Minas Gerais, o próprio Rodrigo Teixeira descreve um evento na biografia de Tiradentes, o herói da República, que conseguiu uma promoção no Exército após ter atacado um agrupamento de pessoas e ter cometido uma chacina. Os indivíduos assassinados eram apontados como ladrões e arruaceiros e no relatório que tratou sobre o evento é mencionado que eram ciganos; o pesquisador relata presença de ciganos na região desde o início do garimpo e a preocupação da Coroa em expulsá-los de Minas Gerais.

Desde o primeiro livro que propôs uma análise etnográfica sobre “Os ciganos no Brasil”, Mello (1886) já havia menções sobre a capacidade que os ciganos possuem em manusear metais especialmente o ouro. Os ciganos mais velhos de Santa Fé do Sul durante muitos anos estabeleceram comércio de produtos derivados do ouro: correntes, pulseiras, pingentes e imagens de ‘santos’, produtos que nem sempre eram de ouro. Entre os produtos de “origem” (ouro puro) eram colocadas peças feitas de “ouro cigano”, uma imitação do ouro que após o manuseio do cobre com alguns produtos chegavam à cor dourada.

Só a relação dos rom com o ouro não é suficiente para determinar o clã de origem, ou seja, pelo fato de os ciganos de Santa Fé do Sul e região saberem lidar com o metal não quer

⁴⁶ Estas respostas serão identificadas a partir dos relatos obtidos nas entrevistas, conteúdo do terceiro capítulo.

dizer que eles migraram de Minas Gerais. O conhecimento sobre o manuseio dos metais é milenar⁴⁷ e como eram nômades, os metais e pedras preciosas eram bens de fácil transporte, no entanto, nas últimas décadas, os rom da cidade têm se destacado nos “rolos” (trocas) que envolvem automóveis e eletrônicos. O automóvel é algo essencial para a cultura calon, além de ser um produto com bastante procura pelos gadje, serve como transporte para suas viagens, pois o carro se tornou o substituto do cavalo⁴⁸.

Depois, nós arrodava no mundo, homem, mulher, tudo montado a cavalo. Daí meu tio Deluz comprou um caminhãozinho, Studebaker a marca, acho que vocês nunca viu. Bom, daí nós começou a viajar de caminhãozinho depois. Depois, uma irmã minha casou com o Pedro, Pedro era brasileiro e era mecânico, entendedor de motor, motorista muito bom. Daí meu tio comprou um caminhão F6, cabia nós tudo. Daí, nós rodava o mundo inteiro montado naquele F6. Sem toldo, sem nada. Era a vida nossa, aonde nós chegava tinha a larguesa, naquele tempo não tinha água poluída, lugar que tinha rio nós posava na beira do rio. (...) Com esse caminhão nós foi pros lados do Paraguai, mas não passemos a divisa, Amambai, Ponta Porã, nós fomos até a divisa da Bolívia também, é, tudo, no caminhãozinho. Daí o tempo foi evoluindo, foi abrindo estrada, por que de primeiro pra passar o Cuiabá pra lá dava o que fazer por causa do banco de areia, então os caminhão atolava tinha que vir os trator tirar. E desse jeito nós foi até Cobija na Bolívia, passemos pelo Acre, Porto Velho, Manaus, tudo (Trecho da entrevista realizada com o Senhor Sebastião).

Da região central de Goiás, chegando até Carneirinho e Iturama, cidades mineiras; contornando toda a região até Cassilândia, Paranaíba e Aparecida do Taboado (Mato Grosso do Sul), reabastecendo e estocando o que foi conquistado em Santa Fé do Sul. Depois, partia pelo estado de São Paulo, passando por São José do Rio Preto, Araraquara, Campinas; ou seguindo para a região de Presidente Prudente e, depois, alcançando o Paraná, Paranavaí, Umuarama e Guaíra, onde, devido ao grande número de ciganos acampados na cidade conseguiam se reabastecer. Retornando por Ponta Porã, Dourados, Campo Grande, Água Clara, Três Lagoas, cidades sul-mato-grossenses, alcançando posteriormente Ilha Solteira-SP, para chegar novamente em Santa Fé do Sul-SP.

Estas rotas não são fixas, o grupo sempre buscava novas oportunidades, no entanto, o que foi mencionado faz parte do grande leque de atuação do grupo fixado em Santa Fé do Sul-

⁴⁷ Garimpar eu nunca garimpei, nem bataiar também na pineira, eu também nunca batanhei e nem escavucar terra no cascalho onde tem pedra de diamante, brilhante e ouro, também eu não entro no lugar desse, mas eu conheço. Conheço diversos ouros, até ouro do Paraguai, ouro de Portugal, ouro do Brasil, conheço ouro da Bolívia, se o senhor me der uma lasca de ouro sem benfeitoria nele eu olhar ele na mão do senhor o que ele é, se é puro ou cascalhar. Conhecimento da descendência do cigano, de pai pra filho. Vamos se tornar aqui uma palavra da minha palavra, vou falar pro senhor entender, que todo cigano entende, dom, isso é dom, isso já esta na realidade no dom de Deus que dá sabedoria pra humanidade. Conhece tudo, dom de Deus, conhecer ouro, pedra brilhante, diamante, rubi negro, rubi vermelho, pedra esmeralda, tudo isso é dom de Deus, não existe outra condição (trecho da entrevista com o Senhor Oscar).

⁴⁸ Esta discussão já foi abordada no capítulo: ESCUTANDO OS PHURÊ – Como os calon definem sua identidade.

SP e os demais membros de grupos parceiros que esporadicamente buscam apoio para o grupo local. Não são raras as vezes que eles se aventuraram em negócios no Paraguai ou que estabeleciam negócios em outras regiões da América do Sul.

Limitar os rom, em especial os calon, a uma região é um engano, como veremos, por mais que se fixem na cidade, boa parte do grupo faz viagens regulares, outros, participam dos comboios nos momentos de “aperto” financeiro ou quando querem investir algum dinheiro.

Eu viajava muito e depois que eu mudei pra cá eu consegui viajando ainda. Mas agora eu parei de viajar. Eu ia pra Porto Alegre, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, Vitória, na Bahia, Minas, Mato Grosso do Sul, do Norte, Cuiabá, viajei estes trechos inteiros (trecho da entrevista com o Senhor Oscar).

Os calon são tratados pejorativamente por outros grupos rom como “ciganos brasileiros”, não por terem sido os primeiros a serem degredados por Portugal, tampouco pelo sucesso comercial que tiveram no século XIX, mas sim pela abertura de sua cultura a pessoas não-ciganas e pela incorporação de seus costumes, como o vestuário e cancionero sertanejo.

Quando tratarmos sobre identidade novamente retornarei à ambiguidade da situação dos calon, são brasileiros sem abandonar a tradição rom e, por isso, não são considerados uma coisa nem outra.

2.3 Calon em Santa Fé do Sul-SP

Meu coração é cigano
 Mas é cigano acampado
 E quando ele se apaixona
 Bate um toco e baixa a lona
 E vira burro empacado
 Meu coração é cigano
 Mas é cigano acampado
 E qualquer hora ele empaca
 Eu chuto o pau da barraca
 E deixo o coração de lado
 (Gino e Geno, 2004)

A Estância Turística de Santa Fé do Sul fica situada no extremo Noroeste Paulista, seu território faz divisa com as cidades de Rubinéia, Santa Rita d’Oeste, Santa Clara d’Oeste, Nova Canaã Paulista, Aparecida d’Oeste e Três Fronteiras. Está à distância de 25,5 km de Aparecida do Taboado-MS, próxima à congruência do Rio Paraná com o Rio Grande, região conhecida como Triângulo Mineiro (conforme mapa), que liga os estados de SP, MS, GO e MG.

O território da cidade é cortado pela Rodovia SP320 - Euclides da Cunha, umas das principais vias de acesso entre MS e SP e está a uma distância de 62,9 km de Ilha Solteira-SP e da Rodovia SP310 - Washington Luiz, que homenageia um dos ciganos mais importantes da história do Brasil (dado que muitos desconhecem).

O Município está em uma posição estratégica, 450 km de Campo Grande, capital do Estado do Mato Grosso do Sul; 166 km de Itajá divisa de MS com GO; 51,6km de Estrela da Barra – Carneirinho-MG; 153 km de Araçatuba-SP e 188 km de São José do Rio Preto-SP.

A cidade é um ótimo ponto de parada para quem deseja estabelecer comércio nos estados citados, também é um dos últimos pontos da única empresa de ônibus que presta serviços na região noroeste paulista e interior de MS e GO (Empresa Itamaraty). Além disso, desde 1952 a linha de estrada ferroviária Araraquara⁴⁹ alcançava a cidade, que inclusive teve grande influência da linha de ferro para sua fundação em 1948, o transporte de pessoas foi intenso até 2001, a partir de então, é voltado somente para o transporte de recursos naturais, grãos e alguns bens de consumo.

A ideia de lugar toca uma dimensão afetivo-existencial importante, ligado ao sentimento de pertencimento e de familiaridade com o espaço físico que nos rodeia. Trata-se de uma realidade simbólica e de sua representação. Essa possibilidade de dar sentido ao espaço é própria do humano. Damos significado ao lugar de nossas origens - nossa “terra natal”, onde crescemos e vivemos nossas experiências (TRESOLAVY, 2020, p. 90).

Este conceito de lugar aplica-se ao rom calon de Santa Fé do Sul?

Como diz a letra da música ‘Coração Cigano’, da dupla sertaneja Gino e Geno (2004), o cigano não fica em um lugar por muito tempo, como veremos entre o grupo calon fixado em Santa Fé do Sul-SP o nomadismo foi substituído pela prática de comércio itinerante, o cigano acampado em barracas nos trechos que viaja tem na cidade um ponto de refúgio.

Diferente de outros moradores a relação dos rom com o lugar é distinta (diferenças que diminuem a cada geração nova a partir da fixação), um bom lugar é aquele que permite que ele seja livre, que ele possa viver com sua comunidade e praticar o comércio com os gadje (FERRARI, 2011). “Eu tenho quase cinquenta anos, sempre morei em Santa Fé, sempre nesta mesma casa, estudei em Santa Fé, tive filhos em Santa Fé, vou morrer aqui” (Entrevistado senhor Cleone).

⁴⁹ Até 1973 a linha chegava até Rubinéia, tanto a cidade como o trecho da rodovia foram inundados para a construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira-SP, Santa Fé do Sul foi o último ponto da linha até 1988 quando foi inaugurada a Ponto Rodoferroviária de Rubinéia, que liga SP e MS.

Diferente de outros imigrantes, na cidade não há nenhum monumento que faça menção aos ciganos, não há ruas nomeadas com nomes de ciganos e tampouco a festa de Santa Sara Kali⁵⁰ é destaque no calendário de eventos da Estância Turística, conhecida por suas praças temáticas e suas festas tradicionais de imigrantes considerados importantes para a cidade.

Porém, na cidade o primeiro bairro que os rom se fixaram, São Francisco, é conhecido como ‘baixada dos ciganos’ ou “ciganada”, devido ao relevo; no mês de maio as ruas importantes da região eram tomadas pelas danças e festas dos calon homenageando a padroeira. Não foi preciso reconhecimento oficial para que a cultura marcasse presença, no entanto, a festa nos últimos anos foi enfraquecida devido ao grande número de membros do grupo que estão se “convertendo” ao neopentecostalismo.

Na Pesquisa de Informações Básicas Municipais de 2014 (IBGE/MUNC) a cidade aparece na lista das que declaram a presença de acampamento cigano, mas não destina áreas públicas para este fim e não cita políticas públicas para atender a estas pessoas como aponta relatório da Associação Internacional de Maylê Sara Kali - AMSK/Brasil. Os responsáveis pelos programas assistenciais federais e estaduais não possuem controle específico sobre o número de rom atendidos, o mesmo acontece com a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Estadual de Educação, situada em Jales-SP.

Segundo o IBGE, em 2010, 97,9% das crianças entre 6 e 14 anos em Santa Fé do Sul eram alfabetizadas.

A Escola Benedito de Lima, atende os moradores do bairro São Francisco, entre estes, alunos da comunidade rom, alguns vivem em famílias que ainda praticam algum tipo de itinerância e acabam sendo prejudicados, pois é comum em toda a rede municipal a emissão de transferências quando os alunos saem para viagem⁵¹.

A Secretaria de Educação da cidade, até 2019, não tinha nenhum tipo de protocolo diferenciado ou sequer debates sobre a situação destes alunos. Com a pandemia nos anos 2020 e 2021, crianças ciganas têm se distanciado da escola devido ao ensino remoto; o que demonstra falta de planejamento, já que para estes que têm necessidade de viajar as aulas remotas poderiam ter sido a solução no passado⁵².

⁵⁰ Comemora-se o dia da padroeira dos ciganos nos dias 24 e 25 de maio.

⁵¹ Os ciganos relatam várias situações do tipo, mas não sabem como agir, desconhecem a legislação e temem represálias.

⁵² Jonathan Bergman e Aaron Sams (2017) contam suas experiências em escolas estadunidenses utilizando o método de Sala de Aula Invertida, que consiste em enviar para os alunos vídeos das explicações e utilizar o tempo da aula para realização de atividades, permitindo, com isto, que cada aluno aprenda conforme seu tempo.

Estes dados camuflam a situação dos rom, já que devido às viagens várias crianças não frequentam a escola em boa parte do ano e o número de evasão escolar também é muito alto, como apontado por Florência Ferrari (2011). Entre os calon fixados em Santa Fé do Sul e algumas cidades vizinhas, prevalece a cultura de que a criança só precisa aprender a fazer as operações básicas de matemática e conseguir ler o básico, isso para conseguir estabelecer comércio com os gadje sem ser enganados.

Como a história é, em partes, rupturas, no grupo objetivado têm surgido novos discursos em relação à importância dos estudos. Desde a década de 1990, membros do grupo concluíram cursos de nível superior, outros, ingressaram na prefeitura da cidade por meio de processo seletivo/concurso público, por esse motivo é notada maior procura entre os jovens por cursos superiores.

O que não exclui o incômodo relatado, os calon reclamam da falta de acesso ao mercado de trabalho e outras dificuldades devido aos estereótipos a que são expostos.

Se membros do grupo estão cada vez mais estudando, as barracas já não fazem parte da realidade do grupo na cidade já há um bom tempo. Os indivíduos mais abastados do grupo fazem parte de uma complexa rede de troca de automóveis, imóveis e agiotagem. O comércio itinerante é baseado na venda de toalhas, cobertores, panelas, produtos de limpeza e outros artigos que são vendidos de porta em porta durante as viagens.

Vários membros do grupo não praticam mais o comércio itinerante, são funcionários públicos, profissionais liberais ou fazem trabalhos esporádicos (bicos), alguns dos mais jovens que conseguiram trabalho no comércio camuflam suas origens com medo de ser demitidos.

Não há uma religião oficial, o culto a Santa Sara Kali os aproximam dos católicos, Nossa Senhora Aparecida também é cultuada; no entanto, a forte ação de grupos evangélicos tem captado membros, alguns ciganos se declaram batistas outros frequentam cultos da Igreja Universal e da Mundial, entre outras. Uma das primeiras famílias de ciganos da cidade faz parte de uma Igreja que tem como pastor um cigano calon da cidade.

Eu sou um cigano brasileiro, da etnia Calon. Nasci em 30 de dezembro de 1968 na cidade de Tatuí (SP). Converti-me ao Evangelho do Senhor Jesus em 2003 na cidade de Santa Fé do Sul também em São Paulo onde moro com minha família atualmente. Durante toda minha vida morei em barracas, viajando por diversas cidades brasileiras praticando o comércio ambulante. Como cigano já sofri muito com a discriminação e preconceito da sociedade. Eu era idólatra e vivia uma vida sem paz, sem amor e sem direção (RADAR, 2016).

A fala acima extraída é do genro do Senhor Oscar. Notamos, assim, que a fixação e a sedentarização aos poucos têm mudado algumas características em muitas famílias do grupo,

seja pela casa própria, pelo investimento nos estudos ou pela mudança de orientação religiosa. Tais mudanças, no entanto, não podem ser colocadas como peso para descaracterizar a identidade do grupo.

O conhecimento histórico é dinâmico e cada geração relê, reinterpreta e reescreve o passado, que é marcado pela transitoriedade ou, para usar um termo mais preciso, pela historicidade (LUCA, 2020, p. 27).

Segundo informações coletadas nas entrevistas, membros antigos das famílias hoje fixadas estiveram na região em meados de 1958, em um primeiro momento, acamparam no Porto do Taboado do lado do Estado de São Paulo, em Rubinéia, atravessaram o rio de balsa e ficaram por algum tempo morando na propriedade de um gadje conhecido como “Véio Dourado”.

Eram oriundas de Sorocaba, Tatuí, Nova Granada e a maioria de Guaíra, faziam parte do mesmo núcleo familiar, vivendo de forma nômade, acampando em campos de futebol e espaços públicos por onde passavam, vendendo pequenos utensílios e pedindo esmolas.

Mesma coisa tinha lugar que a gente acampava no campo de futebol sem ordem, é, dos proprietário e do time, e ficava, quatro, cinco semana, chegava o presidente, quem é o chefe aí? Antigamente era eu o Deluz que é o pai do Índio e o Bastião que mudou e o Vanderlei. O chefe somos nós, não eu sou o presidente aqui, vai ter jogo domingo, vai ter torneio, é e os seis não pode ficar acampado aqui. Mas não tem jeito a família é grande não tem onde acampar, ele falava assim o presidente. Mas não tem como o senhor desmanchar a barraca e recuar de lado. A tem, isso tem, então senhor pode levantar e arranca esses pau, esses varão aí, e põe pra fora. Quando acabar o jogo o senhor arruma novamente pra ficar a semana, mas toda a semana tem torneio e treino aqui, o mais certo é o senhor arrumar um lugar pra mudar viu, assim mesmo. (trecho da entrevista com o senhor Oscar)

O filho deste Véio Dourado, Pedro, casou-se com uma calin (dona Lurdinha), como era mecânico foi responsável direto para o grupo substituir as viagens a cavalo e a pé por viagens em caminhões.

Por volta de 1958, ainda, compraram terrenos em Aparecida do Taboado e quando passavam por Santa Fé do Sul acampavam em uma antiga “venda” abandonada em uma região da cidade conhecida como “Córrego da Mula”.

Primeira casa de cigano eu vou te falar, não era deles, lá no córrego da mula existia uma estrada velha boiadeira, nem casa tinha, tinha uma venda véia muito antiga, lá na estrada de terra, não tinha nada, no meio da capoeira, serrado. E a ciganada invadiu aquela casa pra poder ficar, o povo nosso de cigano, então, aquela venda veia cobriu tudo de mato em volta e nós ficava acampado no terreno e quando chovia recolhia pra dentro da venda veia abandonada até a gente conseguir os terrenos pra comprar e nós ia construindo os pedaços. Do corgo da mula pra cá. Só chácara de café. Primeiro teve

um prefeito que antes dessa casa da esquina era desse primeiro prefeito, depois dele eu não me alembro mais. (trechos da entrevista com o Senhor Oscar)

Antes do projeto de uma cidade, em 1946 foi iniciada a construção da Ferrovia em Santa Fé do Sul, tendo por último ponto no Estado de São Paulo a cidade de Rubinéia. A empresa responsável pelo empreendimento começou definir o espaço urbano no qual a cidade seria distribuída e em pouco tempo terrenos no espaço urbano e no espaço rural começaram a ser comercializados.

Nesse momento, várias pessoas de Nova Granada-SP compraram terrenos devido à ação de corretores imobiliários, entre estes é citado um senhor Dantas que teria oferecido os primeiros terrenos aos ciganos.

Deixa eu ver, foi em 58. Eu tinha 15 anos, nós chegamos aqui a cavalo, Santa Fé não tinha calçada, não tinha asfalto, não tinha nada! Entendeu? Nós passemos aqui e nós foi posar lá na beira do rio, na beira do porto de Rubinéia antiga, e daí quando foi no outro dia, nós passemos de barco e fomos pra Aparecida do Taboado e chegamos lá, nós fomos morar num sítio que era do seu Vêio Dourado (trecho da entrevista com o senhor Sebastião).

(...)

Santa Fé do Sul não era uma cidade formada como é hoje, era um patrimônio que nem asfalto tinha, só tinha o cinema, aquela padaria, Igreja Católica e uma loja da esquina, o resto era daqui até na rodovia só chácara e sítio (trecho da entrevista com o Senhor Oscar).

Porém, antes de firmarem negócio com esse Dantas, alguns membros compraram terrenos em Três Fronteiras-SP. A facilidade em comprar terras na região devido ao desenvolvimento gerado pela ferrovia em favor da necessidade de melhor escoamento do café proporcionou algo que até então era dificultado ao calom, o acesso às terras. Por mais que possa ser estranho, depois de criarmos toda uma narrativa no entorno do caráter nômade do grupo, entre os colaboradores para as entrevistas ficou claro que antes não possuíam casas porque não tinham condições.

[...] Ó senhor, nós não tem morada, nós é pobre, essa era a palavra nossa, de fato nós era mesmo, nós não temos morada. Nós somos pobre, recurso pra comprar terreno nós não tem, casa não, nós somos nascido no Brasil, nós somos igual a vocês brasileiros, essa era a palavra nossa por defesa (trecho da entrevista com o senhor Oscar).

A facilidade em comprar terrenos não significou de imediato facilidade para morar nesses terrenos.

A prefeitura exigia de nós pra nós não armar barraca no terreno que nós comprava. E nós respondia, não temos condição de fazer casa agora, nossa moradia é essa aqui,

até arrumar dinheiro pra fazer os cômodos, daí com bastante categoria nós ia ficando em barraca até nós construir.

Com o tempo, com recursos adquiridos nas viagens os calon conseguiram construir as primeiras casas. A fixação não foi sentida de imediato já que foram mantidas as viagens e havia maior controle sobre os mais jovens.

Entretanto, as facilidades proporcionadas pelo desenvolvimento na estrutura do Estado e os reflexos da moradia feita de alvenaria e não de barraca mudaram algumas atitudes do grupo. Alguns membros colocaram os filhos na escola e em várias viagens as crianças e mulheres já não iam mais.

O contato com o gadje, por mais que gerasse estranhamentos também trouxe proximidades, membros do grupo passaram a se relacionar com pessoas que não eram do grupo e isso gerava espanto para os calon e para os gadjes.

Para o não-cigano, ver a filha casada com alguém estereotipado como ladrão e sem índole constituía uma vergonha; a forma que a mulher do cigano, cigana ou não, vivia gerava estranheza.

Os calon e demais rom não eram somente comerciantes errantes, eles desenvolveram outras formas de conseguir recursos, as mulheres deveriam ler mãos, praticar a cartomancia ou ainda mendigarem, a toda uma regra de conduta que deveria ser seguida.

Para as ROMLI (ciganas) que andam no GAU (obrigação ou promessa de ler a sorte pelas ruas, às vezes descalça, durante sete anos). Levam as Lilá Romái (Cartas ciganas) no PAPARTIEÇO (bolsa cigana). Se for ROMLI, abrir as cartas em cima da KETRINTZ (avental cigano). Se for CHEI BARI (moça solteira, virgem), abri-las em cima da RÔTHIA (saia cigana) (STANESCON, 2007a, p. 97).

Casar com uma cigana era tabu até maior, devemos lembrar que existe todo um sistema de estereótipo que vulgariza essas mulheres.

Em Santa Fé do Sul há vários registros de violência envolvendo crimes passionais, para o cigano calon ou de outro grupo a vida é preterida à honra e a figura da mulher está diretamente ligada a este conceito.

É preferir morrer com honra a viver desonrado (STANESCON, 2007 a).

(...)

Tá na mesma forma, tanto faz na época de hoje como no passado, não tem diferença nenhuma. Eu não posso “aganjar” uma nação e agradar a outra, mas toda nação carrega sua perversidade e malvadeza, se ele achar conveniente eles são honestos, mas se eles achar que contrário da família eles são perversos também (...). Vou falar uma palavra pro senhor, se uma pessoa ofendeu um cigano, um mesmo cigano ou um parente dele tá morto, daí persegue o outro pra matar, tem isso aí. Vingança tem

acontecido muito, não aqui em Santa Fé, aqui houve, mais em todo o estado do Brasil, até na polícia eles atiram pra matar se eles vêem que um cigano foi morreu que a polícia matou de tanto dar pancada, ele se cuide (trecho da entrevista com o Senhor Oscar).

(...)

Tem que diminuir 100%! Antigamente eu vou falar pra você, tinha mais respeito, hoje aumentou a malcriadeza os rapaz entrou pro lado errado, cigano até não anda tudo junto por que cada block tem um estilo, tem um pessoal de outras cidades, que eles tudo usa droga, tudo baguá. Nós não gosta deles. Eles é baguá. A gente fica mais afastado não vai onde tá eles, que eles não tem respeito [...] (trecho da entrevista com o Senhor Sebastião).

A alteridade que permitiu estes novos arranjos sociais também provocou algumas rupturas no grupo, o patriarcalismo centrado na figura dos mais velhos do grupo com o passar do tempo perdeu importância.

Está sendo esquecida, no Brasil, o cigano brasileiro e de diversos países eles abandonou a descendência de muitas coisas. Eu se falar pro senhor a linguagem da minha descendência não tem quantidade de palavra, mas já vem de meu pai e de minha mãe e de meu avô e minha avó (trecho da entrevista com o senhor Oscar).

Sem o crivo moral dos mais velhos, as novas gerações têm perdido o interesse pela cultura, o medo da morte da língua, das crenças e o surgimento de novos problemas entre o grupo, como consumo de drogas, faz com que a fixação seja vista como um problema para a manutenção da cultura.

3 CIGANO, O ALUNO MONSTRO

Nem maltratamos inocentes, vocês sim, vocês sim, porra.
(Tia Polly - PEAKY BLINDERS)

Peaky Blinders é mais uma das aclamadas séries do sistema de stream Netflix, conta a história de uma família de mafiosos ingleses que são ciganos. A citação acima é retirada da fala de quando eles vão até um orfanato para “tirar satisfações” com as freiras por causa de seus métodos utilizados na educação de crianças.

Este capítulo analisa a relação dos calon com a educação e, com isso, demonstra como a estrutura educacional como um todo tem negligenciado a presença deles, questionando, assim, qual é o papel da escola. Já havia discutido um pouco sobre isso no item 1.2, em especial, quando trouxe a citação de um trecho da obra “Alienígenas na Sala de Aula” (SANTOMÉ, 2019). A forma como os ciganos são tratados pelo sistema educacional espanhol é denunciada, são invisibilizados, inominados, ignorados; estar na escola é aprender novos costumes para substituir sua cultura.

O título deste capítulo surge a partir de indicação da Banca de Qualificação e da leitura da obra “Pedagogia dos Monstros - Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras”, organização de Tomaz Tadeu da Silva (1999), com textos de Jeffrey Jerome Cohen, James Donald, José Gil e Ian Hunter.

O monstro não é nada mais que uma construção de estereótipos que justificam seu extermínio, expurgo, expulsão e perseguições; mas este sempre retornará, pois a ordem vigente precisa do outro para se preestabelecer, para sua manutenção. Precisamos transformar o outro no monstro para esconder os nossos discursos vagos, verdades rasas e monstruosidades. Mas em alguns casos ele não sai de perto, logo, não precisa retornar, nestes casos são invisibilizados, inominados, não são feitas referências, mesmo estando todos os dias ali é como se não estivessem. Ficam ali de canto, pois se aparecerem muito se transformam no monstro que veio denunciar e desestabilizar meu mundo.

Outros mecanismos estão surgindo contra o politicamente correto e para qualquer luta de minorias são usados os termos “vitimismo” e “mimimi”. É como se quem estivesse em situação de minoria usasse isso para ganhar curtidas em redes sociais ou simplesmente usasse a posição como subterfúgio para justificar seus problemas particulares. Talvez esta seja a

estratégia mais cruel do momento, pois o pouco de representatividade e espaço alcançados são colocados como coisa que não é ou que não deveria ser.

A escola, na figura do professor dentro do ambiente de sala de aula, pode ser um espaço de discussão para estas minorias e por isso há tanta vigilância sobre sua importância. Caberá ser feita a pergunta novamente, qual o papel da escola, transgredir fronteiras delimitadoras (*bell hooks*) ou transformar a fera (monstro) no príncipe?

3.1 O outro invisível - os inomináveis

Nas próximas páginas trago algumas indagações com base em outras apresentadas por Carlos Skliar em *Pedagogia (Improvável) da diferença e se o outro não estivesse aí?* (2003). O autor questiona a ideia de “uma atenção à diversidade” e apresenta de forma crítica como esta ideia de respeitar o que é “diverso” está repleta de lacunas. Em dado momento, faz menção aos que ainda não foram observados para serem catalogados como diferentes e como estes, nesse mundo do politicamente correto, ainda persistem ou são persistidos a ficar de fora do olhar.

As críticas apresentadas partem das discussões espanholas sobre a reforma da educação e como este novo conjunto de práticas visa a adequar no espaço escolar todos os grupos humanos encontrados por lá. A questão posta é que neste processo não há a intenção de proporcionar um espaço de conhecimento do que é diverso com regras que se ajustem às culturas, pelo contrário, a escola cumpre o papel de ser o lugar que domestica os grupos diferentes, punindo-os.

Se eles vivem entre corpos, vozes e gestos que ainda não tiveram a sorte de serem hóspedes da hospitalidade (a atenção à...), muito menos o privilégio de receber tal divino mote (diversidade). E que, muito pelo contrário, foram e continuam sendo objetos permanentes de uma hostilidade mesmo. Se eles juram que viviam meninos e meninas ciganas dilacerando as próprias mãos de tanto bater para derrubar as portas de todas as escolas que lhes eram negadas. Se confessassem que existem meninos e meninas que são multados cada vez que falam em sua língua (SKLIAR, 2003, p. 21).

As reformas escolares são questionadas já que não levam em consideração quem foge da “mesmidade”. “E onde fica o outro irreduzível, misterioso, inominável, nem incluído nem excluído, que não é regido pela nossa autorização, nem pelo nosso respeito, nem por nossa tolerância (...)” (SKLIAR, 2003, p.23). Esse outro aí citado cabe muito bem nas análises sobre os ciganos na escola, invisíveis.

Ainda tendo por base as reflexões de Carlos Skliar é preciso questionar as reformas e os projetos pedagógicos, a escola se presta a dar conta de todo o conteúdo, de vencer todas as

mazelas e problemas, ao ponto que estes conteúdos e mazelas são excludentes, tudo se resolve a partir do que já é dado. É todo o conteúdo, este todo leia-se somente o que está dentro de certas delimitações, são todas as mazelas, desde que estas estejam dentro de um certo escopo de soluções.

Grupos externos a este todo contedístico e que conflitem com estas soluções não entram naquela parte bonita dos projetos que tratam sobre o multiculturalismo.

Santa Fé do Sul, assim como boa parte do Estado de São Paulo, só passou a ser “desbravada” a partir da expansão das plantações de café. A cidade foi fundada após a construção de uma ferrovia que ligava o Porto de Rubinéia com áreas industriais e a capital paulista.

O período coincidia com as migrações internas dos imigrantes que chegaram ao país a partir do final do século XIX buscando trabalho, fugindo de guerras e, principalmente, substituindo o trabalhador escravizado, bugre ou afrodescendente, por “raças superiores” em um projeto de embranquecimento do país.

Na cidade, é possível encontrar inúmeros monumentos sobre os imigrantes, italianos, espanhóis, japoneses, com nomes de ruas, estátuas, painéis que demonstram o que fizeram para desbravar o local. Entre os monumentos, as figuras do negro e do índio são encontradas como coadjuvantes nas menções aos posseiros e ribeirinhos. Para o calon, rom, cigano ou como quiser intitular sua cultura, não verão nenhuma menção, e esta constatação com certeza servirá para outras regiões.

Nas escolas, nos planos de ensino, estão incluídas datas comemorativas e eventos culturais, mas nenhuma menção à comunidade calon. A cidade desconhece as festas dos calon, sabem que em alguns momentos as mulheres se enfeitam com seus vestidos e adereços de ouro e os homens colocam seus chapéus e por alguns dias fazem um grande churrasco com música e dança, mas tudo extraoficial e mesmo com tantas cores e sons a festa passa despercebida.

Se a cultura passa despercebida, os problemas de aprendizado dos alunos também passam, não há uma única medida que vise a reduzir a evasão de alunos ciganos e tampouco alguma proposta pedagógica para ajudar os alunos da rede que façam parte de famílias que ainda mantêm algum tipo de itinerância. Descaso, incompetência? A fusão destes.

O aluno cigano é aquele indesejado, dentro da política de bônus para escolas que não apresentam problemas de comportamento e evasão ele é visto como margem de índice negativo⁵³.

Tanto na antiga administração como na atual, a Secretaria de Educação não apresenta nenhum tipo de estudo de caso relacionado aos ciganos. Quando perguntei sobre o número de alunos e as práticas tomadas para solucionar suas demandas foi gerada uma crise interna, no primeiro momento, foi buscado quem seria o responsável e, depois, em ambos os contatos, de administrações literalmente opostas, o problema não existe, “não há distinção de pessoas dentro das escolas da cidade”.

A sentença em si é linda, pena que na realidade o que existe é outra prática e, pior, faz parte de uma narrativa do atual Governo Federal, como disse o ex-ministro da educação: "Ele tá querendo transformar a gente numa colônia. Esse país não é... odeio o termo 'povos indígenas', odeio esse termo. Odeio. o 'povo cigano'. Só tem um povo nesse país. Quer, quer, não quer, sai de ré", disse Weintraub⁵⁴.

Os inomináveis são os que não são nem isso nem aquilo. Aquilo que não se presta ao jogo da oposição e nem a sua lógica. Aquilo que deixa a ordem sem efeito, que a desordena. Os inomináveis fragilizam todo conhecimento, toda determinação. São, por isso mesmo, a indeterminação, o adiamento do conhecimento, o deixar para depois – e sempre para depois – toda a classificação, toda definição, toda catalogação. E, ao chegar esse depois, deixar outra vez de lado a certeza de todo nome para continuar órfãos e órfãs do malefício da ordem (SKLIAR, 2003, p. 55).

Um calon adolescente, cursando o Primeiro Ano do Ensino Médio na Escola Estadual da cidade relatou que tinha muita dificuldade em entender algumas coisas na disciplina de Língua Portuguesa. Devido ao dialeto falado em sua casa, algumas palavras eram desconhecidas pela professora e quando utilizadas em suas respostas não eram consideradas na escrita padrão.

Relatou-me que percebeu que a professora não o atendia da mesma forma que aos outros alunos e, certo dia, enquanto corria atrás da escola durante o intervalo, escutou alguns professores falando que tinham medo de chegar perto dele.

Seu relato é de algo que aconteceu no Ensino Fundamental enquanto estudava na E.E. Benedicto de Lima, a escola que atende aos calon do bairro São Francisco por volta de dois

⁵³ Índice de Desenvolvimento da Educação de São Paulo (Idesp) é um programa do governo do estado de São Paulo, que busca alcançar algumas metas até 2030, anualmente é feito um índice e as escolas que alcançam algumas metas recebem recursos, os professores, coordenadores e diretores recebem um bônus. Quanto melhor for o índice da escola, maior é o bônus recebido.

⁵⁴ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/22/weintraub-odeio-o-termo-povos-indigenas-quer-quer-nao-quer-sai-de-re.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

anos atrás. “As alunas escondiam os lápis coloridos para não me emprestarem, vinham de casa com medo de mim por que as famílias ensinavam que ciganos são ladrões”. (Depoimento da aluna Jociara).

As histórias relatadas não diferem muito das que o Cleone e o Mike me disseram sobre suas experiências na escola, décadas se passaram e por mais reformas e projetos de inclusão que foram introduzidos o calon continuou sendo tratado como diferente, quando não, só era invisível mesmo.

Para que algo assertivo fosse feito seria necessário investimento para a formação de profissionais da educação que soubessem o básico sobre a cultura calon, dessa forma, a escola poderia inserir estes alunos dentro do ambiente escolar, permitindo que os mesmos fossem visibilizados.

Em conversa com diversos professores da rede municipal, não encontrei nenhum que conhecesse a história dos calon, alguns conhecem algumas características culturais como o nomadismo, a importância do comércio e a hierarquia do grupo. No entanto, nenhum dos profissionais acredita estar preparado para trabalhar de forma específica com alunos calon e precisam de investimentos em suas formações.

Entre alguns professores de Língua Portuguesa que atuam na região, gerei espanto quando mencionei os personagens ciganos mencionados na literatura e como estas visões estereotipadas exportaram a forma como os enxergamos, mesmo sem percebermos o papel que desenvolvem nos inúmeros clássicos que nos são empurrados goela abaixo em nossas formações.

O diferente, que foge dos padrões aceitáveis, é encontrado em vários grupos que nomeamos como minorias, as primeiras páginas deste capítulo poderiam ser destinadas aos quilombolas, indígenas, mulheres, comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer, Intersexo, Assexual + (LGBTQI+), imigrantes vindos do Haiti ou de Angola, da China ou da Bolívia, mas dentre todos os “outros”, “diferentes”, os rom (ciganos) possuem algumas características que os separam entre os separados.

Como dito, quando tratado sobre as questões voltadas para a identidade dos ciganos e à cultura dos calon, por milhares de anos desenvolveram a habilidade de se camuflar e se reinventar, ao passo que estes atributos permitem que sua cultura consiga manter algumas características que os colocam sempre em rota de colisão, naquilo que não camuflam que não se reinventam, está o que mais assusta o cristão civilizado(r).

Em todo o mundo são encontradas comunidades das diversas tribos (clãs) rom, estes sujeitos aprendem novas línguas, adaptam-se a novos ajustes sociais, mas mantêm algumas características básicas, essenciais, e estas são culturais.

Suponhamos que um sujeito afrodescendente em determinada região, devido ao colonialismo ou à escravidão a que seus antepassados foram submetidos (ou até as duas coisas), desconhece as culturas africanas (seus deuses, vestuários, línguas, cores e sabores). Vamos aplicar a mesma condição a um indígena, talvez seu grupo já fosse tratado como domesticado⁵⁵ desde o Segundo Reinado, ele tem as características físicas indígenas preservadas, mas desconhece suas origens.

Suponhamos que ambos sejam de uma religião do branco e estejam junto com um grupo maior de pessoas em um ambiente movimentado. Para estes dois exemplos, não importa o que façam, nem o quanto tenham, poderão sofrer racismo, mesmo que desconheçam ou neguem suas culturas.

Com os ciganos pode haver um desfecho diferente nesta história, há em Santa Fé do Sul calon loiro de olho azul, que é primo de um calon com traços indígenas. No grupo, encontramos alguns que seriam facilmente confundidos com árabes ou indianos, mas a maioria não difere muito do “normal”, pele morena, cabelos pretos.

A maioria dos sujeitos do grupo se negar totalmente a sua cultura ou se camuflar para escondê-la momentaneamente passa despercebida. Cigano não tem cor de pele, não tem uma nacionalidade estrangeira, logo, o preconceito que recebe não é por suas características físicas, raciais, mas sim pelas suas características culturais e pela sua identidade cigana (estilo de vida nômade, comércio itinerante, tradição familiar, espiritualidade e valores ciganos).

3.2 Somos tão diferentes? Por que ele se tornou um monstro?

Quando o professor ou o aluno ficam a certa distância ou as “amiguinhas” não podem emprestar as canetinhas, a justificativa não é genética nem racial, mas sim baseada em um padrão de moral e caráter. Se o cigano sofre com o preconceito, mais ou menos, não vem ao caso, o que importa é que existe uma singularidade no preconceito que ele sofre. Na sequência, procuro debater como as pessoas são postas como monstros, trazendo à luz discussões feitas

⁵⁵ Os indígenas que rompiam com sua cultura e passavam a viver dentro dos moldes do branco passavam a ser considerados cidadãos.

em Pedagogia dos monstros - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras (COHEN, 2000).

A “pedagogia dos monstros” não desenvolve uma pedagogia dirigida à formação de monstros nem uma pedagogia que utilize os monstros com fins formativos. A “pedagogia dos monstros” recorre aos monstros para mostrar que o processo de formação da subjetividade é muito mais complicado do que nos fazem crer os pressupostos sobre o “sujeito” que constituem o núcleo das teorias pedagógicas — críticas ou não (COHEN, 2000, p. 20).

O autor desenvolve o que chama de sete teses sobre os monstros, sendo:

I) O CORPO DO MONSTRO É UM CORPO CULTURAL: “[...] é sempre um deslocamento, ele habita sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido, para nascer outra vez “ (COHEN, 2000, p. 27).

II) O MONSTRO SEMPRE ESCAPA: “Os monstros devem ser analisados no interior da intrincada matriz de relações (sociais, culturais e lítero-históricas) que os geram” (p. 28) e, por causa disso, para entender o seu regresso é preciso “[...] preocupar-se com séries de momentos culturais, ligadas por uma lógica que ameaça sempre mudar, fortalecida pela mudança e pela fuga, pela impossibilidade de obter aquilo (...) chama de a desejada “queda ou morte, a paralisação” (COHEN, 2000, p. 29).

III) O MONSTRO É O ARAUTO DA CRISE DE CATEGORIAS: “O monstro aparece, de forma notável, em épocas de crise como uma espécie de terceiro termo que problematiza o choque entre extremos, como aquilo que questiona o pensamento binário e introduz uma crise” (COHEN, 2000, pp. 30-31).

IV) O MONSTRO MORA NOS PORTÕES DA DIFERENÇA: “O monstro é a diferença feita carne, ele mora no nosso meio (...) o monstro é uma incorporação do Fora, do Além, de todos aqueles loci que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro” (COHEN, 2000, p. 32).

V) O MONSTRO POLICIA AS FRONTEIRAS DO POSSÍVEL: “O monstro da proibição existe para demarcar os laços que mantêm unido aquele sistema de relações que chamamos cultura, para chamar a atenção, uma horrível atenção, a fronteiras que não podem - não devem - ser cruzadas” (COHEN, 2000, pp. 41-42).

VI) O MEDO DO MONSTRO É REALMENTE UMA ESPÉCIE DE DESEJO: “As mesmas criaturas que aterrorizam e interdita podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente, como uma fuga temporária da imposição” (COHEN, 2000, p. 48).

VII) O MONSTRO ESTÁ SITUADO NO LIMIAR DO TORNAR-SE: “Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar” (COHEN, 2000, p. 55).

Neste trabalho, analisando a discussão sobre a educação oferecida aos calon de Santa Fé do Sul, logo os coloco como os monstros da sala de aula. Em outros momentos também utilizei as analogias com os alienígenas em sala de aula, mas este atributo não precisa ser de exclusividade deste grupo, todos os que de alguma forma romper com o que é posto como “normal” estarão nesta posição.

Voltando às teses de Jeffrey Jerome Cohen (2000), os rom (ciganos), em especial os calon, foram no decorrer da história transformados neste monstro.

A forma como se relacionam com o trabalho, ou seja, a busca por algo que não seja formal que não tire o que lhe é mais importante, a liberdade, coloca qualquer cigano contra o que Antônio Negri e Félix Guattari em “Verdades Nômades”, chamaram de “máquina de assujeitamento capitalístico” (2017, p. 6). Uma rede de vigilância coletiva e de autovigilância em prol de uma legitimidade jurídica, política e moral, encontradas nos modelos deturpados do socialismo e do capitalismo, nestes, o sujeito era condicionado a uma produção em nome de sistemas econômicos e ideológicos que o mesmo desconhece - o sujeito e tudo o que se pode tirar desse conceito, são um artifício, uma máquina sem alma.

Quando, então, surge um grupo de pessoas que vive de forma tradicional, dentro de uma moral rígida baseada nesta tradição e que felicidade e sucesso para estes membros não têm os mesmos significados ou efeitos exigidos seja pelos Estados Unidos ou pela Rússia, conseguimos entender como foram odiados e perseguidos pelos dois polos da Guerra Fria.

Mas bem antes do Totalitarismo Soviético ou Nazista ou do Capitalismo e seus pseudoliberalismos os ciganos já eram o monstro, cabe lembrarmos que Cohen (2000) traz argumentos culturais que também explicam os porquês de surgirem os monstros:

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural — de uma época, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência. O corpo monstruoso é pura cultura (COHEN, 2000, pp. 26 - 27).

Imaginemos um roteiro, em um vilarejo medieval, envolto de medo e superstições católicas, nas quais o inferno ganha mais atenção do que o céu. Então, nesse lugar chega uma caravana de pessoas com roupas coloridas, trazendo música, alegria, com vestuários coloridos, sotaque e dialeto diferente e vendendo toda sorte de produtos. Em um tempo em que tudo

poderia ser pecado e que o demônio poderia viver em tudo e em todos, foi na cultura diferente do cigano que o diabo foi pintado e é assim até hoje.

No Capítulo 2, item 2.2, Paulo Miceli (2008) faz uma narrativa sobre o contato dos ciganos com os lisboetas, em um primeiro momento, o estilo de vida com suas roupas e danças gerou curiosidade dos portugueses, mas logo na sequência a moral cristã, quando confrontada com a espiritualidade, leitura de mãos e cartas e casamentos fora da Igreja, julgou o convívio impróprio e isso impulsionou que fossem degredados para a colônia na América e outras colônias pela África e Ásia.

A forma que a cigana foi erotizada na literatura não diz sobre ela, mas sobre a gadje, dentro da tradição a mulher cigana tem seu casamento arranjado, não se relaciona com qualquer homem, para tudo precisa da permissão do grupo. Descreveram a mulher que idealizaram como sendo alguém que não poderia viver como a Esmeralda, de Victor Hugo.

O calon foi descrito como ladrão, como se o acúmulo de dinheiro fosse o padrão de vida do rom, pelo contrário, para ele não existe nada pior do que a prisão, roubar é colocar em risco perder a liberdade. Logo, enquanto eram saqueados nas fronteiras, tinham seus filhos sequestrados e eram perseguidos, de vítimas foram descritos como os vilões. Era o oposto do outro comerciante que deveria ser aceito, o burguês, este tinha empregados e residência fixa, de preferência, próxima à casa do rei para demonstrar a importância de seu título de nobre adquirido.

O cigano menosprezava a nobreza, pouco se importava com o estandarte e a corte e virou o antítipo da burguesia e sua espiritualidade o pôs como antítipo do catolicismo (e nesse caso, tornou-se algo demoníaco).

Mas como todo monstro precisa escapar, os ciganos criaram seus mecanismos de escape, nomadismo e camuflagem. Com isso, estão sempre presentes, pela mobilidade de suas viagens e sempre passam despercebidos, mesmo com suas cores e sons ficam o mais à margem possível, e se for possível, mudam as roupas e silenciam a música.

Só que mesmo camuflado pode ser notado, capturado, “arauto da crise” (COHEN, 2000, p. 30) o monstro é útil, nele está o perigo para tudo o que é verdadeiro e bom, quando for preciso reafirmar algo da moral vigente, quando for preciso denunciar algum desvio de conduta que põe em risco a sociedade, nada melhor que anunciar a chegada de um monstro que veio para enganar nos negócios, sequestrar crianças e ainda por em jogo as verdades do verdadeiro cristianismo, sem leitura de mãos e sem cartomancia!

Na escola não é diferente, por mais que passem despercebidos no planejamento, reformas e todas as outras nomenclaturas bonitas que são discutidas nas salas dos professores,

no dia-a-dia seu comportamento é posto como o antítipo. Onde já se viu faltar tanto. Não entendo nada da gíria deles. Esses meninos já viram mais que todo mundo.

Eles moram no nosso meio, no nosso bairro, são nossos vizinhos, pelo menos esses se fixaram, posso indicar onde moram há décadas mudaram menos que a maioria dos moradores da cidade.

O professor estudou com ciganos, atende ciganos há anos, já deve ter cruzado na rua com o cigano que é motorista da prefeitura ou já deve ter visto o investigador que é casado com a cigana, se é crente, já deve ter visto um cigano em sua igreja e se é católico, já viu cigano em procissão para Nossa Senhora.

Agora, depois de olhá-los de forma diferente, por causa desta pesquisa, pergunto-me, no que são diferentes? Gostam de viajar, quem não gosta? Vivem unidos com seus familiares. Cadê o mal disso? Não gostam de trabalho fixo. O herdeiro da família rica da cidade gostará?

São diferentes naquilo que convém, são diferentes em alguns aspectos e nesses aspectos se apegam às narrativas necessárias para que a minha cultura seja colocada como algo normal, aceitável. Mas a deles é vista como algo distante, denunciando, com isso, outras culturas distantes que me são postas como anormais, desnecessárias e, portanto, passíveis de serem perseguidas, destruídas, superadas e, ainda, qualquer comportamento que venha a denunciar o tido como normal. O normal não existe sem o tido anormal, sem o monstro não existe o herói, seja ele um liberal vestido de *yankee* ou um revolucionário com uma estrela vermelha no peito.

Logo, também são necessários para a escola e na ausência de ciganos com certeza surgem outros monstros, este aluno é o antítipo, aquilo que você não pode ser, aquilo que você deve se afastar. Sua família não é cristã como a sua, e mesmo se for, eles são “diferentes” se converteram, mas ainda não vivem como a maioria de nós. Não ande com eles, você será mal falado, se namorar um deles nunca mais conseguirá arrumar outro namorado e se for menino namorando a cigana, cuidado se a família deles descobrirem te matam. Eles não gostam de estudar e, por isso, são pobres e vivem nas estradas. Essas são ideias recorrentes.

Depois de ler todas as aberrações citadas só podemos concordar com Cohen (2000), os monstros são os limites, se a Igreja não quer que o rebanho vá para longe, pinta monstros em um mar violento de Terra Plana. Se sou mercador e não quero ninguém invadindo meu espaço desenho monstros no mapa da Ásia. Se não quero que meu filho vá à festa é só eu falar que lá estarão os ciganos.

Mas como afirma a sexta tese, o medo é desejável, o pai da cigana pode ser bravo, mas e se eu for falar com ele, será que é tão ruim conhecer o país inteiro ao invés de trabalhar a vida toda como caixa de supermercado?

Com a fixação, no caso dos calon, o medo também gerou curiosidade de ambos os lados, com a curiosidade e as estranhezas surgiram novas relações, os calon de Santa Fé do Sul-SP fixados já não são como seus antepassados. Os jovens cada vez mais têm acesso à escola principalmente as calin, o que tem gerado várias discussões feministas em seus *posts e lives* no Instagram, passaram a questionar o patriarcado sem romperem com outras características de sua cultura, algumas passaram a responder curiosidades de seus seguidores e, assim, têm conseguido espaços que até então lhes foram negados.

A cidade que usou durante muito tempo a presença de ciganos na parte inferior do recinto da festa de rodeio para gerar medo nos filhos, agora contrata duplas ciganas para cantar sertanejo universitário na mesma festa. Não que o preconceito e a violência tenham diminuído, ganharam outras formas, mas mais que isso, a resistência e a convivência têm gerado novas relações.

Entretanto, enquanto sobraem vestígios da cultura que colidam com as ambições “capitalísticas” e com a moral haverá o estranhamento. Esta afirmação é muito pesada, pois traz consigo uma consequência penosa, a tendência não é o calon conseguir manter seu comércio itinerante, mas ele se fixar; a tendência não é o calon preservar a sua espiritualidade, mas sim ele se converter ao pentecostalismo e se essas propensões forem concretizadas talvez o choque cultural (alteridade) seja extinto.

Caso isso aconteça, há possibilidade de que o aluno cigano perca a alcunha de monstro, de diferente; assim como o “índio domesticado”, do Segundo Reinado, que por não ter mais a cultura indígena pôde gozar da cidadania, o cigano poderá não mais ser considerado o monstro.

3.3 Currículo excludente - a escola que forma (na forma)

A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto.
Darcy Ribeiro

Escolhi encerrar falando sobre o currículo sabendo que posso cair na eterna redundância, o Currículo Escolar é falho, se o é para aquele que é percebido, desejado, imagina para aquele que nem entra nas estatísticas?

Mas discorrer sobre currículo no momento que escrevo é uma forma de denúncia para o futuro do quanto perdemos enquanto sociedade por persistirmos no erro de deixarmos a educação nas mãos de pessoas sem preparo e sem escrúpulos. Se fosse só o primeiro problema

talvez o tempo pudesse “ajudar” os legisladores e gestores a aprender algo, mas o que pesa é o segundo. Não há interesse pela mudança, pois mudar tem um custo político caro.

A filha da doméstica pode querer se tornar juíza, o filho do gari pode querer ser professor universitário, a mudança na ilusão que chamamos de estrutura seria muito forte e mostraria quão corrompida é a lógica do capitalismo.

As minorias poderão começar a se organizar e vencer eleições e quem sabe quem historicamente deteve o poder, agora, pudesse ficar fora do Estado?

Um currículo libertador em todos os sentidos custaria muito caro. O que pode acontecer é as relações aluno-professor e escola-comunidade romperem com o desejo da classe política e pôr em prática o mínimo que a ética do ensino demanda.

Mas antes de aprofundarmos as discussões sobre currículo faz-se necessário mencionarmos algo que fica nítido no decorrer das entrevistas, os ciganos terão de fato contato com a escola, o que irá resultar em um fator preponderante para sua fixação.

No Brasil colonial, os jesuítas eram responsáveis pelas aulas régias sem determinação de idade para início da educação ou sua obrigatoriedade. Na primeira Constituição, promulgada em 25 de março de 1824, havia a menção de que a “instrução primária” deveria ser gratuita a todos os cidadãos, determinava, ainda, a criação de Colégios e Universidades.

É sabido que ficaram excluídos os escravizados e os indígenas tidos como selvagens (que não tinham contato com o branco) ou bravos (que não eram “domesticados”, termo utilizado à época para indígenas que rompiam com suas tradições), ambos tratados como não-cidadãos.

Em seguida, na Constituição Republicana de 1891 a educação primária passa a ficar a cargo dos estados e municípios, enquanto para a união, o ensino secundário (atual Ensino Médio) e o superior.

A Constituição de 1934, na Era Vargas, instituiu a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário e, assim, com a Constituição de 1937 (a Polaca, pelo viés fascista de Vargas), não estipulava idade de ingresso nas escolas (TEIXEIRA, 2008, p. 155).

Foi a Constituição de 1946, por meio da Lei Orgânica do Ensino Primário, Lei n. 8.529, que organizou a estrutura do ensino primário em nível nacional. Ensino primário para crianças de sete a doze anos e implantação do ensino supletivo. Nesta lei ficava estipulado que as crianças analfabetas com sete anos seriam matriculadas na primeira série. (TEIXEIRA, 2008, p. 161). Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 4.024/61 manteve a idade mínima de sete anos e lançou a Educação Pré-Primária para os menores de sete anos.

Em 1967 foi promulgada uma nova Constituição e a Emenda Constitucional de 1969 e a Lei n.5.692 de 1971 determinaram a divisão na estrutura organizacional da educação e a determinação de obrigatoriedade dos sete aos quatorze anos (TEIXEIRA, 2008).

Contudo, em plena Ditadura Militar, com a implantação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNDABEM), Lei 4.513 de 1/12/64 e do Código de Menores de 79 (Lei 6.697 de 10/10/79), que a situação de menores fora da escola ou em situações julgadas pelas autoridades como nocivas que forçou as famílias calarem a matricular os filhos nas escolas e cumprirem com pelo menos parte do ano letivo. O menor fora da escola rendia dores de cabeça e até os extremos da perda da guarda ou envio do menor para a FUNDABEM (antecessora da FEBEM e CASA).

A obrigatoriedade ao ensino foi mais um caso de segurança pública do que uma medida voltada para a educação. Percebemos, assim, que a escola historicamente não acompanha o ritmo imposto pela sociedade, ritmo que por vezes nem leva a educação em consideração e, portanto, impor à escola demandas como essa, é estarmos fadados ao fracasso.

(...) o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada (FREIRE, 1985, p. 98).

A realidade escolar varia de escola para escola, portanto, toda esta discussão sobre currículo deve primeiro ser pensada para escolas que atendam constantemente ou esporadicamente alunos de comunidades ciganas. O ideal seria que todas as escolas tivessem acesso ao mínimo de informações sobre essa minoria e, também, nada impede que materiais sejam produzidos com este fim e disponibilizados aos estudantes, a internet é um grande facilitador para tal. E, seguindo a mesma linha, algo do tipo somente seria válido se os agentes envolvidos fossem pessoas de comunidades ciganas. Meu olhar pode estar diferente, mas ainda tem como centro o meu foco de visão.

Se o tempo da mesmidade e o tempo do outro, como quis sugerir antes, resultam em uma temporalidade não (somente) linear nem circular nem (apenas) simultânea, senão, sobretudo, disjuntiva e paradoxal; se se trata de uma temporalidade que irrompe em um agora inesperado e incompreensível que transtorna/confunde a própria noção de passado e de futuro; se o tempo é, afinal, um fluxo infinito de perplexidades e de incompreensão na direção de seu próprio tempo, então, também é possível que a espacialidade do outro e da mesmidade se despedacem neste presente que é excessivamente incessante (SKLIAR, 2003, p. 65).

Quando o aluno do Sétimo Ano do Ensino Fundamental tem contato com os conteúdos de História que abordam o período das Grandes Navegações e, portanto, dos choques culturais entre os cristãos ibéricos e americanos, africanos e asiáticos, é preciso fazer sempre a reflexão que os diversos povos que seriam, a partir disso, colonizados estavam em momentos históricos diferentes dos cristãos.

Enquanto os portugueses desfrutavam dos conhecimentos reunidos na Escola de Sagres, os Tupis mantinham seu estilo seminômade pelo litoral do que depois seria o Brasil. Na África, os impérios estavam voltados para dentro de seus domínios, não era cogitado invadir outros continentes e, por fim, na Ásia, coube negociação para que Portugal criasse entrepostos como no caso de Goá.

Desta forma, não é possível usar o mesmo modelo de colonização para todos os territórios e tampouco reduzir as viagens aos ideais mercantilistas. Cada território colonizado desencadeou uma série de eventos que, por sua vez, desencadearam outros e surgiram devido a eventos posteriores. Qualquer visão estruturalista que tente totalizar ou padronizar o tempo e o espaço será fadada a um reducionismo (mesmo quando queira ser totalizante).

Se esta lógica deve ser utilizada para entendermos a dinâmica sobre o tempo, também precisamos entender sobre o espaço. Como a espacialidade é entendida? Há uma hegemonia de definições e emoções no grupo que forma minha comunidade escolar? O que representa estar naquele lugar, pertencer àquele grupo?

Quando classificamos alguém como imigrante, migrante, descendente desta nação ou daquela, nômade ou seminômade, estamos dizendo muito sobre como este sujeito lida com aquele espaço e o que representa para ele estar naquele local. Para o senhor Oscar poder construir sua casa simbolizou sair da miséria, ideia compartilhada pelo senhor Sebastião quando fala sobre como era a vida nas barracas.

Se como foi dito, todo ato de classificação é em si mesmo um ato de exclusão e de inclusão que supõe coerção e violência, podemos dizer agora que toda espacialidade produzida, inventada, normalizada traduzida e/ou representada como espaço único de exclusão/inclusão é um ato de perversão. Perversão na insistência do mesmo e perversão na eterna reprodução do outro como o mesmo. Dois lados, quase idênticos, da perversão da mesmidade. Perversão do só pode ser dentro e do só pode ser de fora (...); perversão do rejeitar, impedir, proibir os não-espacos, a falta de espacos, os espacos híbridos, as fronteiras, a passagem entre a fronteira, a vida nas fronteiras, os espacos outros (SKLIAR,2003, p. 67).

Conforme foram surgindo os Estados Modernos e todo seu sistema burocrático que legitimava seus espacos, leis, poderes, estes modelos passaram a ser copiados e logo se difundiram pela maioria dos territórios do Planeta. Quem por alguma razão esteve fora destas

demarcações geográficas, legais, burocráticas, por não fazer parte de uma nação, por não conseguir se organizar como um Estado ou por ter sido anexada (colonizada) por outro povo (Estado, Poder), ficou à margem do que era tido como normalidade⁵⁶.

Hoje, no período nomeado como Globalizado, no qual para o dinheiro não há barreiras, aquelas imposições físicas que surgiram com o Estado Moderno limitam nossos espaços e são as causadoras de inúmeros problemas de migração mundo a fora.

Se a questão do espaço habitado do outro e da mesmidade se resolve, sem hesitação, na certa distribuição de um para dentro e de um para fora; se a vida é somente o incômodo do exterior e a aprazível existência do interior; se a mesmidade é o ponto de partida e o ponto de chegada, e o outro é apenas um outro que transita sem língua, sem gestos, sem rosto e sem corpo, em que espaço e em que lugar estarão os infinitos e inomináveis nós e os infinitos e inomináveis outros do não-para dentro e do não-para fora, da não-exclusão e da não-inclusão? São, por acaso, as fronteiras somente lugares (aprazíveis) de passagem para os turistas e lugares (de negação e morte) para os vagabundos? (SKLIAR, 2003, pp.67-68).

Na Espanha, o problema dos ciganos fica mais latente devido a todo o problema de migrações que sofre a Europa, suas antigas colônias não conseguiram dar sustento suficiente a seus filhos e estes buscam amparo do civilizador que os desamparou. O imigrante estrangeiro é coisificado na Europa há décadas, como denunciou o brilhante escritor argeliano/francês, Albert Camus em “O Estrangeiro”. O autor explorou a situação absurda vivenciada por um homem comum que sem motivo mata um árabe, em seu julgamento várias características pessoais são utilizadas para demonstrar sua falta de compaixão e em nenhum momento é condenado pelo que realmente deveria, o fato de ter matado uma pessoa. Acontece que para quem o estava julgando, franceses que viviam na colônia, a vítima pouco importava, o maior crime do protagonista era estar às margens daquilo que a moral cristã europeia lhe impunha.

De certa forma, esta história fictícia pode ser colocada como exemplificação de tantas outras, quando tratamos do outro, medimos e julgamos conforme nossas medidas e nossas regras e cabe ao outro se aproximar do que é normal para então ser normalizado, normatizado. A escola com certeza é este lugar no qual o outro deve vir se aproximar.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei 9.394/96, surgiu após órgãos externos como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Banco Mundial pressionarem os países subdesenvolvidos a pôr em prática o projeto de globalização neoliberal. Tal projeto foi apresentado na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em março de 1990,

⁵⁶ Atualmente, Chechenos, Bascos, Palestinos, Curdos e Tibetanos sofrem por serem povos sem território, sem uma nação, são assolados por Estados pertencentes a outras nacionalidades em demonstrações de barbárie.

por convocação da UNESCO, a partir de então o Brasil passou a seguir uma cartilha externa para um modelo de “educação para todos”, dentro das demandas do neoliberalismo (TOMAZ, 1999).

Por trás do “nobre” gesto do Banco Mundial em subsidiar os recursos necessários para o desenvolvimento educacional dos países signatários estava a demanda do mercado em garantir mão de obra capacitada e preparar as populações para momentos nos quais, sem a “devida instrução”, poderia haver revoltas contra o regime e mais, uma luta por um modelo de cultura hegemônico, o homem globalizado é aquele que consome o imperialismo sem perceber. A data da Conferência acusa o fim da Guerra Fria e a derrocada da União Russa Socialista Soviética (URSS), logo, o bloco capitalista precisava conquistar terreno e garantir que futuras ameaças não botassem em risco a sua hegemonia, estava posta a missão da escola (TOMAZ, 1999).

Da criação da LDB até o momento, várias políticas em torno do currículo foram aprovadas, o conteúdo perdeu lugar para as competências, o sujeito precisava sair da escola não somente com o conhecimento teórico, mas principalmente com o conhecimento técnico, que é a demanda do mercado.

Retomamos o caso do afrodescendente e do indígena que por algum motivo romperam com sua cultura, mas mesmo assim eles sofrem algum tipo de discriminação racial, esse novo modelo de ensino não lhes dará subsídios suficientes para entenderem seu posicionamento social. O que importa é que estes sujeitos estejam inseridos no mercado de trabalho e quanto mais pessoas estiverem inseridas neste mercado, menores serão as desigualdades e, assim, os preconceitos são vencidos. Equidade dentro de uma justiça social condicionada ao mercado, este é o cerne da explicação neoliberal para o ensino.

Caso haja algum aluno afrodescendente ou indígena que queira fazer parte de uma escola que o ajude a entender os porquês da discriminação e a formatar um novo conceito de sociedade libertaria⁵⁷ será preciso encaixar esta demanda dentro de uma das competências e habilidades distribuídas na “Taxonomia de Bloom”, dentro de um horário agora dividido com o ensino técnico.

O aluno cigano aprenderá bem menos de geografia já que a disciplina foi fragmentada e talvez no lugar faça aula de Técnico de Segurança do Trabalho ou faça um curso técnico em Atendente de Farmácia.

⁵⁷ Usei o termo como provocação para os tidos Ancap ou Libertários, que acreditam piamente que um modelo econômico sem controle, por si só é capaz de proporcionar equidade, o que, a meu ver, é muito mais próximo do neoliberalismo do que o Anarquismo Clássico, que pretendia destruir o mercado.

A educação no Brasil nunca visou a aprofundar traços culturais dos alunos, os jesuítas vieram com a missão de catequizar, sendo assim, as escolas posteriores elitizadas desprezavam as culturas aqui encontradas. Quando o Brasil se tornou independente e era necessária uma narrativa sobre um mito fundador, o índio até foi mencionado, mas por romancistas que só queriam mostrar que o índio bom era aquele que se tornava cristão.

A Educação varguista e pós-varguista teve caráter tecnicista, o mesmo que hoje ganha o nome de Novo Ensino Médio ou para o fundamental no Estado de São Paulo, Currículo Paulista. Em todos os casos, da promovida pelos jesuítas à apresentada na atualidade, caímos no currículo que serve uma cultura homogênea e que tem na escola o espaço de sua imposição (TOMAZ, 1999).

As minorias pouco foram apresentadas, quando citadas, partiam do olhar do outro. Nos últimos anos com a aplicação de algumas leis que tornaram a História da África e dos Povos Originários como obrigatórias começamos a ver lampejos de melhorias, no entanto, logo foram utilizados como argumentos para os defensores da “Escola Sem Partido” e outras anomalias que não aceitam a presença do que é diferente nas fileiras das escolas.

Todos os avanços diuturnamente parecem escorrer pelos dedos nas ações absurdas, xenofóbicas, homofóbicas, ou seja, criminosas em todos os sentidos do Governo de Jair Messias Bolsonaro, que a cada denúncia de corrupção ou demonstração de sua incapacidade cognitiva utiliza de discursos de ódio contra minorias para criar cortinas de fumaça enquanto alicia políticos para barrarem seus pedidos de impedimento e troca comandos da Polícia Federal e do Ministério Público, o que temos assistido entre notas de falecimento devido à Pandemia e as notícias dos arrastos causados nas áreas da ciência, cultura e educação serão dignos de anos para entendermos tudo o que está em jogo.

O novo Currículo Paulista (para ensino fundamental) posto a toque de caixa pelo Governador Tucano João Dória e o Novo Ensino Médio (projetado pelo PSDB como Ponte para o futuro) não irão contribuir em nada no que tange à preservação da cultura/identidade calon. Até poderia, se fossem olhados.

Cabem em ambos os casos as questões relacionadas à representatividade, quais serão representados no que sobrou nestes “novos” currículos? Quem está representando estes grupos? Quais são as ideias que este currículo trará, na prática, dentro da escola, sobre minorias e suas culturas?

Resta-me pensar no que poderia ser feito.

No projeto Paulista para o ensino fundamental estão inclusas as escolas de tempo integral, nestas, os pilares para que deem certo estão concentrados nos projetos. Entre estes

poderia haver alguns que tratassem sobre a cultura calon, buscando, com isso, romper com estereótipos que os mesmos sofrem e, ainda, nos projetos que envolvem as famílias, criar mecanismos que conseguissem aproximar as famílias calon do ambiente escolar.

Para o Novo Ensino Médio e isso não se restringe somente ao calon, mas para todos os alunos da rede, poderiam ser criados currículos formativos tendo a cultura como base.

No entanto, sabemos que ambas as ideias propostas não correspondem aos interesses que norteiam os currículos nacionais, não temos, no momento, profissionais capacitados para tal e não há interesse político em capacitar os professores para lidar com minorias, o discurso tem sido outro: “odeio o termo 'povos indígenas', odeio esse termo. Odeio. O 'povo cigano'. Só tem um povo nesse país. Quer, quer. Não quer, sai de ré”. Até o momento, não foram tentadas medidas criativas que poderiam proporcionar ao aluno em viagem a continuidade dos estudos (utilizando a internet para tal, o que com a Pandemia e o período de aulas remotas mostrou-se viável).

O que tem sido praticado e continuará, com Currículo Paulista ou sem ele, é a exclusão. O aluno com defasagem será literalmente empurrado para os próximos anos, “que saia logo da escola”. O aluno em viagem nem falta lhe será atribuída para não cair nas contas das evasões.

A escola exercendo o seu papel, pondo na forma os que cabem nela e usando os que não encaixam como exemplos daquilo que o normal não pode ser, daquilo que o normal precisa aprender a esconder, não dar nome, porque monstros devem ficar bem distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fixados em Santa Fé do Sul-SP em processo que teve início no final dos anos 1950, acompanharam a propaganda do futuro progresso na região noroeste paulista e por causa da fundação da cidade conseguiram comprar seus primeiros terrenos e depois construir suas primeiras casas.

Em barracas e acampando próximo a riachos percorriam todo o país alcançando até países vizinhos, em todo o trajeto praticavam o comércio que lhes garantiu os recursos necessários para sua fixação. Sobreviventes de um mundo que já não mais existe os phurê, ciganos velhos, cresceram em um mundo hostil, que lhes atribuiu valores dos quais desconhecem e negam. Estes estereótipos ainda custam caro a eles, saem de forma dolorida, buscam a todo instante mostrar que quem pensa que os calon são criminosos está equivocado.

Neste mundo distante onde aos poucos construíram sua parada em Santa Fé do Sul não havia escolas, mas em um país no qual a maioria da população era analfabeta isto não foi empecilho para conseguirem estabelecer comércio, vendendo cavalos, ouro ou miudezas, de porta em porta ou para compradores tradicionais.

A alteridade foi sentida de forma diversa, enquanto o senhor Oscar buscou preservar ao máximo a pureza da “raça”, casando-se com uma calin e insistindo para que seus filhos fizessem o mesmo, converteram-se a uma nova religião na qual não havia espaço para requisitos típicos de sua cultura, como a leitura de mãos, cartas e a devoção à Santa Sara. Já para o Senhor Sebastião a troca de cultura com o gadje simbolizou uma evolução, diferente dele seus filhos e netos estudaram, mesmo com as evasões e problemas na escola, aprenderam a ler e escrever, provando que quando o cigano quer ele aprende.

Mas para ambos a alteridade foi responsável pela abertura do grupo, pessoas que desconhecem a cultura vêm enfraquecendo as tradições e, com isso, os ciganos mais velhos não têm controle sobre o grupo.

Residindo na cidade desde os primeiros anos de sua formação, os calon misturaram suas culturas, trocaram elementos e passaram por constantes adaptações (alterações na religiosidade, nas relações com os gadje, nas relações de trabalhos formais).

Com o tempo, substituíram as viagens a cavalo e a pé pelas viagens feitas de caminhão e carro, a moradia que era barraca foi substituída pelas casas de alvenaria, umas mais sofisticadas, outras nem tanto, mas como relataram é muito melhor dormir em uma casa do que em uma barraca.

Seis décadas após a fixação, alguns membros mais jovens do grupo concluíram a educação superior, entre estes, mulheres, o que demonstra uma crise dentro das tradições patriarcalistas principalmente no controle sobre o corpo feminino, uma vez que hoje existe maior independência entre as mulheres.

Os idosos reclamam a falta de contato com os mais jovens, estes, por sua vez, acompanham as tendências virtuais com seus perfis nas redes sociais. Nelas, fazem “lives” explicando características de sua cultura ou, como a maioria dos jovens usuários de redes sociais, ostentando fotos com filtros.

Como mencionado em outros momentos, a pandemia foi um empecilho para a realização das entrevistas, mas não o único, a falta de registros sobre o grupo em órgãos públicos foi um entrave.

Por mais que sejam ativos e presentes na história da cidade, são ainda invisibilizados, inominados, escondidos pelo poder público, pois há uma carência estúpida do Estado para com a comunidade, seja na falta de representação em uma cidade marcada por sua presença, seja na falta de políticas que poderiam reduzir os casos de violência e de evasão escolar.

Sempre dispostos a conversar e hospitaleiros os membros do grupo se mostram abertos para os gadje que procuram entendê-los melhor e precisamos, já que sabemos muito pouco sobre sua cultura e por pouco a mesma poderá se perder⁵⁸.

Os calon de Santa Fé do Sul são parte de uma construção histórica milenar, muito distante, que chegou até a cidade após gerações e gerações de pessoas que sobreviveram ao preconceito e à discriminação e que aprenderam a burlar regras, tradições e fronteiras em nome de uma liberdade que os coloca sempre na contramão de visões imperialistas e homogêneas. A cultura cigana é de resistência e pode nos ensinar muito sobre como superar Estados, Governos e sistemas econômicos.

Em suas narrativas ficam marcados valores que destoam dos que o senso comum lhes impugnou, pois são honrados, amigos, fiéis, são negociantes, mas não são desleais e talvez o que mais os diferenciem é que não reclamam quando são enganados ou tomam prejuízo de um gadje, o que não acontece quando ocorre o contrário.

Com as “janelas” que foram sendo abertas a cada ponto abordado, chego à conclusão de que muito precisa ser estudado sobre essa comunidade, coisas que poderão nos ajudar a entendê-los e a aprender com eles, principalmente.

⁵⁸ Espero que este trabalho possa contribuir para a criação de materiais que sejam utilizados por educadores, em formato de cartilha ou material didático, e que possam chegar até as comunidades rom e às escolas que recebem esse público.

Infelizmente a Pandemia ceifou a vida de vários membros do grupo, como forma de sobrevivência, neste período, eles tiveram que separar os seus idosos, o que tem custado muito para estes, visto que ciganos vivem no coletivo, com os filhos e irmãos por perto. O cigano fora do seu grupo não se sente completo, por isso, o sofrimento do isolamento para idosos tem sido pior.

Devido à Pandemia, vários alunos calou não acompanharam as aulas remotas o que irá resultar em uma defasagem que dificilmente serão sanadas dada a realidade da educação no país. E devido ao momento político em que vivemos, com seus extremismos e revanchismos, com o surgimento de grupos neonazistas e discursos fascistas cada vez mais enraizados no senso comum, temo pelo futuro e como os calou serão tratados pela sociedade.

Deixei minhas impressões sobre como devemos pensar nos rom dentro das Universidades Públicas para o fim, pois no decorrer de todo este trabalho me deparei com inúmeros novos objetos de pesquisa que devem ser parte de pesquisas desenvolvidas no seio acadêmico. Os programas de Pós-graduação devem abrir linhas que contemplem estas comunidades e, quem sabe e que bom que aconteça, surjam vagas destinadas a estas pessoas, por meio de cotas ou bolsas, tal ambição me foi compartilhada pela advogada Lhuba, no Rio de Janeiro, e pela cirurgião-dentista Jociara, em Santa Fé do Sul-SP.

Tais ações gerariam visibilidade, proporcionando para este grupo o tal “lugar de fala”, que não pode ser limitado somente quando alguém de fora, como no meu caso, tem curiosidade ou necessidade de um objeto de estudo para apresentar para um programa.

Sobre o poder público, falta muito incentivo, políticas, espaços, falta plano de Ensino, faltam ações culturais, museus, entre tantas outras coisas.

Nas entrevistas e demais momentos em que mantive contato com pessoas do grupo, ficou explícito que são abertos ao diálogo e possuem interesse muito grande no futuro de suas crianças e jovens, o que poderá ser um facilitador para futuras pesquisas sobre o grupo.

Na sequência, aponto alguns possíveis estudos futuros que ajudarão na preservação da cultura e conquista de direitos para os membros do grupo.

1. Estudos relacionados ao universo feminino dentro das culturas rom;
2. Estudos sobre a espiritualidade e práticas como Gao, Cartomancia, Mendicância;
3. Estudos decoloniais;
4. Estudos linguísticos;
5. Produção de materiais que viabilizem políticas públicas que atendam às demandas do grupo;

6. Produção de materiais que viabilizem a formação e capacitação de profissionais da educação.
7. Influência dos rom na cultura brasileira.

Espero que este estudo possa incentivar maior abertura da sociedade para os ciganos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. **Memórias de um sargento de milícias**. Editora Via Leitura, São Paulo, 1988.
- AMADO, J. **Tocaia Grande: A face obscura**. Editora Record. Rio de Janeiro, 1985.
- AGUIRRE, J. **História de las Itinerancias gitanas: de la India a Andalucía**. Zaragoza. Institución Fernando el Católico, 2006.
- ANDRADE JÚNIOR, L. Os ciganos e os processos de exclusão. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, n. 66, pp. 95-112, 2013.
- ARISTICTH, J. **Verdade sobre nossas tradições**. Brasil: Editora Irradiação Cultural, 1995.
- BAKUNIN, M. **Deus e o Estado**. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: HEDRA, 2011.
- BASTOS, J. G. D. F. P. (2012). **Portugueses ciganos e ciganofobia em Portugal**. Lisboa: Colibri, 2012.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1999.
- BIERNÈS, J. Subject, Insertion, langages et territoires. **Publibook**, ISBN: 9782342024173. Paris, 1970.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: editora Vozes, 16ª edição, 2018.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: editora Unesp, 2004.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: editora Zahar, 2ª ed., 2008.
- CANDIDO, A. **Dialética da malandragem**. In: **O discurso e a cidade** (pp-123-152). São Paulo, Editora Ouro Sobre Azul, , 1993.
- CAIRUS, B. G. **A construção das identidades ciganas no Brasil**. São Paulo, Jornal da USP Especial, 2014.
- CASA-NOVA, Maria José. A relação dos ciganos com a escola pública: contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional. **Revista Interações**, n. 2, pp. 155-182 (2006). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55608821.pdf>. Acesso em 20 de março de 2020.
- CAVALCANTE, L.; COSTA, E.; CUNHA, J. Acampamentos “ciganos” 2017: os desafios da implementação de direitos. **Portal periódicos UFPE**, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2017.
- CERTEAU. M. **A invenção do cotidiano. Artes de Fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 22ª Edição, 2ª. reimpressão, 2017.

CIDADAONET. **Ranking aponta escolas públicas de Santa Fé como as melhores do Brasil.** Jornal virtual. Disponível em: <https://www.cidadaonet.com.br/noticia/ranking-aponta-escolas-publicas-de-santa-fe-como-as-melhores-do-brasil>. Publicado em: 2008. Acesso em: 8 de outubro de 2019.

COELHO, A. **Os ciganos de Portugal.** Lisboa: Dom Quixote, 1892(1995).

COHEN, J. J.; GIL J.; HUNTER, I.; SILVA, T. T. (org.). **Pedagogia dos Monstros - Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COSTA, Elisa; VASCONCELOS, Marcia; RIBEIRO, José. **Dados oficiais sobre os povos romani (ciganos) no Brasil-2013.** Brasília - DF: AMSK/Brasil, 2013.

CUNHA, E. **Contrastes e Confrontos.** São Paulo: Cultrix, 1975.

DEBRET, J. B. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.** 6.^a ed. São Paulo: Martins. Brasília: INL, tomo I, v. II [1834], 1975.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, M. M. **Moda divina decadência:** ensaio psicanalítico. São Paulo: Hacker Editions Cespuc, 1997.

DONOVAN, Bill M. **Changing Perceptions of Social Deviance: Gypsies in Early Modern Portugal and Brazil,** São Paulo, *Jornal de História Social*, v. 26, n. 1, 1992.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: Uma Introdução.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

FAGIC, 2020. **El Pueblo Gitano.** Federación de Asociaciones Gitas de Catalunã. Disponível em: <http://www.fagic.org/el-pueblo-gitano/>. Acesso em: 8 de outubro de 2020.

FAZITO, D. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. São Paulo, **Revista Antropológica**, vol. 49, n. 2, 2006.

FERRARI, F. Ciganos Nacionais. São Paulo: USP. **Acta Literaria** n. 32, pp.79-96, 2006.

FERRARI, F. Figura e fundo no pensamento cigano contra o Estado. São Paulo. **Revista da USP**, vol. 54, n. 2, 2011.

FERREIRA, A. C; BEZERRA, H. G.; LUCA, T. R. (orgs.). **O historiador e seu tempo.** São Paulo: Editora Unesp, 2008.

FRASER, Angus. **Gypsies (Peoples of Europe).** 2.^a ed. Oxford: Blackwell, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 14.^a ed. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 1985.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- GLEZER, R. **Ser historiador no século XXI**. São Paulo: Repositório USP, 2014.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA **Delta Larousse**. Rio de Janeiro: Editora Delta, pp.1662-1664, 1973.
- GUIMARÃES, M. T. S. O extermínio de ciganos durante o regime nazista. **História e Perspectivas**. Uberlândia. n. 53, jan./jun. 2015. pp. 349-369.
- GUIMARÃES ROSA, J. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.
- GUIZZETTI, F. Faça orações de Santa Sara. Disponível em: <https://www.terra.com.br>. Acesso em 20 de maio de 2021.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. 12ª edição [s.l.]. Editora Lamparina, 2020.
- HESPANHA, A. M. **Imbecillitas**: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime. São Paulo: Annablume, 2010.
- HILKNER, R. A. R. **Ciganos**: Peregrinos do Tempo - Ritual, cultura e tradição. Campinas - SP: [s.n.], 2008.
- HUGO, V. **Notre-Dame de Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HUIZINGA, P. **Sociedade Obscura**. Objetiva, Rio de Janeiro, 1984.
- KARNAL, Leandro. A Formação da Nação. In.: KARNAL, Leandro (org.). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas - SP: editora da UNICAMP, Coleção Repertórios, ed. atualizada, 2013.
- LEITE, D. O. **O caráter nacional brasileiro**. 8ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- LEVI, G. O. Trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, v. 20, DOI: 10.5533/TEM-1980-542x-2014203606. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.
- LUCA, T. R. **Práticas de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020.
- MATUOKA, I. **Educação de ciganos no Brasil é marcada por preconceito**. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/09/26/educacao-de-ciganos-brasil-e-marcada-por-preconceito/>. 2018. Acesso em: 31 de outubro de 2019.

MELLO, M. **Os Ciganos do Catumbi: de "andadores do Rei" e comerciantes de escravos a oficiais de justiça da cidade do Rio de Janeiro.** Cidades Comunidades e Territórios, [s.l.], v. 18, p.79-92, 2009.

MELLO, M. F. **Os Ciganos no Brasil:** contribuição ethnographica. Rio de Janeiro: B.L. GARNIER, 1886. (2018) Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/224212>. Acesso em: 5 de maio de 2020.

MELLO, M. M. Mimesis, dúvida e poder: divindades hindus e espíritos de colonizadores na Guiana. **Horizontes Antropológicos** [On-line], n 56. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/4152>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

MENINI, N. C. R. **Do Reino para o ultramar: o degredo dos ciganos no Império Português.** ANPUHRIO, Rio de Janeiro, 2014. Mestrado em História, IFCH/UNICAMP. Campinas - SP, 2002.

MICELI, P. **O ponto onde estamos:** viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, século XV e XVI). 4ª edição, Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2008.

MOONEN, F. Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil. **Revista Digital**, 3ª edição, Recife, 2011. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/anticiganismo.pdf. Acesso em: 6 de maio de 2020.

NEGRI, A.; GUATTARI, F. **As verdades Nômades:** por novos espaços de liberdade. São Paulo: Autonomia Literária e Editora Politeia, 2017.

PIERONI, G. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas:** os degregados do Brasil Colônia. Rio de Janeiro: editora Bertrand, 2006.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho:** Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Proj. História, 1997a.

RADAR. **Valdir Apolinário Presidente da MACI conta sobre missões em comunidade cigana.** Disponível em: <http://www.radarmissionario.org/valdir-apolinario-presidente-da-maci-counta-sobre-missoes-em-comunidade-cigana/>. Publicado em 2006. Acesso em: 8 de outubro de 2019.

RIBEIRO, S. L. S.; KAMENSKY, A. P. dos S. O. Gostaria de ouvir todas as histórias que puder. Todas. - Entrevista com o Professor Dr. José Carlos Sebe Meihy. **Revista Iberoamericana Do Patrimônio Histórico-Educativo.**- RIDPHE_R. n.4(2), pp. 220-235, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/issue/view/394>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

ROMÁN, T. S. **La diferencia Inquietante:** viejas y nuevas estrategias culturales de los gitanos. Madrid: Siglo XXI, 2010.

RUDE, G. **A multidão na história.** Rio de Janeiro: Campos, 1991.

SAINT-HILAIRE, A. M. **Viagem à Província de São Paulo.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed.USP [1851], 1976.

SANTOMÉ, F. T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo: Alienígenas na Sala de Aula.** Tomaz Tadeu da Silva (org.), Petrópolis/RJ: editora Vozes. 5ª reimpressão, 2019.

SEBE, J. C.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e Narrativas: história oral aplicada.** São Paulo: Editora Contexto, 2020.

SILVA, A. M. **Dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Lisboa. Empr. Litteraria Fluminense: Adolpho Modesto. 1789. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242523>. Acesso em: 8 de maio de 2020.

SILVA, T. T.; (org.), HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15ª edição, [s.l.]. Editora Vozes, 2014.

SKLIAR, C. **Pedagogia (Improvável) da Diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goularte Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STANESCON, M. **Lilá Romani – Cartas ciganas – o verdadeiro oráculo cigano.** São Paulo: LEOGRAF, 2007a.

STANESCON, M. **Povo Cigano – o direito em suas mãos.** Governo Federal, Brasília, 2007b.

TEIXEIRA, M. C. O. Direito à educação nas constituições brasileiras. **Revista Metodista.** São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revista-metodista/index.php/RFD/article/viewFile/464/460>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

TEIXEIRA, R. **Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808-1903).** Dissertação de Mestrado. 1998. 225 p. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1998.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil.** Núcleo de Estudos Ciganos. Recife, 2008.

THOMPSON, E. P. **A história vista de baixo.** Campinas: Editora Unicamp, 2001.

TOLSTÓI, L. N. **A morte de Ivan Ilitch.** Porto Alegre: L&P, 2019.

TOMA, Maristela. **Imagens do degredo: história, legislação e imaginário (a pena de degredo nas Ordenações Filipinas).** 2002. 207p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279178>. Acesso em: 1 de agosto de 2018.

TOMAZ, Tadeu Silva. **O Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TRESOLAVY, R. L. (org.). **Ciências humanas e sociais aplicadas. SOMOS SISTEMA DE ENSINO, Brasil,** 2020.

TSUTSUI, P. F. Imprecisão conceitual de povo e nação. Revista *Online Conteúdo Jurídico*. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/consultaArtigos/37369/imprecisao-conceitual-de-povo-e-nacao>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

UNESCO. Convenção relativa à Luta contra a Discriminação no campo do Ensino Adotada a 14 de dezembro de 1960 pela **Conferência Geral da UNESCO**, em sua 11^a sessão, reunida em Paris de 14 de novembro a 15 de dezembro de 1960. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 8 de maio de 2020.

WELCH, C. A. **Jôfre Corrêa Netto. Capitão Camponês (1921-2002)**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

WELCH, C. A. O atentado: tentando encontrar a história nos relatos de um assassinato que não houve. **Projeto História**. São Paulo, n. 35, pp. 63-95, dez. 2007.

APÊNDICE A - NOTAS SOBRE SANTA SARA

Apontada por Dan Brown em o Código da Vinci de 2003 como sendo filha de Jesus com Maria Madalena e, portanto, o “Santo Graal⁵⁹”; Sara (hebraico: princesa) Kali (escuro: sânscrito), tem sua imagem exposta na Igreja de Saint Michel (Notre-Dame de La Mer), em Saintes-Marie-de-La-Mer, na França. Na igreja está sua suposta ossada. Ela foi canonizada como padroeira dos ciganos em 1712.

Nos dias 24 e 25 de maio, a região recebe rom (ciganos) de todas as partes do mundo e por todo o mundo são feitas festas em homenagem à padroeira. Ela usa um véu e é coberta de lenços, o véu devido à sua promessa e os lenços porque é protetora da maternidade. A cada pedido atendido, seus devotos deixam outro lenço (diklô) nos seus pés.

Sara teria chegado à França em um barco junto com Maria Jacobina (irmã de Maria e tia de Jesus), Maria Salomé (mãe de Tiago e João), Maria Madalena, Marta, Lázaro e Maximínio, ambos teriam sido lançados ao mar para serem mortos e Sara Kali teria feito uma promessa, se não morressem, ela usaria para sempre um véu na cabeça. Chegando ao litoral, teriam sido acolhidos por ciganos que, desde então, tornaram-se devotos à fiel seguidora de Cristo.

De acordo com a tradição, era originária de Berenice no Egito, algumas lendas a apontam como serva de uma das mulheres que seguiam Jesus ou até mesmo como sendo serva de Maria e a parteira de Jesus (daí sua proteção à maternidade).

Na Igreja Católica é vista como uma santa regional. Também há devotos de Santa Sara na Umbanda e na época de sua festa várias pessoas pedem para que ela os ajude a encontrar o amor, como se pode observar em: Oração para Atrair um Amor de Santa Sara Kali:

Amada Santa Sara! No silêncio de minha alma, dirijo-me a vós e peço-vos, com todo o amor, que perdoe a mim e aos meus semelhantes que por ventura tenham me causado mal, proposital ou sem querer. Eu os perdoo também, pois sei que és única e verdadeira rainha cigana, que abençoa e ampara a todos! Sendo cigana ou não, pois sei que tens muita luz para entender a pequenez humana, e sei que sabeis que não és propriedade de ninguém, inclusive de etnias sendo um espírito de muita luz, indo além disso tudo! Qualquer ser humano que se dirija a vós será amparado e abençoado por vossa luz! Santa Sara, nos ampara, abra nossos olhos espirituais para que não sejamos vítimas das injustiças e das maledicências. E que não tenhamos inimigos, pois todos

⁵⁹ Dan Brown utilizou-se das polêmicas apresentadas em “The Holy Blood and The Holy Grail” de Michael Baigent, Richard Leigh, Henry Lincoln, lançado no Reino Unido pela Editora Jonathan Cape, que gerou várias críticas e rendeu muitas teorias conspiratórias. Segundo os autores, a Igreja escondeu a linhagem de Santa Sara para preservar a ideia de um Jesus sem contato com mulheres, ela, portanto, seria o maior segredo da Igreja – o Santo Graal.

nós somos irmãos! E que eu pratique a luz, a devoção á vós e que nunca aja de forma cruel com meus semelhantes, e que eles não se tornem cruéis, incluindo os que professam a vossa devoção! Pela alegria dos ventos, da lua cheia, do sol que nos ampara, através do fogo divino, pelas águas abençoadas que nos fornece a vida e o alimento pela terra que piso com orgulho de ser sua devota, recorro a vós pedindo: amor, paz, luz, sorte, saúde para mim e minha família! Agradeço-te, também, pela energia de luz que recebo neste momento. Eu que oro e recebo de vós a luz que necessito (pedido). Pelas fitas coloridas, pelas rendas, pelas músicas alegres do povo cigano, dedico esta prece para todo povo cigano e criaturas da natureza. Amém. (Franco Guizzetti, 2021, *s/p*).

Os rom, mesmo devotos de uma santa canonizada, não são católicos e quando passam a fazer parte de algum sistema religioso que proíbe a adoração de imagens e santos não são tratados de modo diferente pelos devotos. Para os rom, sua ligação de parentesco é sanguínea, portanto, nada que venha a romper com a cultura pode mudar sua condição de cigano.

APÊNDICE B - GRUPOS ROM

Em 1971, o Congresso Mundial Romani passou a questionar termos exônimos (como são conhecidos em outras línguas diferentes da sua), assim, foi decidido que o termo correto para mencionar os clãs seria ROM.

Podem-se encontrar várias formas de mencioná-los: ROMA, BOÊMIOS, GITANOS, JUDEUS (em Minas Gerais), QUICOS. Na Europa Centro-Oriental eram chamados de ROMA, na Alemanha, Itália e França, SINTI ou MANOUCH, enquanto que na Península Ibérica, CALÓ. No Reino Unido e países que falam o inglês, ROMICHALS e GIPSYS.

A palavra cigano tem origem do Grego ATZINGANOS (intocáveis) e do castelhano (gitano).